

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO**

WANDERLEY ALVES DOS SANTOS

**LITERATURA E HISTÓRIA EM QUADRINHOS (HQ)
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

**GOIÂNIA
2015**

WANDERLEY ALVES DOS SANTOS

**LITERATURA E HISTÓRIA EM QUADRINHOS (HQ)
NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de Mestre em Ensino na Educação Básica.

Área de Concentração: Ensino na Educação Básica

Linha de Pesquisa: Concepções teórico-metodológicas e práticas docentes

Orientadora: Profa. Dra. Maria de Fátima Cruvinel

GOIÂNIA

2015

Dedico este trabalho a todos os estudantes, crianças e jovens, do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação – CEPAE/UFG – e licenciandos em artes visuais, estagiários da Faculdade de Artes Visuais - FAV, que sempre demonstraram respeito, amizade e consideração para comigo na relação professor-aluno.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Goiás e ao Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação, por oferecerem um Programa de Pós-Graduação voltado para a Educação Básica e por permitirem a qualificação de profissionais nessa área.

À coordenação do Programa, pelo suporte prestado durante o curso.

Aos professores do Programa, pelas orientações dadas dentro e fora da sala de aula e pelo constante incentivo à pesquisa.

Aos membros da banca de qualificação, por suas contribuições durante o exame.

À minha orientadora, Profa. Dra. Maria de Fatima Cruvinel, por acreditar neste trabalho e pela paciência, dedicação e orientação durante todo o percurso.

Aos departamentos de Português, Física e Língua Estrangeira, de fundamental importância à realização para a execução da experimentação da unidade didática na sala de aula.

Aos colegas de curso, pelos trabalhos em conjunto, o que motivou e reafirmou nosso compromisso e responsabilidade como educadores.

Aos sujeitos da pesquisa, que prontamente se dispuseram a colaborar com a atividade e compreenderam a importância deste estudo para minha formação.

A arte interpreta o mundo e dá forma ao informe, de modo que, ao sermos educados pela arte, descobrimos facetas ignoradas dos objetos e dos seres que nos cercam.

Tzevan Todorov

RESUMO

A formação leitora na educação básica é um desafio na sociedade contemporânea, marcada pelas práticas digitais e pela abundância de visualidades, o que exige ampliar as possibilidades de abordagem dos gêneros discursivos, entre os quais o literário. A literatura – assim como outras expressões de arte – é compreendida como um direito do ser humano, porque vital e transformadora (CANDIDO, 2010), e por isso mesmo precisa se constituir, efetivamente, como objeto de práticas mediadas pela escola que, para grande parte de crianças e jovens, é lugar exclusivo de acesso à leitura literária. É dessa possibilidade de garantir que jovens escolares possam vivenciar experiências estéticas que a presente pesquisa trata, ao investigar e propor o diálogo interdisciplinar entre literatura, especialmente a considerada clássica, e artes, na forma de história em quadrinhos (HQ). O acesso às diversas linguagens artísticas em diálogo com a cultura visual deve ser uma preocupação da escola (BARBOSA, 2010). Imersa num amplo universo da cultura visual a que estão expostos os sujeitos contemporâneos, a HQ pode ser abordada na escola como possibilidade de aproximação das artes visuais, em diálogo com a literatura. Com base em pressupostos que norteiam a ação pedagógica no ensino de artes visuais e literatura, no conceito de letramento literário (PAULINO; COSSON, 2009), e na concepção de semiose (SANTAELLA, 2012), esta pesquisa traz um projeto de leitura envolvendo o romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, e duas versões da mesma obra na linguagem da HQ, desenvolvido com estudantes de ensino médio. A aplicação do projeto, concretizado na forma de sequência didática, indica a confirmação da hipótese de que a associação entre as disciplinas literatura e artes visuais pode provocar nos jovens alunos maior interesse pela leitura literária, além de promover a vivência da apreciação artística, contribuindo, conseqüentemente, para a efetiva experiência estética no meio escolar e para a formação leitora. A referida produção, em formato de revista HQ, incluída como apêndice neste trabalho, configura-se como produto sequência didática da pesquisa.

Palavras-chave: Ensino de Literatura. Ensino de Artes. História em Quadrinhos (HQ) *Dom Casmurro*. Educação Básica.

ABSTRACT

The reading training in basic education has been a challenge in contemporary society, characterized by digital practices and by the abundance of visual elements, which requires expanding the possibilities of discursive genres approach, among which the literary genre is included. The literature - as well as many other art expressions - is understood as a right of the human being, as it is vital and transformative (CANDIDO, 2010), and because of that, it needs to become, effectively an object of practices mediated by school where, according to, many children and young people, it is a place of unique access to literary reading. The present research is about the possibility of ensuring that young students can experience aesthetic experiences, by investigating and proposing the interdisciplinary dialog between literature, especially the classic ones and the arts, in the form of comics. The access to many artistic languages, interacting with the visual culture must be a school concern (BARBOSA, 2010). Immersed in a broad universe of visual culture to which the contemporary people are exposed, the comics as a subject can be addressed in the school as a possibility of approximating the visual arts, in dialog with the literature. Based on assumptions that guide the pedagogical action in teaching visual arts and literature, the concept of literary literacy (PAULINO; COSSON, 2009), and by the notion of semiosis (SANTAELLA, 2012), this research presents a reading project involving the novel *Dom Casmurro* written by Machado de Assis, and two versions of the same literary work in a comic version, developed with students from high school. The project implementation, developed in the form of didactic sequence, indicates the confirmation of the hypothesis that the association between the subjects; literature and visual arts can draw young students attention to the literary readings, and it also leads students to artistic appreciation, adding to the effective aesthetic experience in the educational field and to the reading training. This mentioned production in comic of formatted, presented as an appendix in this paper, and represents the didactics sequence research product.

Key words: Literature Teaching. Arts Teaching - Comics - *Dom Casmurro*. Basic Education.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	16
1. LETRAMENTO E LITERATURA	20
2. ARTES VISUAIS E A CULTURA VISUAL.....	30
3. A LITERATURA EM DIÁLOGO COM A HISTÓRIA EM QUADRINHOS	51
4. <i>DOM CASMURRO</i> : DO TEXTO LITERÁRIO À HQ.....	62
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	87
REFERÊNCIAS	90
APÊNDICE	93

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A sociedade contemporânea está interconectada: redes sociais, plataformas multimidiáticas, abundância de visualidades, exigindo a atenção crítica do ser humano. As chamadas Novas Tecnologias de Informação e Comunicação e suas inúmeras ferramentas digitais foram rapidamente assimiladas e indiscutivelmente facilitaram a vida, sobretudo no que diz respeito à comunicação e ao acesso ao conhecimento. No meio escolar, é inquestionável a interferência dessas tecnologias no processo de formação de crianças e jovens da chamada geração digital. Por essa razão, e para além dos desdobramentos da democratização da escola, os processos de letramento são hoje determinados por múltiplas implicações que influenciam as práticas relacionadas ao uso da escrita.

Em decorrência dessas novas tecnologias, novas formas de comunicação surgiram, resultando em novos gêneros discursivos, alguns dos quais passaram a se constituir como conteúdo da disciplina língua portuguesa. No âmbito das práticas de leitura, ao lado dos vários discursos, permanece o literário, ainda acessado, predominantemente, por meio impresso. Mas o que pesquisas sobre a prática leitora escolar de literatura têm demonstrado é o desinteresse dos jovens pela leitura literária, especialmente a de textos considerados clássicos. Diante disso, e por acreditar na importância da presença efetiva da literatura na escola, acredita-se que a transmutação de textos literários para outras linguagens, por exemplo, a visual, por ser mais atraente aos jovens escolares, pode favorecer seu interesse pelas obras da literatura.

Assim, o presente trabalho de pesquisa tem como interesse problematizar a formação de leitores literários na escola, mediante uma proposta de aproximação entre duas linguagens de diferentes campos: as letras e as artes. Mais precisamente: a literatura, no gênero romance, e a arte visual, na forma de arte sequencial, mais conhecida como história em quadrinhos (HQ). Este trabalho pretende, objetivamente e por meio de um projeto de leitura, afirmar a possibilidade de mobilizar o jovem leitor escolar para a leitura de um romance clássico da literatura brasileira, a partir da leitura HQs que recriam o referido romance. Para tanto, apresentam-se considerações teórico-críticas que devem sustentar a reflexão que se pretende desenvolver e, igualmente, subsidiar o projeto de leitura desenvolvido no ambiente escolar, aqui materializado em uma proposta de Sequência Didática.

Organizado em quatro capítulos, este trabalho traz, no primeiro, uma breve exposição sobre o conceito de letramento, seus fundamentos, principais expoentes e suas implicações no

meio escolar (STREET, 2010; SOARES, 2010); desse conceito, desdobra-se a concepção de letramento literário (PAULINO, 2009; COSSON, 2009), uma vez que o foco da pesquisa é a formação leitora especificamente do gênero literário. O interesse é realçar a função social do letramento literário, sobretudo reafirmar o direito à literatura, como um bem cultural transformador (CANDIDO, 1995). Parte-se do princípio de que não há letramento literário sem leitura de textos literários. Dessa premissa, depreenda-se a crítica à prática comum, no meio escolar, de abordagem da literatura restrita às observações históricas sobre tendências literárias, aos resumos secos, denegando o acesso ao texto e à experiência estética possível no ato de ler.

O segundo capítulo discorre sobre a importância da linguagem visual e de sua dinâmica didática no meio escolar, dado que se trata de uma sociedade fortemente mediada por imagens digitais e determinada pela cultura visual (BARBOSA, 2005; 2010). A proposta de abordar a arte na educação, como manifestação pessoal e como expressão da cultura, pode favorecer uma análise crítica dos meios visuais contemporâneos, sem, contudo, se ater a isso. O propósito é defender a presença, na escola, das artes visuais, seus métodos, modos de fazer e pensar, para construir com os estudantes um contra-discurso visual frente à sociedade que deseja um sujeito proativo, capaz de propor inovações.

A análise, tal como proposta da cultura visual, permite compreender os interesses ocultos na produção contemporânea, marcadamente estimuladora de consumismos, vícios e excessos de toda ordem. Tal é a abordagem desveladora dos estudos da cultura visual. Neste contexto, é necessário compreender a estética como necessária, não como algo perverso. No meio escolar, é preciso oportunizar aos jovens, o acesso à linguagem artística visual, somada, claro, com a nova abordagem da cultura visual, que não pode se divorciar das artes, mas tê-la com força integradora para uma ação humanizadora.

Para uma maior imersão no campo da arte sequencial ou da linguagem dos quadrinhos, apresentam-se considerações sobre esse gênero, pela ótica do quadrinista e professor norte-americano Will Eisner, que desenvolve método de ensino da linguagem da arte sequencial, aqui exposto sucintamente.

Como a proposição deste trabalho parte da associação entre diferentes linguagens, propõe-se abordar essa relação da perspectiva da intersemiose, com base numa brevíssima visita aos estudos de semiótica (ECO, 2014; SANTAELLA, 2012). O que se pode dizer é que toda linguagem, visual, escrita, falada, toda expressão humana ou não, pode se enquadrar nessa abordagem, conforme explicam os semioticistas. Por esse caminho, chega-se à intersemiose, que é a transposição de determinado conteúdo estético para outro sistema

sígnico; para alguns autores, tradução intersemiótica. É desse aspecto que trata o terceiro capítulo: o diálogo entre a literatura e a história em quadrinhos, como possibilidade pedagógica de interesse ao leitor da era digital e visual. Trata, ainda, da prática cada vez mais frequente das editoras a transmutação de textos da literatura, especialmente os clássicos, para a linguagem da Arte Sequencial (HQ), a exemplo do romance em questão neste trabalho.

O quarto capítulo destina-se à apresentação da proposta de Sequência Didática, à qual se intitulou “*Dom Casmurro*: do texto literário à HQ”. Tal Sequência Didática foi desenvolvida pelo autor desta pesquisa (professor-pesquisador) em uma turma de alunos do 2º ano do Ensino Médio, turma B, do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás/CEPAE-UFG¹. Constituem-se sujeitos da pesquisa esses alunos, que foram expostos, por solicitação da professora de língua portuguesa da turma e em atendimento ao programa de curso da disciplina, à leitura da obra do escritor brasileiro Machado de Assis, mais especificamente ao romance *Dom Casmurro*, e que, *a posteriori*, no decorrer da prática prevista no projeto de leitura incluso nesta pesquisa, foram expostos à leitura da obra *Dom Casmurro*, na linguagem de HQ, sendo uma edição de autoria de Ivan Jaf (roteiro) e Rodrigo Rosa (arte); outra de Felipe Greco (roteiro) e Mario Cau (arte). O processo, documentado em formato de narrativa viva da experiência, propõe-se como sugestão de possível ação didática interdisciplinar, entre literatura e artes visuais, a fim de estimular a formação leitora dos sujeitos escolares.

A narrativa apresenta-se permeada por fotos dos trabalhos, do ambiente didático, bem como dos sujeitos em processo de execução da Sequência Didática, recurso visual de interesse para este trabalho, que tem como foco a força da imagem. É importante destacar que as etapas de que se constitui a Sequência Didática se colocam como possibilidades, podendo a proposta ser enriquecida, desdobrada por outros profissionais da educação interessados nesse tipo de prática, considerando que o campo da intersemiótica permite diversas abordagens pedagógicas.

Por fim, não se poderia deixar de falar do produto final, uma exigência em uma pesquisa que tem como principal finalidade a contribuição com a prática pedagógica dos profissionais da Educação Básica. Inserido como Apêndice, este produto se configura como uma revista didática, elaborada na linguagem das HQs, e tem o objetivo de mostrar, de forma resumida, os sete passos seguidos durante a aplicação do projeto de leitura idealizado e

¹ O Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE/UFG) é uma unidade de Educação Básica e campo de estágio dos cursos de licenciatura da Universidade Federal de Goiás, além de servir como campo de pesquisa. Atualmente atende cerca de 700 estudantes.

desenvolvido no decorrer da pesquisa. Constituem, ainda, como Apêndice: plano da Sequência Didática; atividades de análise comparativa; questionários e roteiro de debates.

Em época de intensas visualidades e conexões midiáticas, a leitura literária pode continuar a cumprir sua função humanizadora dos jovens escolares. Assim, o direito à literatura e às artes em geral deve ser defendido no universo escolar, por meio de práticas que possibilitem associar a dispersão própria das práticas contemporâneas visuais e a imersão comum à prática da leitura literária, contribuindo para um mundo mais humano e justo, porque mais sensível.

1. LETRAMENTO E LITERATURA

O letramento diz respeito, de um ponto de vista antropológico, às práticas sociais de leitura e escrita e aos valores atribuídos a essa prática em determinada cultura (STREET, 2010). Nesse sentido, a cultura não letrada ou letrada configura-se como um constructo ideológico que tem implicações sociais. Magda Soares (2010) faz referência aos tipos de letramento, dividindo-os em letramento digital e midiático, conforme estudos de Brian Street (2010).

O termo “letramento” foi introduzido no Brasil a partir dos anos 1980, em estudos de linguística aplicada das autoras Mary Kato e Leda Tffouni, Ângela Kleiman e Magda Soares tendo surgido no campo de ensino para adultos, ensino de prática de escrita no meio escolar (SOARES, 2010). O uso do termo não é tranquilo no Brasil: há um grupo que defende que a alfabetização engloba toda a questão social; outro compreende que as abordagens são diferentes, ou seja, alfabetização e letramento possuem fundamentos e práticas opostas. O posicionamento da autora é de que são diferentes, concordando com Street (2010) quando este chama a alfabetização de “letramento autônomo”. Diz Soares (2010, p. 55):

Parece-me, então, que já é tempo de refletirmos não propriamente sobre o que é letramento, ou sobre como desenvolver o letramento nas escolas ou no país, mas sobre o uso que vimos fazendo dessa palavra, sobretudo quando temos o privilégio de ter conosco o professor Brian Street.

Do ponto de vista etimológico, a palavra letramento vem do vocábulo inglês “*literacy*”, que, por sua vez, vem do latim *littera* (letra), com o sufixo -cy, que mostra qualidade. Aquele que aprende a ler e a escrever assume a condição de ler e escrever. A palavra letramento foi criada ao pé da letra do inglês “*literacy*”; é, assim, o resultado da ação de ensinar ou aprender a ler e a escrever, o estado que atinge o indivíduo ou grupo após ter se apropriado da escrita, ou seja, após fazer uso social da escrita. Soares (2000, p. 72) completa:

Aqueles que priorizam, no fenômeno letramento, a sua dimensão social, argumentam que ele não é um atributo unicamente ou essencialmente pessoal, mas é, sobretudo, uma prática social: letramento é o que as pessoas fazem com as habilidades de leitura e de escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais. Em outras palavras, letramento não é pura e simplesmente um conjunto de habilidades individuais; é o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social.

Um dos pesquisadores importantes na área do estudo de letramento é Brian Street, professor do King College de Londres. Seu nome ganhou notoriedade internacional no meio

acadêmico a partir do momento em que desenvolve a proposta de uso de programas de letramento. Seu texto, “Os novos estudos sobre o letramento: histórico e perspectivas”, foi publicado no Brasil em 2010 e é documento importante sobre o tema.

Nesse trabalho o estudioso inglês define diversos aspectos dessa nova abordagem para letrar a comunidade. Ele explica, define e defende a abordagem etnográfica para se desenvolver um projeto de letramento social, diferentemente das práticas dos organismos internacionais, que custeiam esses programas internacionais de letramento autônomo, focados em números e rendimentos lineares, desfocados da realidade local e social em que tentam intervir. Nesse viés, o autor aponta as contradições de um sistema de “letramento autônomo”, isto é, aquele que não tem compromisso social, local, regional e cultural, além de não possuir base etnográfica para sua fundamentação.

Em sua proposta, defende o letramento social, ou seja, uma abordagem etnográfica para fundamentar o letramento de uma comunidade. Ele cita como exemplo o Oriente Médio, lugar onde conviveu com professores descompromissados com a comunidade, seguindo projetos autônomos de letramento, desfocados da realidade cultural. Lá pôde observar que a discriminação aos valores locais e pessoais eclipsava o olhar dos professores e coordenadores desses programas de letramentos autônomos. Ele reitera, ainda, que o letramento social não coaduna com os projetos de organismos internacionais focados em interesses capitalistas aligeirados.

Ademais, demonstra que a abordagem do letramento social com base na etnografia se vale do universo cultural dos sujeitos, dele extraindo o que é significativo. Dessa forma, os eventos de letramento são ricos nessas sociedades. Basicamente, deixa claro que as imposições culturais e internacionais não levam em conta a realidade social dos indivíduos, o que tem implicações pesadas e negativas para uma comunidade, um povo. O letramento, na perspectiva adotada pelo professor Brian Street, deve obedecer ao imperativo da realidade do homem, da sociedade, do meio, de sua cultura. Para ele, somente a partir disso poder-se-á fazer um letramento digno, que valoriza o ser em sociedade.

O autor cita a experiência de letramento observada, dando ênfase às atitudes humanas, como quando, no Oriente Médio, uma comunidade era subvalorizada por professores em um programa de letramento autônomo. Por sua vez, ele observava as diversas oportunidades de letramento rico e interacional no meio socialmente discriminado. Pode haver muitos eventos de letramento, pois eles não são soltos no mundo, estão baseados em uma realidade vivida (STREET, 2010).

A novidade deste teórico é a defesa de que esses eventos são ponto de partida para a ampliação das práticas escritas de um ponto de vista mais crítico e humanista. Ele acredita que, a partir do momento em que os eventos de letramento de uma comunidade são reconhecidos e aproveitados pela elaboração de outros eventos de escrita e leitura situados socialmente, estão se formando seres humanos mais capazes de reconhecer sua posição no mundo e se valorizar como seres atuantes. O autor deixa bem marcada a diferença entre letramento autônomo (alfabetização), sem compromisso com a realidade social, e o letramento social, ou seja, aquele que se baseia em uma abordagem etnográfica. O teórico chega a descrever como fazer isso na formação de professores que atuarão no letramento social, levando-os, por exemplo, a caminhar pelas ruas de uma comunidade e descobrir nelas textos escritos em muros e falas das pessoas que possam servir de base para um programa específico de letramento, já que não se pode ter um programa universal, considerando as diversas realidades sociais humanas. Contudo, é possível universalizar o uso da etnografia para se fazer a sondagem e promover mudanças.

Por outro lado, o autor fala dos letramentos diversos que podem existir, a partir de uso expressivo de artefatos tecnológicos contemporâneos: televisão, computadores, celulares e outros, mas alerta para que não seja esquecido o componente social dessas tecnologias, que é o objetivo pelo qual existem. Nessa reflexão, chama esse letramento de “letramento digital”, por achar o termo mais adequado. Alerta, ainda, para o fato de que as práticas sociais determinam como usamos a tecnologia no meio social. Considerando a realidade contemporânea no uso das tecnologias, aponta caminhos para os usos pedagógicos dessas possibilidades. Como ilustração, podemos considerar os eventos recentes no Brasil, como os protestos coletivos, que foram planejadamente escritos e comunicados pelas redes sociais, demonstrando quão acertada é a afirmação do autor (STREET, 2010).

Pode-se afirmar, então, que o letramento digital é, neste momento, uma exigência. O professor, imbuído dessa compreensão da prática de letramento, poderá se apropriar dessas possibilidades e produzir eventos de letramento baseados na realidade dos indivíduos e grupos sociais, especialmente os jovens, que estão atualmente sendo envolvidos por essas tecnologias.

Quando propõe o uso da etnografia, Street (2010) quer levar os professores a olharem o dia a dia das pessoas e suas práticas culturais enquanto grupo. Ressalte-se que a etnografia é uma técnica de observação, que procura descrever o cotidiano de determinado grupo social e que não é uma ciência específica, como as ciências sociais, mas uma técnica que pode ser utilizada por educadores, dependendo de seu interesse e do foco de pesquisa. Defende, assim,

a etnografia como base fundamental na elaboração de projetos de letramento social de qualidade.

A proposta de Street é frontalmente oposta à alfabetização comum, que ele chama de letramento autônomo por não ter preocupação social. Além disso, observam-se os prejuízos de um letramento autônomo, ficando claro que essa proposta não instrumentaliza criticamente o indivíduo e a comunidade. Pelo contrário, esse tipo de prática desmerece os valores culturais da comunidade a partir do momento em que não os considera importantes.

Por essa razão, pode-se inferir que esse letramento, o autônomo, será mais interessante para governos e programas oficiais. Notadamente, os organismos sociais que financiam essas intervenções e os gestores que queiram agir conforme esse novo modelo de “letramento social” deverão trabalhar na perspectiva de que tais ações não podem ser apressadas e atreladas a meros objetivos econômicos, estranhos ao desenvolvimento crítico do indivíduo.

Assim, abre-se um terreno de debate para que programas mais adequados, ricos e socialmente localizados atendam à comunidade. Afinal, o letramento é um direito de todos, sendo o ideal o letramento social. Contudo, tudo indica que o letramento social está fora do compasso com os interesses imediatistas de políticas educativas reducionistas. Sobre isso, o autor finaliza seu texto com uma assertiva clara:

Usar a escrita é um componente para ajudar a uma luta política mais ampla. No final das contas, é isso que todos fazemos o tempo todo. Mas como sabemos e como fazemos? Sugiro o uso de perspectivas etnográficas que se baseiam em teorias de letramento de tipos sociais que observam educação mais de perto, não somente como ensino, mas como aprendizagem. (STREET, 2010, p. 53)

Este texto serve para estimular os estudos sobre etnografia na educação e despertar reflexões importantes em educadores, coordenadores pedagógicos e gestores da educação sobre que tipo de proposta de letramento se está utilizando e suas implicações sociais e humanas.

O letramento é, de um ponto de vista antropológico, as práticas sociais de leitura e escrita e os valores atribuídos a essa prática em determinada cultura (SOARES, 2010). Nesse sentido, cabe reiterar que a cultura não letrada ou letrada é um constructo ideológico, que tem implicações sociais. As implicações do letramento para as políticas públicas são reflexões desenvolvidas por especialistas e apontam que a pesquisa sobre letramento deve servir de base para ações objetivas dos gestores da educação públicos. Nesse sentido, o pesquisador deve desenvolver um trabalho lento, a pesquisa não deve ser urgente, porém, criar estratégias que façam a ponte entre pesquisa e políticas públicas é necessidade urgente (SOARES, 2010).

Soares (2010) destaca o fracasso do “Brasil Alfabetizado”, apontando a comprovação da ausência de pesquisas que identifiquem o motivo do fracasso, sugerindo, assim, a mudança de estratégia para se lograr êxito. Tudo indica que em uma abordagem fundamentada no letramento essas políticas teriam mais sucesso. Pesquisa e políticas públicas devem estar juntas, são indissociáveis, mesmo porque para ser tomada de decisão adequada e de impacto real é preciso se ter o suporte de pesquisas e pesquisadores, que deveriam ser assessores e, em muitos casos, coordenadores dessas propostas. Muitas decisões de políticas públicas são tomadas sem ter como base pesquisas sólidas e relevantes, haja vista a situação social em que se encontra o Brasil e as decisões paliativas, que não vão à origem dos problemas por pleno comodismo político:

As implicações das práticas de letramento para as políticas de alfabetização e letramento; um tópico delicado, porque não se pode negar que, no Brasil, se são muitas as iniciativas de intervenções no campo da alfabetização e letramento – em nível nacional, estadual e municipal – são poucos, e precários, os resultados. (SOARES, 2010, p. 65)

Assim, os trabalhos, textos e reflexões de Street (2010) e Soares (2010) se completam para que se compreenda esse cenário contemporâneo de estudos sobre o letramento social e suas implicações para o desenvolvimento crítico e humano no Brasil. São contribuições importantes e embasadas para que se tomem decisões importantes e acertadas para qualquer política pública que vise ao aprimoramento da sociedade e para que não haja confusão conceitual entre alfabetização e letramento, letramento autônomo e letramento social nas práticas pedagógicas das escolas de Educação Básica no Brasil.

Estabelecer ações que favoreçam o desenvolvimento humano pelo acesso às manifestações artísticas é de grande importância. Daí as considerações sobre a prática leitora no meio escolar serem destacadas nessa frente de ação. Como desdobramento do letramento, desenvolveu-se o conceito de *letramento literário*, sobre o qual pondera Rildo Cosson (2009, p. 47):

A orientação fundamental é que o letramento literário precisa acompanhar, por um lado, as três etapas do processo de leitura, por outro, o saber literário. No caso desse último, convém ter na mente a distinção feita por M. A. Halliday em relação à aprendizagem da linguagem: a aprendizagem da literatura que consiste fundamentalmente em experienciar o mundo por meio da palavra; a aprendizagem sobre a literatura, que envolve conhecimento de saberes e as habilidades que a prática de literatura proporciona aos seus usuários. As aulas de literatura tradicionais, como vimos, oscilam entre essas duas últimas aprendizagens e, praticamente, ignoram a primeira, que deveria ser o ponto central das atividades envolvendo literatura na escola.

Cosson (2009) aponta que na escola, normalmente, não se dá importância à literatura como forma de experienciar o mundo por meio da palavra. Em uma perspectiva social, em uma aprendizagem dialógica, a literatura entra como mediadora pelo seu próprio significado de vida, é uma perspectiva interessante no meio escolar. Letramento literário trata-se de “um processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos” (COSSON; PAULINO, 2009, p. 67).

O conceito de letramento foi descrito anteriormente, assim, já é possível prosseguir na reflexão sobre a importância do letramento literário, uma vez que a importância das práticas sociais ligadas à escrita e à leitura foram mostradas. A seguir, ver-se-á o conceito de literatura de um dos mais destacados estudiosos do tema, o professor e crítico literário Antonio Candido (1995, p. 174):

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. Vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação.

Compreende-se, portanto, a literatura como uma forma de expressão humana, própria de todas as civilizações e de todos os tempos. Observa-se a necessidade humana vital de ter acesso à literatura e às artes, por serem estas a alma de um povo; com ela e através dela pode-se estudar um tempo, dar-se sentido à vida e compreender as contradições humanas, políticas e religiosas. Reiterando as palavras do autor, a literatura é a manifestação universal do indivíduo em todos os momentos da vida das civilizações.

Nesse mesmo estudo, Candido (1995) também chama a atenção para o direito que todo sujeito social tem de usufruir da literatura. Para esse autor, “a literatura é o sonho acordado das civilizações”, pois não há equilíbrio social sem a literatura. Ou seja, fator indispensável à humanização do cidadão, a literatura seria a confirmação da humanidade. Isso porque a literatura

Confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura prosaica: a que os poderes sugerem e que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominantes. (CANDIDO, 1995, p. 175)

Assim, nota-se a literatura como instrumento destacado de formação e educação, estando presentes nela diversos debates de interesse coletivo, reflexões e críticas que levam à

tomada de posição e compreensão do mundo social e físico em que habita e se movimenta o sujeito. Há diversos autores de literatura que se dedicaram a expor e a denunciar a miséria, a exploração de todos os níveis em uma luta pelos direitos humanos. Candido (1995, p. 175) ainda enfatiza: “Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável”. A concepção de literatura como direito deve nortear os processos educativos e as políticas culturais que favoreçam a formação leitora, especialmente o acesso à leitura dos clássicos no meio escolar. Em uma perspectiva de letramento literário, o ensino de literatura deve sofrer mudanças importantes em seus aspectos didáticos, considerando a realidade que aponta. Para o teórico Tzvetan Todorov (2004, p. 41),

“[a] concepção redutora da literatura não se manifesta apenas nas salas de aula ou nos cursos universitários; ela também está representada de forma abundante entre os jornais que resenham livros, e mesmo entre os próprios escritores”.

O autor faz referência a uma visão de ensino de literatura que não atende à realidade da formação leitora, apontando uma cadeia de atitudes que fazem com que esse problema se estenda e seja um obstáculo a uma satisfatória formação leitora, um letramento literário de qualidade, pois humanizador e reflexivo. Não basta que o jovem aprenda sobre tempos históricos literários; é preciso que tenha contato com o autor e sua obra e, a partir disso, estabeleça as relações construindo teias, redes de significados que transcendem a concepção de uma educação tradicional em literatura, atingindo um novo patamar: o contato com o pensamento criativo que institua novos padrões culturais e distintas perspectivas humanas pois

A função da literatura é criar, partindo do material bruto da existência real, um mundo novo que será mais maravilhoso, mais durável e mais verdadeiro do que o mundo visto pelos olhos do vulgo. Ora, criar um mundo mais verdadeiro implica que a arte não rompa sua relação com o mundo. (TODOROV, 2004, p. 66)

Soares (2000) observa, também, que o letramento é um direito humano independente das condições sociais dos indivíduos. Neste viés, nota-se que no meio escolar menos favorecido a comunidade tem acesso a uma educação fragilizada por contextos estruturais e físicos das escolas e por uma didática conteudística que foge ao interesse do grupo social atendido pela escola e pelo corpo docente. Nesse sentido, o letramento literário, um direito humano, deve se pautar pelo estímulo à reflexão, que deve surgir do próprio centro de interesse dos estudantes e de sua cultura, de seus valores comunitários. Marcos Bagno, por

sua vez, se refere a uma educação sociolinguística a partir do letramento, observando a necessidade de

Trabalhar para a inserção plena dos alunos e das alunas na cultura letrada, por meio das práticas ininterruptas da escrita e da leitura, isto é, práticas de letramento – promover o conhecimento ativo das convenções dos muitos gêneros textuais que circulam na sociedade, sobretudo dos gêneros escritos mais monitorados; promover a formação do (a) leitor(a) literário(a) autônomo(a). (BAGNO, 2013, p. 176)

Com Bagno se compreende a importância de ações práticas que visem à formação leitora no meio social. Essa prática ininterrupta tem a ver com um gosto pela leitura e pela própria escrita, que deve ser desenvolvida no sujeito pensante por meio de práticas sistemáticas e prazerosas de produção escrita e leitura.

O acesso à cultura e à literatura no meio escolar pode fazer a diferença na vida dos jovens, contribuindo para uma humanização transformadora, ampliando a formação cidadã em comunidades menos favorecidas, grande maioria no Brasil. O teórico alemão Wolfgang Iser (1996) explica que a modernidade literária estabelece um espaço de ruptura, o qual não mais se apoia nos conceitos clássicos de harmonia e contemplação da plenitude. Para esse estudioso, a pergunta orientadora neste momento não tem a ver mais com a significação do texto, mas com os efeitos do texto.

A escola é fronteira, nos bairros desfavorecidos, entre a realização social e a marginalidade do sujeito. A literatura nesse contexto pode, sem dúvida, fazer a diferença para o desenvolvimento humano. Ivete Walty e Olga Valeska (2010) estudam a leitura literária a partir da apropriação de um mundo à margem da sociedade, criando experiências didáticas em ensino de literatura. As autoras trabalham com a poesia no meio escolar da periferia mediante apropriação ou releitura de um clássico da música popular, o texto poético “As águas de março”, em que os estudantes, após lerem e comentarem o texto, realizaram uma atividade escrita de releitura do texto a partir de seu mundo e seu tempo. Tal atividade resultou em diversas versões de “As águas de março”. As composições tinham a ver com a vida da periferia, com as angústias e esperanças em um contexto social discriminador e opressivo. A experiência aponta o letramento literário em ação em um meio escolar da periferia do Brasil.

O escritor peruano Mario Vargas Llosa (2009), prêmio Nobel de literatura, esclarece que a importância da literatura tem a ver com uma aplicação da capacidade de reflexão e que a leitura dos clássicos, romance e poesia, favorece uma ampliação do repertório verbal e reflexivo, alargando os limites intelectuais e os horizontes imaginários dos leitores. Assim, o letramento literário deveria ser uma exigência básica para a formação humana. Contudo, a

leitura da literatura no meio escolar enfrenta dificuldades nos processos didáticos para torná-la acessível devido à própria formação dos professores. Sobre a formação em ensino de literatura, Todorov (2009, p. 41) pondera:

O professor de ensino médio fica encarregado de uma das mais árduas tarefas: interiorizar o que aprendeu na universidade, mas, em vez de ensiná-lo, faz com que esses conceitos e técnicas se transformem numa ferramenta invisível. Isso não seria pedir a esses professores um esforço excessivo, do qual apenas os mestres serão capazes! Não nos espantemos depois se ele não conseguir realizá-lo a contento.

A reflexão do autor aponta para um desafio a ser vencido, para que se tenha uma educação literária de qualidade no meio escolar. Sem dúvida alguma o letramento literário passa pela leitura dos clássicos. Não se deve fatiar o conteúdo literário e oferecê-lo aos estudantes de forma esquemática; deve-se partir das próprias obras, que são produções criativas e reflexivas, favorecendo a ampliação do imaginário e da capacidade de expressão escrita. O acesso aos clássicos, por meio de uma boa mediação, quebra essa lógica acadêmica de que o conhecimento técnico literário estudado na universidade chega de forma fragmentada à Educação Básica, mediante uma abordagem sistêmica e analítica que acaba por tornar o ensino de literatura maçante e indigesto (TODOROV, 2009).

A formação leitora é socialmente situada, além de resultar de uma dinâmica dialógica entre autor, texto leitor. Com o acesso mediado pelo educador no meio escolar, o jovem passa a tomar gosto pela leitura dos clássicos e se tornar um leitor, como explica semiótico italiano Umberto Eco (1989, p. 101):

Toda obra se propõe pelo menos a dois tipos de leitor. O primeiro é a vítima designada pelas próprias estratégias enunciativas, o segundo é leitor crítico que ri do modo pelo qual foi levado ser vítima designada. Exemplo típico – mas não único – dessa condição de leitura é o romance policial, que prevê sempre um leitor de primeiro nível e um leitor de segundo nível. O leitor de segundo nível deve divertir-se não com a história contada, mas com o modo como foi contada.

Ivanda Martins (2006) estuda, de outra perspectiva, a literatura no ensino médio, mostrando diversos níveis metodológicos para se atingir o objetivo de um ensino de literatura. Ver-se-á, a seguir, os diversos níveis de ação educativa em literatura no meio escolar. Para a autora, abordar a literatura pelo viés da intertextualidade, interdisciplinaridade, transversalidade e da “intersemiose” pode levar o leitor a alcançar o texto literário com mais aproveitamento, tema que terá capítulo específico mais à frente.

A escolarização da leitura literária é um desafio contemporâneo para o corpo docente no meio escolar. É uma abordagem que busca relacionar a literatura com o tempo histórico,

tomando um texto literário e inserindo-o em uma dinâmica intertextual, intersemiótica e transversal que parece avançar bastante no campo dessa escolarização da leitura literária. Ademais, estabelece relações didaticamente organizadas, que provocam o nível de reflexão, estimulando o pensamento criativo a partir do cruzamento do texto literário com outros textos de diferentes gêneros, autores e épocas. O texto literário é uma unidade de sentido, uma estrutura linguística ligada a uma situação de vida, estrutura sociológica que é

um material literário não precisa necessariamente ser feito de palavras incomuns, pois sua complexidade fundamental não está na incompreensibilidade dos termos raros empregados, mas sim reside, sobretudo, na relação dialógica que ele mantém com o leitor e o seu mundo. Quanto melhor literariamente for o texto, mais complexo e profundo será o diálogo com o homem, oportunizando-lhe reflexões profundas sobre a identidade humana, individual e social. (TREVISAN, 2000, p. 165)

Essa compreensão sustenta a importância da literatura no meio escolar, compreende que ler pela primeira vez um grande livro na idade madura é um prazer imenso, diferente comparado à leitura na juventude, que se apresenta com um sabor específico e importância diferenciada. A leitura de um clássico é uma leitura de descoberta que não diz tudo que poderia dizer.

Na escola se conhecem mais ou menos os clássicos, mas em uma obrigatoriedade sistêmica educativa. No entanto, a escola pode oferecer instrumentos para que se tenham opções, aquelas que ocorrem fora da escola e depois em outro tempo e momento pessoal. Assim, a leitura de um clássico imposta pela escola, embora possa parecer ao aluno uma obrigação, pode vir a ser a prática responsável, futuramente, pelo encontro desse leitor com o “seu livro” (CALVINO, 2007).

Dessa forma, favorecer o acesso à leitura da literatura em geral – e dos clássicos literários em particular –, no meio escolar, é abrir caminho para que o jovem leitor possa ter a possibilidade de desvendar novos horizontes intelectuais, na medida em que, pela atividade leitora, ele pode encontrar autores que falem profundamente a si. Esse movimento em direção à sua subjetividade reitera-lhe a humanidade, matéria da arte em todas as suas expressões, sobretudo a literária, o que reflete, inquestionavelmente, em sua visão do meio social em que se encontra inserido. Um movimento dessa natureza dificilmente pode ser alcançado por outra manifestação, senão pela arte.

Neste capítulo vimos como é importante a leitura escolar como prática constitutiva do letramento, especialmente reafirmamos a função humanizadora do letramento literário, considerando ser a arte uma manifestação da qual o homem necessita para viver. Como o

interesse desta pesquisa é observar o diálogo entre a literatura e um gênero da Cultura Visual, cumpre tecer considerações sobre esse campo específico, igualmente situando-o no contexto escolar.

2. ARTES VISUAIS E A CULTURA VISUAL

A apresentação de proposta de trabalho em arte na escola exige que se tenham claros quais posicionamentos estão sendo assumidos. Esses posicionamentos pressupõem escolha de linhas teórico-metodológicas. Com relação ao ensino de arte, existem correntes teóricas que podem contribuir para o desenvolvimento estético e crítico dos estudantes, dando destaque àqueles que procuram trabalhar processos de produção e apreciação artística.

A disciplina de arte deverá garantir que os estudantes conheçam e vivenciem aspectos técnicos, representacionais e expressivos em música, artes visuais, desenho, teatro, dança, artes audiovisuais. Neste sentido é preciso que o professor organize um trabalho de teoria e história da arte, inter-relacionado com a sociedade em que eles vivem. Entende-se que é possível conseguir um conhecimento mais amplo e aprofundado da arte, incorporando ações como: ver, ouvir, mover-se, sentir, pensar, descobrir, exprimir, fazer, a partir dos elementos da natureza e da cultura, uma analisar, refletir e refletindo transformando. Arte deve ser de acesso a todos os estudantes sem discriminação (FERRAZ; FUSARI, 2010).

A estudiosa Ana Mae Barbosa (1998, p. 19) vai mais longe afirmando que

Um grande número de trabalhos e profissões estão diretamente ou indiretamente relacionados à arte comercial e propaganda, outdoors, cinema, vídeo, à publicação de livros e revistas, à produção de discos, fitas e CDs, a som e cenários para a televisão, e todos os campos do design para a moda e indústria têxtil, design gráfico, decoração etc. Não posso conceber um bom designer gráfico que não possua algumas informações sobre história da arte, como, por exemplo, o conhecimento sobre a Bauhaus. Não só o designer gráfico, mas muitos outros profissionais similares poderiam ser mais eficientes se conhecessem, fizessem arte e tivessem desenvolvido sua capacidade analítica através da interpretação dos trabalhos artísticos em seu contexto histórico

Pode-se entender, assim, que o ensino de arte pode ser compreendido como o trabalho com a própria linguagem das artes, seus códigos e possibilidades. O acesso a um ensino de qualidade em arte passa pela análise histórica do fazer artístico, pela apreciação dirigida e desenvolvimento de um mínimo de habilidade para desenvolver um discurso imagético básico. Chega-se, atualmente à conclusão de que os professores universitários de arte já aceitam a imagem como base de ensino, mas ainda resta a questão: Como introduzir a criança

e o adolescente na leitura dos elementos básicos que compõem o vocabulário visual? (BARBOSA, 1998).

Donis Dondis (2007, p. 15-16) defende que

As linguagens são conjuntos lógicos, mas nenhuma simplicidade desse tipo pode ser atribuída à inteligência visual, e todos aqueles, dentre, nós, que têm tentando estabelecer uma analogia com a linguagem estão empenhados em exercício inútil. Existe, porém, uma enorme importância no uso da palavra “alfabetismo” em conjunção com a palavra “visual”. A visão é natural; criar e compreender mensagens visuais é natural até certo ponto, mas a eficácia, em ambos níveis, só pode ser alcançada através do estudo.

Dessa forma, pode-se compreender que o acesso a uma proposta de ensino de arte passa por essa preocupação de estudo sistemático dessa forma de expressão. Entende-se que há uma gramática visual a ser dominada e usada, dentro de uma dimensão de cultura visual e artística na sociedade contemporânea. Dondis (2007, p. 27) conclui que, na verdade, a “expressão visual é o produto de uma inteligência extremamente complexa, da qual temos, infelizmente, um conhecimento reduzido. O que vemos é uma parte fundamental do que sabemos, e o alfabetismo visual pode nos ajudar a ver o que vemos e a saber o que sabemos.”

Sobre isso Barbosa (2005, p.100) considera que

A arte na educação, como expressão pessoal e como cultura, é importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento individual. Através da arte, é possível desenvolver a percepção e a imaginação para apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a capacidade criadora de maneira a mudar a realidade que foi analisada.

Dentro das metodologias contemporâneas em educação de Arte e interdisciplinaridade é vista como condição epistemológica da pós-modernidade, e a interculturalidade uma condição política da democracia. A aliança entre essas duas estruturas basilares da vida, atualizadas as tecnologias flexíveis e multiplicadoras, sustentará um humanismo em constante revisão para dar solução a mudanças sociais permanentes (BARBOSA, 2005). Pode-se compreender até aqui os grandes desafios da escola pública que tem dificuldade de garantir os direitos básicos ao acesso à cultura, e aos domínios cognitivos dos códigos, ditos elevados.

O acesso da comunidade escolar a um ensino de arte de qualidade passa por todos esses elementos destacados acima, pelos diversos e importantes teóricos da educação em arte contemporânea. Outro elemento surge neste contexto de pesquisa e estudo sobre arte e imagem: a cultura visual, que se apresenta como proposta analítica da imagem tendo em vista ampliar o senso crítico dos educandos no meio escolar. Assim, pode-se dizer que há um

Ensino de Arte com orientação pela cultura visual. Essa abordagem traz grande contribuição, porém, não se pode deixar os estudos dos eixos estéticos se perderem em processos isolados da análise da imagem. Há que se garantir que todos os estudantes, no meio escolar, possam ampliar seu discurso imagético pelo acesso à gramática visual, em que, assim, o estudante se sinta estimulado a prosseguir no desenvolvendo de sua própria capacidade de expressão visual mediante a orientação básica de produção da linguagem artística.

Temos que dar condições aos estudantes de elaborarem o que pode ser chamado de “contra discursos artísticos visuais”, e, para isso, eles precisam ter acesso as técnicas de produção e de criação visual, juntamente com as técnicas de análise da cultura visual, pois, estão expostas a visualidades danosas, como explica Irene Tourinho e Raimundo Martins (2010, p. 42,43)

A cultura infantil da mídia cria, então, de maneira silenciosa, uma espécie de currículo “cultural-imagético”, em que temas do cotidiano, abordado de maneira ingênua, e, aparentemente, informal dissimula interesses comerciais, ao mesmo tempo em que exerce forte influência na formação de identidade. Além disso, a cultura infantil da mídia tende a naturalizar uma estetização da violência que tem profundos impactos sobre o pensamento e o comportamento da criança.

Sem dúvida a possibilidade da arte nesse processo de análise da imagem é de fundamental importância, porém, devemos juntar essa dinâmica, as práticas expressivas de contra discurso, de tal forma que possamos ajudar as crianças e os jovens dizerem por imagens artísticas, potentes imagens criadas, sua visão crítica de mundo. Instrumentalizadas por um ensino de arte de qualidade, sustentado por uma análise crítica da cultura visual, sem abrir mão de dar acesso aos estudantes às técnicas básicas de expressão artística.

Etienne Samain (2014, p. 16) pondera que

Uma coisa é certa: não olharemos as imagens, nas próximas décadas, da mesma maneira. As imagens pensam e nos fazem pensar, além de elas moldarem o nosso próprio olhar. Somos assim “observadores” condicionados tanto pelos nossos modos de ver como pela peculiaridade com que as imagens olham para nós.

O autor desafia a pensar sobre a imagem. Sua importância na sociedade contemporânea, determinada e sendo determinante, circulando por todo mundo via meios tecnológicos, a imagem circula poderosa, influenciando, abrindo reflexões, defendendo ideologias das mais variadas, atendo a todo tipo de interesse, muitos deles sem básicas éticas sólidas. A aliança entre arte e cultura visual é vital nesse processo de estruturação de contra discursos visuais, face ao imagético que nos “observa”.

Nessa linha de raciocínio, Barbosa (2010, p. 21) sustenta:

Defendo a Cultura Visual e a Arte na escola, ambas contextualizadas socialmente, historicamente e vivencialmente. O pós-modernismo trouxe para as análises da Arte as mesmas propostas de análise crítica usadas para as imagens de outros meios e categorias. É preciso desconfiar dos valores das instituições em geral. Os professores já perderam o medo de questionar as obras expostas em galerias e museus. Não é por estar no museu que as obras são boas. Interesses múltiplos e diversos levam as obras aos museus, desde a aliança com o mercado até o gosto do editor [...] Entretanto, considero que sonegar Arte na Escola é tão danoso quanto esquecer as outras manifestações da Cultura Visual que exercem mais diretamente influência no comportamento social por visarem exatamente dominar comportamentos e desejos. A desconstrução crítica do poder interessa à Arte e à Cultura Visual. [...] Arte e Cultura Visual devem conviver nos currículos e salas de aulas, suas imagens devem ser analisadas com o mesmo rigor crítico para combatermos formas colonizadoras da mente e dos comportamentos.

Após esses apontamentos fica clara a questão entre Ensino de Arte na Escola e Cultura Visual, ambas são importantes e devem se integrar numa proposta de arte-educação que queira ser contemporânea e transformadora.

Não poderia fechar esse capítulo sem falar da abordagem interdisciplinar no meio educativo. Essa abordagem exige o cruzamento de interfaces disciplinares tendo em vista a aprendizagem otimizada. Nessa direção, quando se fala de arte e semiótica, ensino de arte e cultura visual; intersemiose entre história em quadrinhos e literatura, se está falando de processos interdisciplinares sendo colocados no meio escolar.

Se quer reformar o pensamento do educador, isto é, desenvolver um profissional de educação mais aberto, menos rígido em suas dinâmicas específicas de área de conhecimentos, é preciso encorajar essas inter-relações disciplinares, promover a relação de disciplinas que recolorem o homem dentro do cosmo, numa aprendizagem cidadã (MORIN, 2012). A missão desse tipo de educação é para nos tornarmos melhores, se não mais felizes, nos ajudar a viver a parte mais poética da vida humana. Conforme diz Edgar Morin (2012, p. 104),

O desenvolvimento de uma democracia cognitiva só é possível com uma reorganização do saber; e esta pede uma reforma do pensamento que permita não apenas isolar para conhecer, mas também ligar o está isolado, e nela renasceriam, de uma nova maneira, as noções pulverizadas pelo esmagamento disciplinar: o ser humano, a natureza, o cosmo, a realidade.

No amplo leque das linguagens que compõem o universo da Cultura Visual, uma que exerce forte poder de atração ao jovem contemporâneo é o gênero História em Quadrinhos. Nesta pesquisa, esse gênero se coloca no centro da investigação, uma vez que mobiliza sua hipótese e se coloca como protagonista da prática leitora observada, como objeto principal a

circular entre os sujeitos do campo pesquisado. Por essa razão, cumpre fazer aqui uma exposição, ainda que sucinta, do gênero HQ, realçando aspectos de sua linguagem e considerando um expoente dessa área de produção, para se ter uma visão desse campo de trabalho artístico.

A linguagem da história em quadrinhos e a influência de Will Eisner

Antes de se adentrar nas considerações de Will Eisner, serão feitas algumas distinções importantes dentro da chamada Linguagem dos Quadrinhos e seus subgêneros. Não se deterá, neste trabalho, em aspecto histórico dessa produção artística, considerando que tal abordagem não cabe no desenho a proposta geral da pesquisa, centrando-se o interesse na dinâmica constitutiva dessa linguagem com seus elementos, chamado de gramática visual.

É preciso destacar algumas definições de HQ. A palavra inglesa “*comic*” significa cômico ou humorístico, e esse termo designa as produções de Arte Sequencial na América do Norte. Outro nome que se usava era “*funnies*” (engraçado); em outros países de língua inglesa o termo era “*comic strip*” (tira cômica). Esse nome não vingou e foi utilizado outro “*adventure strips*” (tiras de aventura); o livro de capa dura no gênero HQ foi chamado de “*Comic book*”, mas depois cunhou-se a palavra “gibi” para designar essas produções. Em outros países, como na Espanha, surgiu o termo “*T.B.O*”, que originalmente foi uma revista infantil e que se tornou sinônimo de história em quadrinhos (HQ). Na França o termo usado é “*bandes dessinées*”, na Itália “*fumetti*”; na América Latina, “*muñequito*” ou “*historieta*”; em Portugal usa-se o termo “história em quadrinhos”, no Brasil, o termo “gibi” é muito usado. No Japão, são chamadas de “mangá” (IANNONE; IANONNE, 1994). Nesse trabalho de pesquisa é utilizado o termo história em quadrinhos (HQ) para designar a produção de Arte Sequencial ou Arte Gráfica Sequencial.

O *The Yellow Kid* (fig. 1), de Richard Felton Outcault (1863-1928), é considerada a primeira publicação oficial em um tablóide jornalístico da América do Norte.



Fig. 1 - *The Yellow Kid* de Richard Felton Outcault

A HQ é uma linguagem autônoma, que tem mecanismos próprios para se constituir como estrutura narrativa, mas que tem pontos comuns com a literatura, assim como outras linguagens, como o cinema e o teatro, por exemplo. O espaço de ação está contido no interior do quadrinho e o tempo de narrativa se desenvolve por meio de sequência de quadrinhos, compondo uma sequência de cenas ou várias cenas de uma mesma ação narrativa. No domínio da HQ, há uma marca de oralidade e o discurso direto é configurado por meio dos balões, ou seja, a fala dos personagens, em alguns casos também a voz do narrador, circunscrevem-se aos balões. A HQ pode ser considerada um hipergênero, pois abriga diversos subgêneros de cunho cômico: charge, que tem um caráter de crítica política; cartum, que expressa o humor mais universal; caricatura, que se configura como traço humorístico de personalidades; e tira, também chamada de quadrinhos, cujo foco é o entretenimento e é comum em jornais e revistas (RAMOS, 2012).

A Charge é um texto de humor do que se chama grande guarda-chuva da Arte Sequencial e trabalha com temas ou fatos do noticiário. O fato é recriado de forma criativa e o universo político e os eventos sociais são grandes fontes de produção de charges. A charge (fig. 2) tem um contexto histórico local, contemporâneo, crítico.



Fig. 2 - Charge de Jorge Braga, in: *O Popular*

O humor do cartum (fig. 3) tem a ver com fatos do cotidiano, porém numa dimensão mais universal, podendo focalizar fatos históricos, cujo contexto todos possam entender. A universalidade e a atemporalidade do cartum, o diferencia da charge, que demanda do leitor um conhecimento prévio dos fatos e das notícias, caso contrário não haverá compreensão da crítica sugerida no texto.



Fig. 3 – Taylor, in: <http://www.candido.bpp.pr.gov.br/>

A caricatura (fig. 4) busca deformar, de tal jeito a personagem, exagerando traços marcantes de seu rosto e corpo, o que garante ao gênero uma composição visual de humor,

normalmente, uma visão bem humorada de uma personagem conhecida da mídia, quanto mais conhecida melhor.



Fig. 4 - Angelina Joly, de Nelson Santos, in: <http://photos1.blogger.com/>

As tiras de humor (fig. 5) contêm 2, 3 a 5 quadros, são uma produção reduzida para poder caber no espaço dado por um periódico. Normalmente abordam temas de humor para cativar os leitores, mas, podem conter, também, aspectos críticos sobre a vida cotidiana.



Fig. 5 – *Mafalda*, de Quino

Agora pode-se entrar no tópico específico da Linguagem dos Quadrinhos propostas por Will Eisner (fig. 6), considerado o precursor da Arte Sequencial moderna.



Fig. 6 - Will Eisner

Will Eisner foi professor da *School Of Visual Art* de *Nova York*, e ficou mais conhecido pela criação do personagem *Spirit* (fig. 7), uma das maiores referências mundiais em Arte Sequencial. O autor é reconhecido pela técnica e inovação artístico-visuais, nos enquadramentos e recortes nas narrativas.

Fig. 7 - *Spirit* de Eisner

É dele, também, o termo *Graphic Novel*, (Novela Gráfica), uma nova proposta de produção de Arte Sequencial. Como professor, desenvolveu um método de ensino da linguagem da Arte Sequencial, que é usado por todos os interessados em desenvolver sua

expressão nesse gênero, tornando-se base de estudos dos acadêmicos estudiosos da Arte Sequencial.

Vergueiro (2009, p. 25) afirma que “é preciso reconhecer que Will Eisner, com seu prestígio como criador da área e inteligente atuação mercadológica, foi de capital importância para a popularização do termo e ampliação do mercado para esse tipo de publicação”.

A obra *Um Contrato com Deus* (fig. 8), que após rejeições foi finalmente publicada em 1978, inaugurou a produção da chamada *Graphic Novel* e abriu caminho para uma nova abordagem na produção de Arte Sequencial. Essa nova proposta ajudou novos artistas a se fixarem, elevando a produção do gênero aos patamares de criação artística no último quarto de século 20 e início do 21. O formato de produção da *Graphic Novel* tornou possível quebrar barreiras entre o quadrinho industrializado e os alternativos, criando um mercado diferente, onde se encontram produções com design complexo e com temática variada, passando-se a denominar de 9ª Arte ou Arte Sequencial. A questão é que o termo designa, também, outros gêneros como cinema, animação, daí surgir outra designação, a de Arte Gráfica Sequencial, para se destacar que *Graphic Novel* é um HQ.

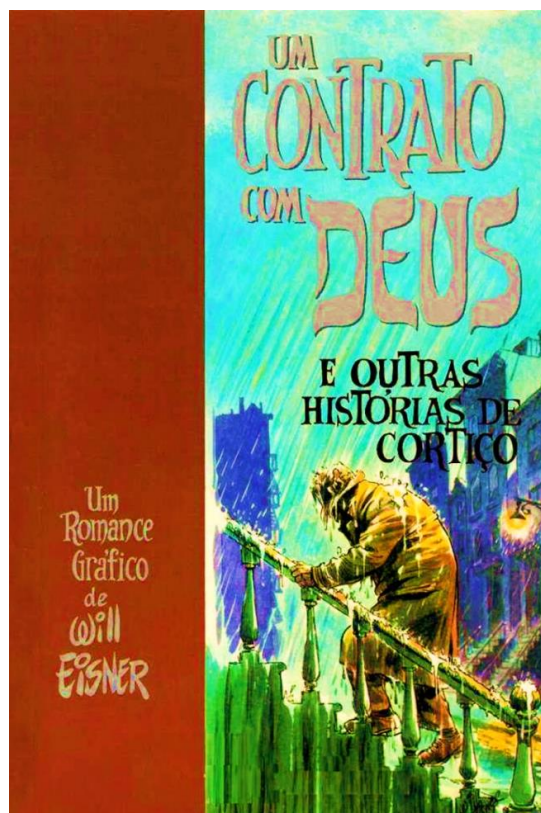


Fig. 8 - *Um Contrato com Deus*, romance gráfico de Will Eisner

A partir da década de 1980, o termo teve seu uso intensificado entre pesquisadores e artistas. Surge outra área de ação que é importante destacar: o jornalismo em quadrinhos, ou jornalismo quadrinístico de Joe Sacco. *Palestina, uma Nação Ocupada* (fig. 9), foi a primeira obra desse autor, dando voz ao povo e retratando com sensibilidade o cotidiano desse povo. Foi publicada em 1993 e é uma *Graphic Novel* com desenho em estilo *underground* (VERGUEIRO, 2009).



Fig. 9 - *Palestina, uma Nação Ocupada*, Joe Sacco

Outro estudioso do gênero, Santiago Garcia (2012, p. 310) pondera que

O fenômeno da novela gráfica é tão recente que ainda não se solidificou, portanto, está neste momento sofrendo processo de mudanças muito importantes, que fazem com que possamos imaginar que veremos uma paisagem muito distinta em um prazo muito curto. Os mestres da novela gráfica são muito jovens.

E esses jovens se espelharam em Eisner, que, como já foi dito, foi um pioneiro na produção de novelas gráficas, mas o campo está aberto a novas experiências. Assim, Will Eisner, como teórico e professor da área de Arte Sequencial, foi um dos que colocaram a *Graphic Novel*, uma Arte Sequencial mais sofisticada, como um novo movimento cultural visual, que valorizou e ampliou a visibilidade artística dos quadrinistas no mundo todo. E essa nova forma de produzir Arte Sequencial, mais densa e rica, mais autoral, não propõe a sequência de números, ou seja, a produção massiva de novas aventuras, como há nas HQs de super-heróis. São publicadas como livros de arte, quando esgotadas, são reeditadas. Sobre esse aspecto do gênero, Waldomiro Vergueiro (2009, p. 37) esclarece:

Apenas uma pequena parte da produção continua a ser composta por obras que realmente colaboram para o avanço da linguagem dos quadrinhos e sua evolução artística, enquanto todo o restante da produção busca o interesse da sociedade em geral por esse meio de comunicação de massa. Mas nisso as histórias em quadrinho não se diferenciam de todas as outras artes, pois, fato semelhante pode ser encontrado no cinema, no teatro, na literatura, etc. Ambas as tipologias de produção – o lixo, por um lado, e a arte, por outro -, cumprem muito bem seu papel.

Mas o que caracteriza a *Graphic Novel*? Afinal, qual a diferença entre esse gênero e as outras produções em Arte Sequencial (HQ)? Segundo Garcia (2012, p. 13-14, *grifo nosso*),

Sem dúvida, os quadrinhos adultos contemporâneos são, em grande medida, continuadores dos quadrinhos de toda a vida, mas, ao mesmo tempo, apresentam alguma característica tão distintiva que foi necessário buscar um novo nome para identificá-los, e, por isso, nos últimos anos, se difundiu a expressão *graphic novel*, ou novela gráfica. Novela gráfica é apenas um termo convencional que, como costuma ocorrer, pode suscitar equívocos, pois não se deve entender que, com ele, nos referimos a uma história em quadrinhos como as características formais ou narrativas de um romance literário, tampouco a *um formato determinado, mas simplesmente a um tipo de ARTE SEQUENCIAL (HQ) adulto e moderno que reclama leitura e atitudes distintas dos quadrinhos de consumo tradicional*.

Outra contribuição de Will Eisner foi a proposta de uma didática de produção de Arte Sequencial, no seu livro *Quadrinhos e Arte Sequencial*², (fig. 10). O interesse em expor aqui um pouco de sua proposta deve-se ao fato de a criação pelos alunos constar da Sequência Didática desenvolvida como parte da presente pesquisa. Segue, portanto, uma breve exposição de seu projeto para uma Arte Sequencial básica.

² Vergueiro (2009) prefere usar o termo Arte gráfica sequencial – sinônimo de HQ, com melhor nível de produção artística.

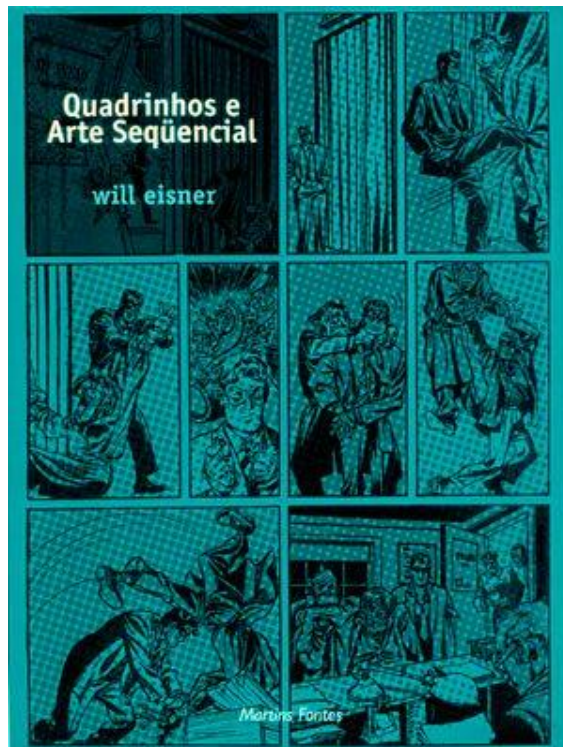


Fig. 10 - Livro didático de Will Eisner

A grande contribuição didática de Eisner está no seu livro que aborda a composição orientada de Arte Sequencial aqui neste trabalho sinônimo de HQ. A primeira coisa para se iniciar a criação de uma HQ é o roteiro, a história escrita, de forma que se possa ir construindo a transmutação textual para visual (fig. 11). O estudante pode acompanhar a dinâmica desse processo com ilustração.

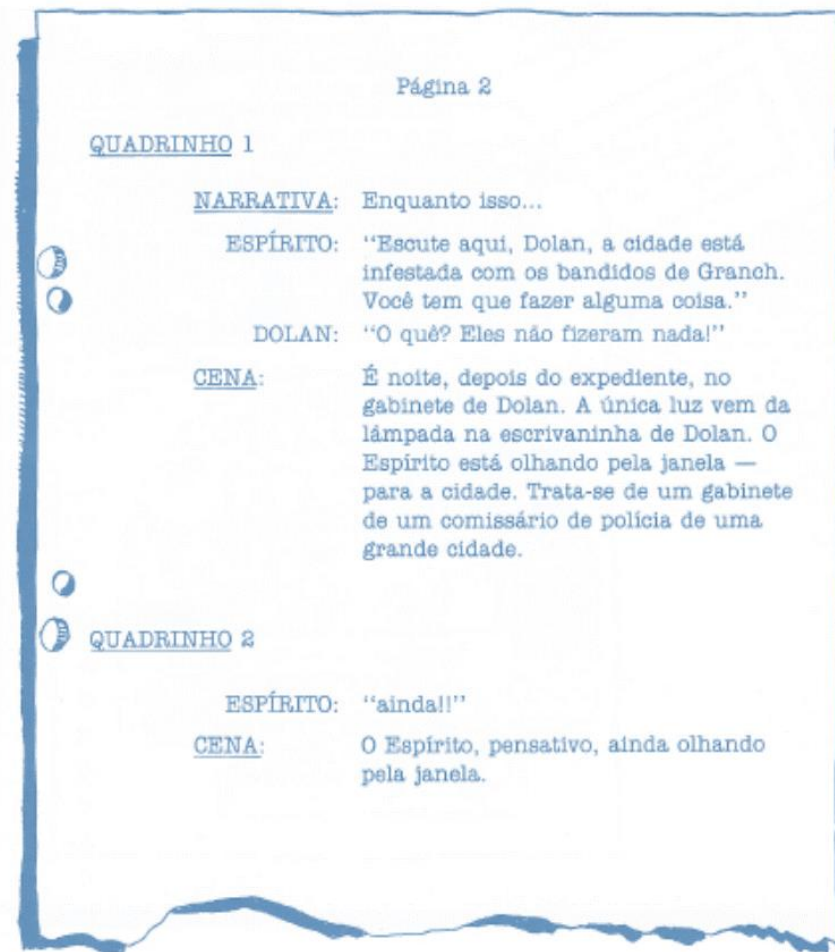


Fig. 11 - Roteiro didático de Eisner

Para tornar mais didático ainda, o autor propõe uma sequência visual, que é o resumo desse processo de criação, roteiro – rascunho da história – obra final. Na imagem abaixo (fig. 12), pode-se ver a transmutação do texto em imagem visual, dentro de uma perspectiva híbrida, texto e imagem, criando uma terceira realidade: HQ. Para se construir uma narrativa visual gráfica, Eisner, orienta que se deve ter atenção aos enquadramentos, criando um ritmo visual que agrade ao leitor e proporcione uma rica narrativa. Essa imagem do processo é bastante elucidativa sobre como se dá a dinâmica de transmutação do roteiro para a sequência gráfica. A necessidade de se captar a partir do roteiro o estilo do escritor, chamado aqui de Idioleto, e transformá-lo numa outra linguagem, misto de visual e verbal.

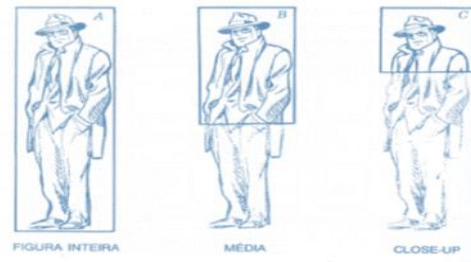


Fig. 14 - Tipos de enquadramento



Fig. 15 - Enquadramentos - close

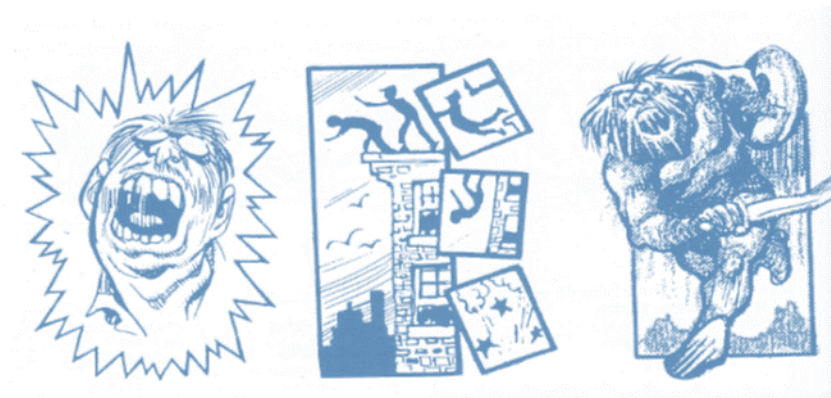


Fig. 16 - Quadros expressivos

O uso de texto como efeitos gráficos, tendo em vista as características das cenas, é recurso importante para a expressividade; o texto vira imagem se integrando com os acontecimentos (fig. 17), num cenário de chuva as letras ficam molhadas como o exemplo.

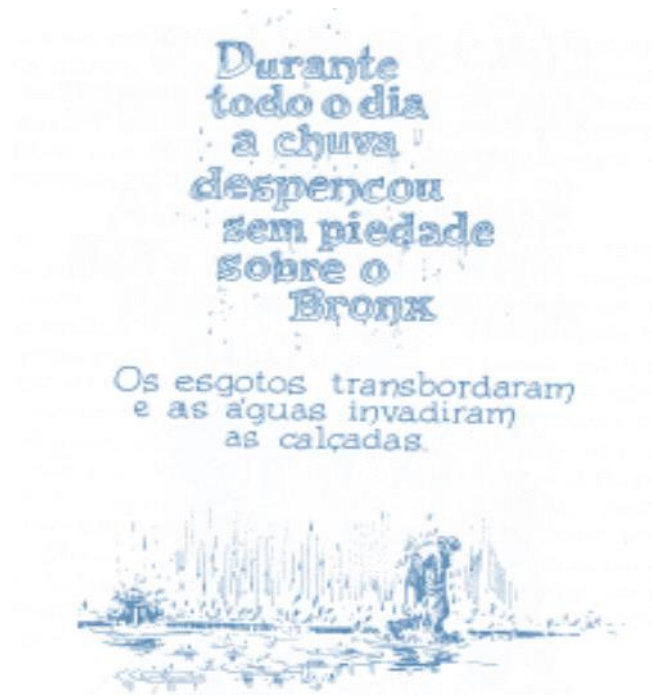


Fig. 17 - Texto integrado à imagem e ao clima da cena

Eisner ensina que o ritmo da cena pode ser determinado pelo quadrinista mediante recursos de requadros, ou vinhetas, como na imagem abaixo (fig. 18).

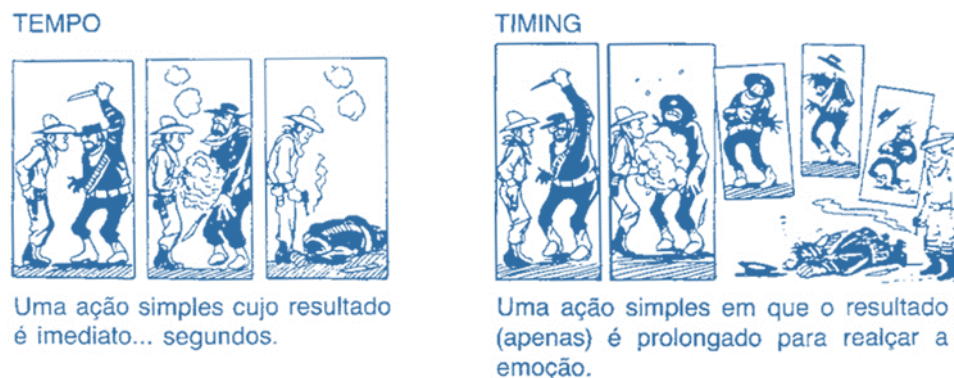


Fig. 18 - Tempo na história

Junto ao tempo devidamente recortado no espaço se colocam os balões (fig. 19) de diálogo que são as falas dos personagens, dando características psicológicas, de gênero, etnia etc. Texto e imagem se juntam para compor essa linguagem autônoma. Na proposta a ser desenvolvida em sala de aula, o estudante deve praticar essas montagens a partir do roteiro.



Fig. 19 - Inserindo balões e sinais gráficos

Dependendo da sequência da história, não se coloca texto escrito, mas requadros que apontam um estado psicológico, emoção, lembranças (memórias dos personagens), como se pode observar nas cenas a seguir (fig. 20).

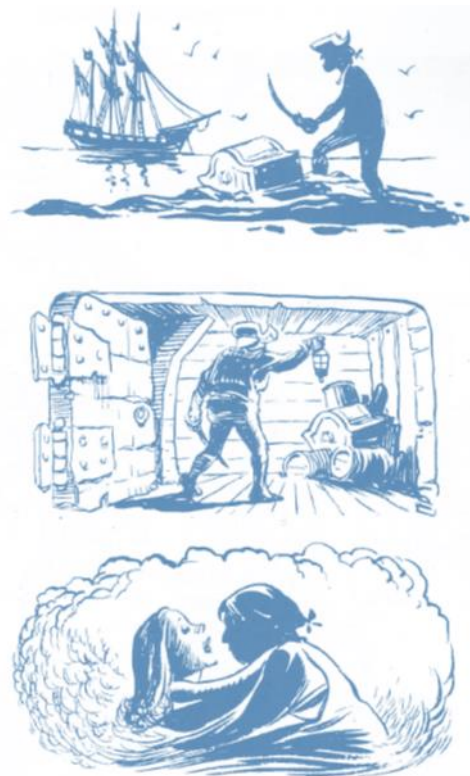


Fig. 20 - Requadro expressivo

Os requadros podem ter múltiplas variações. Esiner propõe um exemplo de esquema que ajuda o estudante a compor um trabalho de requadro expressivo (fig. 21):

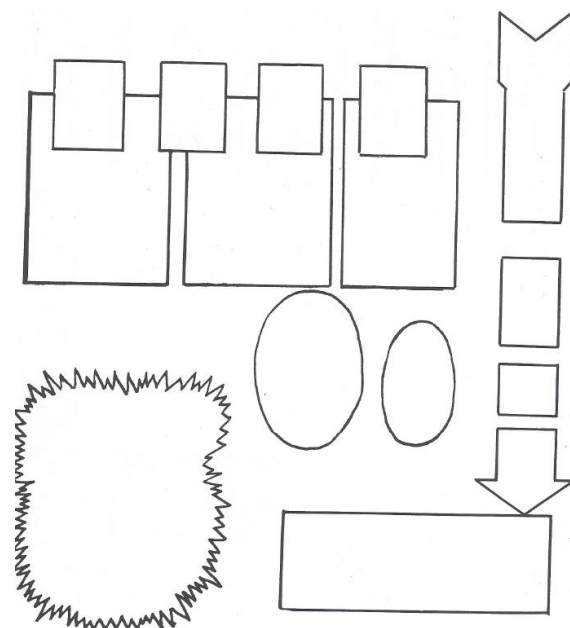


Fig. 21 - Esquema didático de requadro

Para apresentar de uma sequência temporal na história, dinâmica, ágil, Eisner apresenta um exemplo de composição sobreposta, intensa, e atrativa para o leitor, planos múltiplos sobrepostos, perspectiva, balões (fig. 22).



Fig. 22 - Agilidade temporal na história

O autor orienta para o uso expressivo da perspectiva. De forma didática, apresenta desenhos, esquemas de aplicação que favorecem uma aprendizagem da linguagem dos quadrinhos, perspectiva de um, dois e três pontos de fuga (fig. 21).

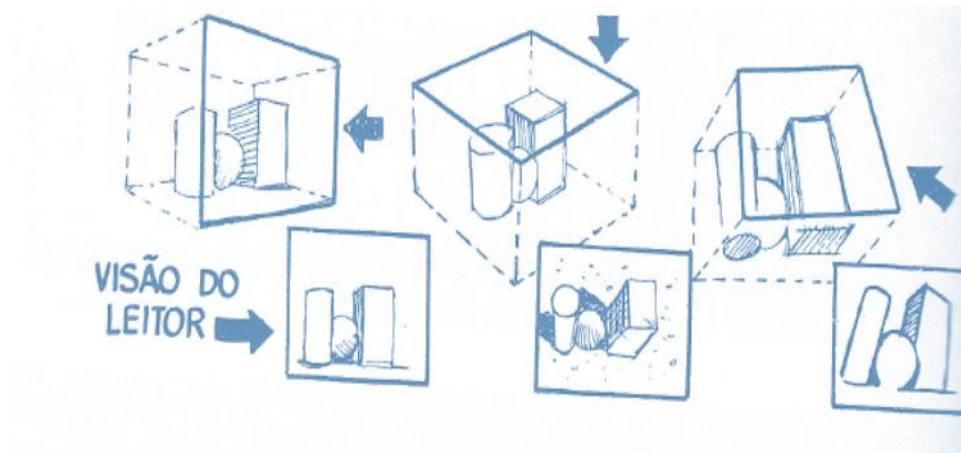


Fig. 7 - Perspectiva aplicada

As técnicas relativas ao desenho da figura humana expressiva devem ser treinadas, desenhadas de forma que o quadrinista domine o movimento, ou seja, o desenho da figura em movimento, e a expressão das emoções através da forma do corpo. Para isso, Eisner propõe exercícios, conforme as imagens que seguem (fig. 22, 23).

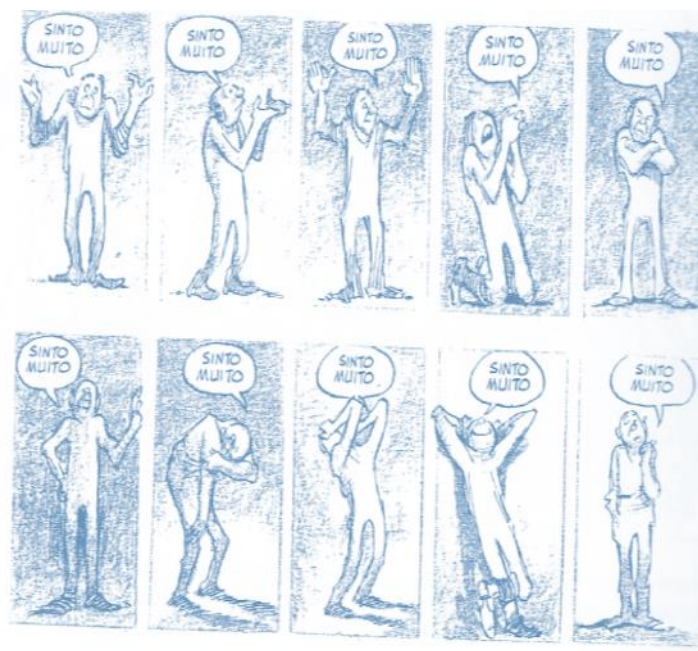


Fig. 8 - Exercícios de expressividade corporal



Fig. 9 - Exercícios de expressividade corporal

Com essa breve incursão didática para construção de uma HQ, orientada por um dos fundadores da moderna Arte Gráfica Sequencial, já se pode ter noções de elementos básicos desse gênero expressivo visual, para alguns autores, já citados, Hipergênero. O que interessa é que o ritmo visual precisa ser trabalhado com diversas técnicas, desenho, sombra, letreiros, planos, requadros expressivos, expressões corporais e faciais, perspectiva. Tudo a partir de um roteiro escrito, com personagens bem marcados, com apontamentos sobre as características das cenas. Um quadrinista pode ser roteirista, finalizador, ou, pode ser somente o desenhista. Hoje nas HQs baseadas em literatura notam-se figuras distintas, há o roteirista e o quadrinizador, ambos importantes para o sucesso dessa arte.

Não se estudou aqui o gênero Mangá, HQ oriunda da cultura japonesa e de grande repercussão no meio jovem. Isso não será feito, tendo em vista o objetivo desse trabalho de pesquisa HQ e literatura brasileira. Para o estudo do Mangá, abrem-se, novas possibilidades de estudos futuros sobre esse tema.

3. A LITERATURA EM DIÁLOGO COM A HISTÓRIA EM QUADRINHOS

Como o propósito deste trabalho é abordar a leitura literária na escola da perspectiva do diálogo que a literatura pode estabelecer com outras linguagens mais “atraentes” para o jovem leitor escolar, faz-se necessário trazer aqui uma abordagem teórica que justifique essa possibilidade de diálogo, daí a breve e pontual exposição sobre a semiótica e a intersemiótica. A semiótica é uma ciência da linguagem tal como a linguística, mas, diferentemente desta que se ocupa exclusivamente da linguagem verbal, a primeira se ocupa de toda e qualquer linguagem. Somos seres de linguagem e indivíduos sociais e certamente a expressão verbal é condição para nosso estar-no-mundo, contudo essa condição é mediada por uma rede intrincada e plural de linguagem. Dessa pluralidade decorre igualmente uma diversidade, para além da linguagem verbal, de manifestações a nos orientar no processo de comunicação: imagens, gráficos, sinais, sons, gestos, números e tantas outras (SANTAELLA, 1983).

O signo, para o cientista norte-americano Charles Sanders Peirce (2010, p. 46), é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém, cria na mente do sujeito um signo semelhante ou algo mais desenvolvido. Essa palavra “signo” é usada para denotar um objeto perceptível, ou apenas o que foi imaginado. Lúcia Santaella considera exemplar uma definição de signo da perspectiva peirciana e a desenvolve:

"Um signo intenta representar, em parte pelo menos, um objeto que é, portanto, num certo sentido, a causa ou determinante do signo, mesmo se o signo representar seu objeto falsamente. Mas dizer que ele representa seu objeto implica que ele afete uma mente, de tal modo que, de certa maneira, determine naquela mente algo que é imediatamente devido ao objeto. Essa determinação da qual a causa imediata ou determinante é o signo, e da qual a causa mediata é o objeto, pode ser chamada o Interpretante". Esclareçamos: o signo é uma coisa que representa uma outra coisa: seu objeto. Ele só pode funcionar como signo se carregar esse poder de representar, substituir uma outra coisa diferente dele. Ora, o signo não é o objeto. Ele apenas está no lugar do objeto. Portanto, ele só pode representar esse objeto de um certo modo e numa certa capacidade. Por exemplo: a *palavra casa*, a *pintura* de uma casa, o *desenho* de uma casa, a *fotografia* de uma casa, o *esboço* de uma casa, um *filme* de uma casa, a *planta baixa* de uma casa, a *maquete* de uma casa, ou mesmo o seu *olhar* para uma casa, são todos signos do objeto casa. Não são a própria casa, nem a idéia geral que temos de casa. Substituem-na, apenas, cada um deles de um certo modo que depende da natureza do próprio signo. A natureza de uma fotografia não é a mesma de uma planta baixa. Ora, o signo só pode representar seu objeto para um intérprete, e porque representa seu objeto, produz na mente desse intérprete alguma outra coisa (um signo ou quase-signo) que também está relacionada ao objeto não diretamente, mas pela mediação do signo. (SANTAELLA, 1983, p. 12)

Também da perspectiva peirciana, segundo o semioticista italiano Umberto Eco (2014, p. 43), a função sónica “não é outra coisa senão a correspondência entre um significante e um significado, e as mensagens não passam de correspondência do tipo postulado e realizado no curso do processo de transmissão”. O fenômeno sónico, nesse viés, será tudo o que está no lugar de outra coisa, podendo ser aplicado a outros estudos que não sejam da comunicação estritamente humana. O signo não é, assim, uma entidade semiótica fixa; é o encontro de elementos mutuamente independentes, que emergem de dois sistemas diferenciados e que se associam, fazendo surgir a função sónica. Ocorre que toda vez que pensamos, temos presente na consciência algum sentimento, imagem, concepção ou outra representação que serve de signo, porém, pensar é também correlacionar signos e todo pensamento anterior sugere algo ao pensamento (ECO, 2014, p. 146).

Observando que os signos representam seus objetos por semelhança, Santaella faz referência às metáforas verbais, explicando que estas nascem da justaposição entre duas ou mais palavras, num processo que põe em intersecção o significado convencional dessas palavras. E cita como exemplo a expressão metafórica “Olhos oceânicos”. “Quando essas duas palavras são justapostas, o significado de olhos entra em paralelo com o de oceano e vice-versa, fazendo submergir uma relação de semelhança entre ambos.” (SANTAELLA, 1983, p. 14). Esse exemplo de metáfora é bastante oportuno aqui, pois já anteciparia um dado do objeto de estudo desta pesquisa: a metáfora “olhos de ressaca” usada por Machado de Assis, no romance *Dom Casmurro*, para caracterizar, pela voz do narrador Bentinho, os famosos olhos da protagonista Capitu.

Certamente a abordagem semiótica pode contribuir para sustentar a proposta de trabalho aqui delineada. Segundo Eco (2014), não se questiona que “todo conteúdo expresso por uma unidade verbal pode ser traduzido por outras unidades verbais”, mas também é verdade “que grande parte dos conteúdos expressos por complexas unidades não-verbais não podem ser traduzidas por uma ou mais unidades verbais se não por meio de vagas aproximações”. Assim, continua o autor,

“embora a linguagem verbal seja o artifício semiótico mais poderoso, ver-se-á que não satisfaz completamente ao princípio da efabilidade geral – e, para tornar-se mais poderoso do que é, como de fato ocorre, deve valer-se da ajuda de outros sistemas semióticos” (ECO, 2014, p. 154).

Com a perspectiva da análise comparativa de diferentes linguagens e com o interesse em interpretar signos verbais por meio de sistemas de signos não verbais, dado o desenvolvimento e ampliação dos sistemas de linguagem e comunicação, surge a necessidade de promover e compreender o trânsito entre os signos e textos, daí o desdobramento da

semiótica, denominado *intersemiótica*. Roman Jakobson, linguista russo dedicado aos estudos da análise estrutural da linguagem, primeiro estudioso a teorizar sobre o assunto, define a intersemiótica como um tipo de tradução que consiste na interpretação dos signos verbais por meio de sistemas sgnicos não verbais, ou seja, trata-se da transposição de um sistema de signos para outro (NASCIMENTO, 2014, p. 249).

Sobre esse conceito, Jurado em Jesús Octavio Martinez (2008, p.2) da Associação Mexicana de Estudos de Semiótica Visual e do Espaço, da Univesidade Iberoamericana, esclarece:

La intersemiótica como um processo de semiósis que permite la circulación del significado a partir de um conjunto de adecuaciones estructurales, somáticas y formales de um contenido semântico al inteiror de um texto, ésta se observa mediante el traslado de um sitema semiótico a outro, mediante el empleo de estrategias tendientes a garantizar efectos análogos a nivel sintáctico, semântico y pragmático. Se trata de una descripción que tiene su origen em la reflexión de tipo teórico ya q elas personas que lo realizan no concigem sutrabajo como un proceso de traducción y mucho menos de intersemiosis. Um diretor que ejecuta uma sinfonia, um adaptador cinematográfico, um diretor de teatro, un coreógrafo de uma ginasta olímpica dificilmente encontrar analogias entre sí y em las actividades que realizan. Sin embargo todas pueden ser inscritas em la intersemiosis como procesos de traslado del significado entre la partitura, el guion, el grado dificultad de um ejercicio y la operación creativa que ponen en macha em cada proceso creativo³.

Maria Eugênia Curado (2010), em estudo sobre a obra de Clarice Lispector, observa que no processo de semiose, “as linguagens podem se aproximam, se tocar, se completar, mantendo, porém, sua individualidade como signos produtores de interpretantes que tangenciam modos semelhantes de expressar, ainda que por meios diferentes” (CURADO, 2010, p. 21). Nesse trabalho de pesquisa, a autora estabelece relações entre a literatura de Lispector e produções de artistas plásticos como o belga René Magritte, o espanhol Pablo Picasso e o francês Paul Cézanne.

A relação entre a literatura e as artes visuais é exatamente a abordagem que nos mobiliza no presente trabalho, daí o interesse no processo intersemiótico, que trata de discursos híbridos, ou seja, a *transposição* de uma obra artística elaborada em um dado

[1]A intersemiótica como um processo de semiose que permite o movimento do significado a partir de um conjunto de ajustamentos estruturais, somáticas e formal de um conteúdo semântico de um texto, observa-se a mudança do um sistema semiótico para outro, através do emprego de estratégias tendentes a garantir efeitos análogos ao nível sintático, semântico e pragmático. Se trata de uma descrição que tem sua reflexão do tipo teórica, já que as pessoas que o fazem não conseguem esse subtrabalho como um processo de tradução e muito menos intersemiótico. Uma adaptação de filme, do diretor executando uma sinfonia, um diretor de teatro, um coreógrafo de ginasta olímpica dificilmente encontrar analogias e entre as atividades que está a desenvolver. No entanto tudo pode ser registrado como intersemiose, como um processo de transferências significado entre a partitura, o roteiro, o grau de dificuldade de um exercício e a atividade criativa que põe em andamento processos criativos. (Tradução para efeito deste trabalho)

sistema sóico para outro sistema de signos. Abre-se assim nossa área de ação analítica daqui para diante, ou seja, uma abordagem intersemiótica de obras que são transmutadas de um sistema sóico para outro. Neste caso, a transmutação de um romance literário para uma linguagem visual, imagem fixa⁴ – História em Quadrinhos –, chamada, também, de arte sequencial gráfica por Ramos (2012).

Atualmente há muitos trabalhos que se detêm no estudo da semiose entre literatura e Arte Sequencial (HQ). E é essa abordagem que nos interessa pontualmente nesse trabalho, uma vez que a intersemiótica analisa discursos híbridos, ou seja, a *transposição* de uma obra artística elaborada em um dado sistema sóico para outro sistema de signos. Nesse sentido é interessante ressaltar as considerações dos estudiosos do assunto, observando serem suas justificativas as mesmas da presente pesquisa. Moacy Cirne (2000), um dos pioneiros no estudo da Arte Sequencial (HQ), destaca e estuda a importância da literatura transposta para a linguagem dos quadrinhos na sociedade atual, no meio educativo. Daí o interesse em investigar o alcance de textos publicados em outras linguagens ao serem disponibilizados aos leitores.

Adriana Campos (2006) em sua tese de doutorado apresenta uma proposta intersemiótica envolvendo a literatura na Educação Básica, realçando a importância dessa abordagem comparativa para a formação leitora do estudante. Assim ela explica o processo:

A metodologia de abordagem Intersemiótica consiste em captar significados dispersos em múltiplos códigos, verbais e não-verbais: visuais, auditivos, audio-visuais, verbi-visuais, plásticos, cênicos, estáticos ou em movimento e integrá-los, produzindo o sentido, que se estabelece por superação de significados parciais e compõe uma síntese ulterior, integradora. O procedimento é indutivo, parte da análise de fragmentos estilizados, em potencial, que aguardam, em suspenso, seu momento de ativação e realização intersemiótica. A interpretação se consuma, portanto, pela consolidação de etapas graduais e subsequentes de recolher estilhaços de sentido presentes nas diversas semióticas, compondo uma estrutura semiótica, lógica, que capta signos plurais e realiza uma ação, um movimento e mediação sóica que se cumpre na transcodificação verbal. (CAMPOS, 2006, p. 192)

Observe-se que a autora propõe uma ação didática que valoriza diversos gêneros de expressão integrados. Diante das considerações sobre a urgente necessidade de a escola se ocupar de uma efetiva formação leitora do gênero literário na Educação Básica, há de se desenvolver estratégias de trabalho didático para a provocação do jovem leitor escolar. Sem dúvida, considerando o perfil, os interesses dos jovens de hoje, a presença massiva da imagem no universo contemporâneo, uma forma de se estimular o interesse pode ser o estabelecimento

⁴ O termo “imagem fixa” refere-se a gêneros das artes visuais: cartazes, pintura, fotografia, criações gráficas em geral. A imagem em movimento se refere a cinema, animação, televisão, peças audiovisuais.

de relações entre o texto verbal e o não-verbal, mais especificamente ao se tratar do texto literário, a associação deste com as manifestações visuais, a exemplo do quadrinho literário. Como já foi dito, diversas editoras estão investindo na recriação dos clássicos da literatura para o gênero HQ. Acredita-se que o acesso a esse meio expressivo – sua consequente valorização – podem estimular o interesse dos jovens leitores pelo contato com o texto original.

Abre-se assim nossa área de ação analítica daqui para diante, ou seja, uma abordagem intersemiótica de obras que são transmutadas de um sistema sógnico para outro. Neste caso, a transmutação de um romance literário para uma linguagem visual, de imagem fixa, denominada HQ.

O Bruxo do Cosme Velho revisitado

Não cabe, neste trabalho, apresentar considerações detalhadas sobre o valor da produção literária de Machado de Assis, dadas a vastidão, relevância e pertinência da crítica literária já produzida e divulgada sobre a obra machadiana. Tampouco este é o foco da presente pesquisa. Seu interesse, como já foi dito, e aqui se ressalta, é reafirmar a possibilidade de a escola formar leitores de literatura, facilitando o acesso a esse gênero por meio da experiência de leitura de obras produzidas em outras linguagens, mais especificamente, as artes visuais, no gênero HQ. Contudo, cumpre realçar a genialidade do autor carioca para a criação ficcional, do que resultou a publicação de centenas de crônicas e um número bastante considerável de contos e romances, entre estes, a reconhecida trilogia formada pelos títulos: *Memórias póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba* e *Dom Casmurro*.

A fina ironia – também conhecida como o “tom machadiano” – de seu discurso romanesco conduz o leitor no percurso em direção à complexidade da natureza humana e do universo social, aspectos que sua obra tão bem soube explorar. Conforme aponta Candido (1995, p. 27), “os tormentos do homem e as iniquidades do mundo aparecem nele sob um aspecto nu e sem retórica, agravados pela imparcialidade estilística”. Da trilogia citada, se destaca como de interesse aos jovens leitores a história de Bentinho e Capitu, do romance *Dom Casmurro*, talvez a mais divulgada trama romanesca machadiana no meio escolar, mas também fora dele, já que foi adaptada para a TV e para outras linguagens como a HQ, como se verá adiante.

Assim, não surpreende que este romance seja o escolhido para ser lido em turmas de 2º ano do ensino médio, como é o caso do campo desta pesquisa, apesar de outros títulos de Machado de Assis serem igualmente conhecidos no meio escolar, e também terem sido adaptados para a linguagem da HQ. O objeto de estudo desta pesquisa perpassa, pois, o processo de intersemiose da obra machadiana *Dom Casmurro*, visando observar o efeito da recriação do texto literário no jovem leitor escolar da era digital, mais afeito, pode-se afirmar sem receio de errar, à linguagem visual.

Como exemplo, cita-se, entre diversos livros já adaptados, ou *transmutados* para o gênero HQ, *O Alienista*, também um clássico da literatura de Machado de Assis, observando-se que sua versão para os quadrinhos, de autoria de Cesar Lobo (arte) e Luiz Antônio Aguiar (roteiro), atinge requinte técnico de alto nível, bem como qualidade gráfica expressiva impressionante (fig. 24).

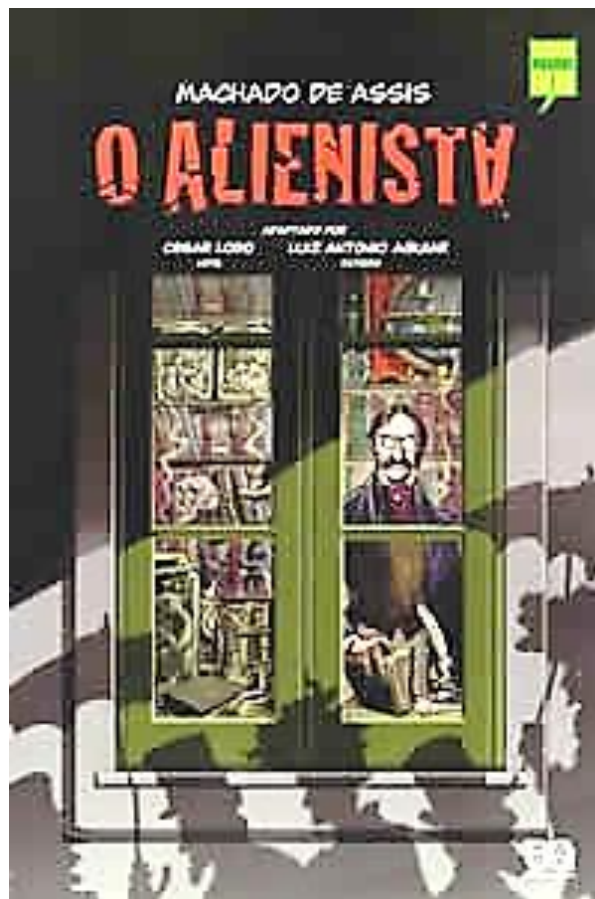


Fig. 10 - Capa

O Alienista narra a história de Simão Bacamarte, um médico que, interessado em investigar a psique humana, resolve internar todos aqueles que ele julga loucos, na cidade de Itaguaí; seu fim, contudo, foi a própria internação, por se considerar o verdadeiro louco. O

texto foi “publicado em 1882, num momento em que a obra de Machado de Assis alcança a genialidade que faz dele o maior autor de nosso idioma e um dos maiores da literatura mundial. O que há de melhor na literatura, e nas histórias em quadrinhos” (AGUIAR; LOBO, 2008, 5). Conforme se pode ver (fig.25), o protagonista machadiano recebe na HQ uma caracterização bastante expressiva, fazendo jus à configuração que recebe da pena do escritor carioca.

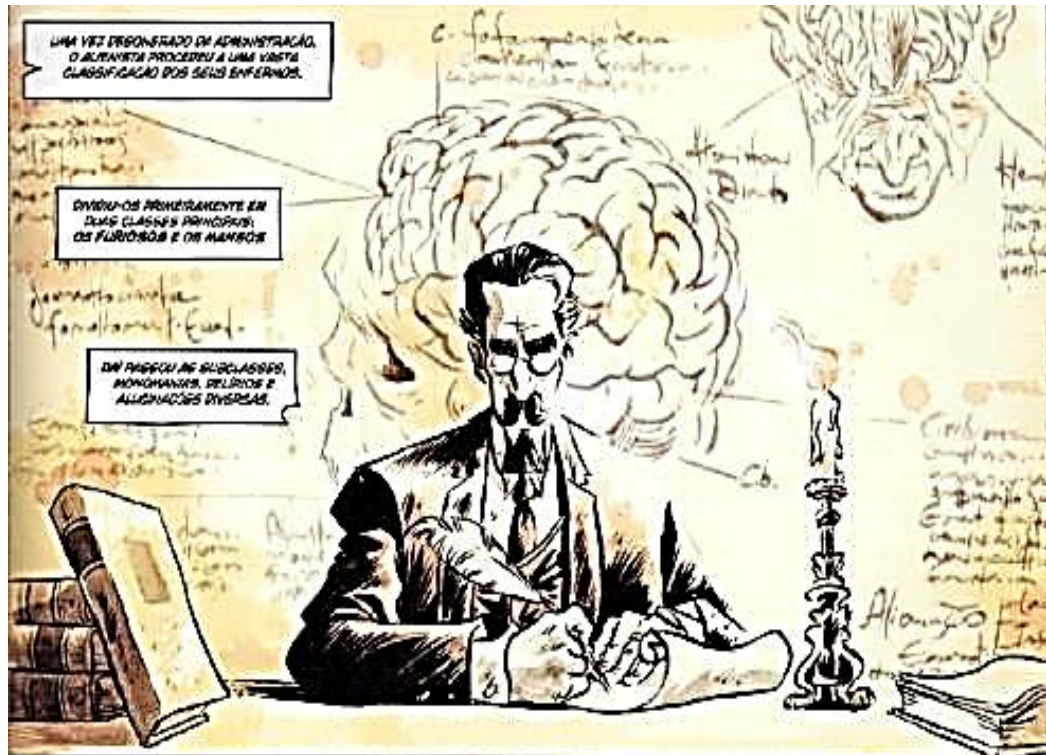


Fig. 11 – O protagonista

A trama se desenvolve no gênero dos quadrinhos, por meio de ritmos visuais empolgantes, com rica elaboração gráfica e cromática, com quadros dramáticos e arrebatadores. O quadrinista Cesar Lobo e o roteirista Luiz Antônio Aguiar captam a atmosfera atormentada que permeia o enredo e reafirma a narrativa questionadora do autor, reconstruindo, imagetivamente, com planos, requadros, balões e texto, o universo machadiano. Valendo-se dos enquadramentos em plano geral, total e de close, devidamente combinados com a iluminação, as cores e o desenho primoroso da figura humana, senão caricata, estilizada, a HQ alcança efeitos de sentido bastante fiéis ao traço estilístico do ficcionista fluminense (fig. 28).



Fig. 28 - Exemplo de enquadramento

Diversas possibilidades de estudo a partir do quadrinho literário podem ser desenvolvidas com turmas de Educação Básica, tal a riqueza mostrada pelo aspecto da adaptação e da qualidade artística das produções. Antonio Vicente Pietroforte propõe uma análise do texto visual em quadrinhos, como forma de reconhecer o valor semiótico dessa linguagem e sua importância também como texto:

Na história em quadrinhos, a manipulação da leitura pode ser construída por meio de jogos de enquadramentos, em que a imagem imaginada do conteúdo, quando manifestada, é exibida de acordo com enquadramento de cenas desenhadas, e não de cenas filmadas, há diferenças quanto ao resultado final, mas o processo semiótico desse movimento pode ser descrito por meio da forma plástica que o orienta. (PIETROFORTE, (2007, p. 67)

Compreender a linguagem em quadrinhos, enquanto texto híbrido, texto-imagem, é importante para, a partir dele, propor novas leituras e acessar novos níveis de compreensão e de expressão. A análise crítica da produção em quadrinho é uma área de estudo relevante, pois desvenda como o autor desenhista interfere na compreensão do texto e manipula a imagem para atingir esse objetivo. Assim, o que o texto diz e como diz são aspectos importantes para a construção dos sentidos no movimento da atividade leitora (PIETROFORTE, 2006).

Para o estudo das transmutações para HQ do romance *Dom Casmurro*, elegeram-se duas versões, a fim de estabelecer com os alunos leitores a possibilidade de comparação dos projetos gráficos, além, evidentemente, da possibilidade de alargamento da percepção do processo de recriação. As versões escolhidas são de autoria de Rodrigo Rosa e Ivan Jaf, pela Editora Ática, e Felipe Greco e Mário Cau, pela Editora Devir.

A escolha dessas edições deve-se à qualidade de ambas, visto que o resultado é primoroso, como se pode adiantar pela observação das capas (fig. 29 e 30), bem como pelas páginas internas, que ilustram a forma de criação dos quadros (fig. 31 e 32).

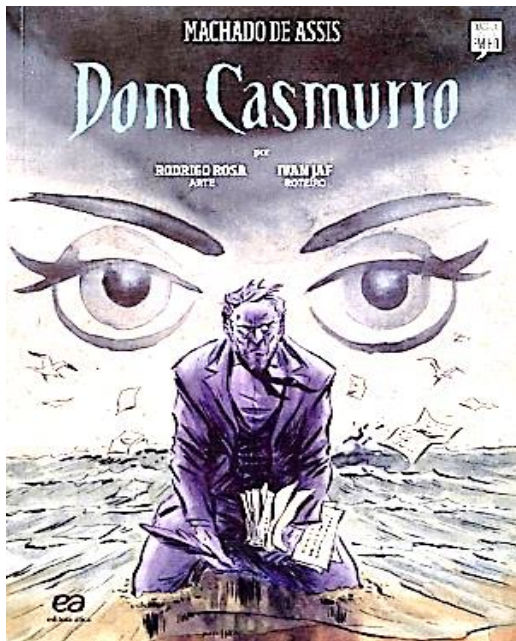


Fig. 29 – Capa de Rodrigo Rosa

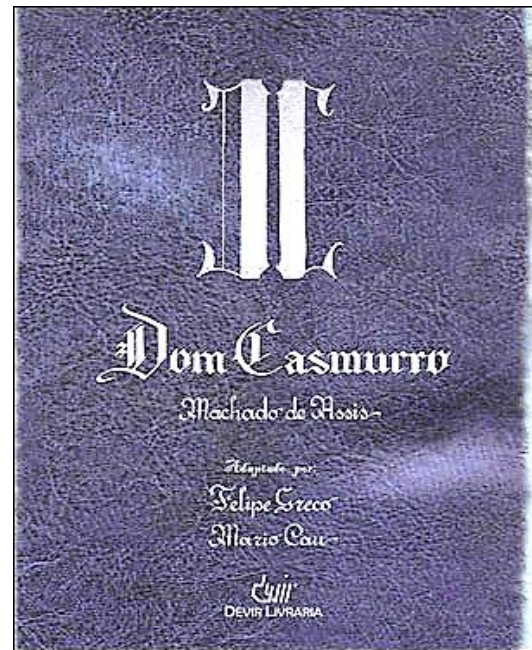


Fig. 30 – Capa de Mario Cau



Fig. 31 – Páginas internas, Rodrigo Rosa



Fig. 32 – Página interna, Mario Cau

Zeni (2009) observa que a adaptação da obra literária para o gênero de HQ pode ser uma estratégia importante para incentivar o estudante para a leitura do original, mas a proposta de abordagem comparativa deve levar o aluno leitor a perceber que o trabalho de recriação como um processo que resulta num gênero autônomo, que tem seus próprios modos de expressão. Na obra literária adaptada para HQ é bastante interessante focar no aspecto visual, a relação da imagem com o texto, a função das cores. Esse trabalho exige esforço e tempo, porém, os benefícios oferecidos aos estudantes são muito bons.

No caso do projeto de leitura das HQs em questão, com base em *Dom Casmurro* –, foi feita uma proposta didática, observando os seguintes elementos propostos por Zeni (2009, p. 134):

1. Quadros (formato, tamanho, linha de contorno);
2. Entre quadros (espaço entre um quadrinho e outro, cor, se padronizado para toda a história, se as imagens dos quadrinhos passam por ali);
3. Cores (se são fortes, tênues, preto e branco; que valor cada uma tem);
4. Traços (o desenho é caricatural? Tende ao realismo? Como é a representação dos cenários?);
5. Formatos (altura, largura, quantidade de página).

O autor propõe, ainda, a “Unidade de Comparação”, em que se estudam cenas, nesse caso, é definida como uma pequena sequência de eventos narrativos que devem levar a algum clímax. Sendo esse critério muito aberto, o que é importante para se poder explorar uma sequência de cenas da HQ em estudo. O autor faz uma divisão didática para se explorar na “Unidade de Comparação”: a leitura da obra; a definição de um critério de unidade de análise; divisão de cenas em unidades; utilização do mesmo critério para a adaptação e divisão de unidades (ZENI, 2009).

Não poderia fechar esse capítulo sem falar da obra de Antonio Luiz Cagnin, autor do livro *Os quadrinhos: linguagem e semiótica um estudo abrangente da arte sequencial*. Nesta obra, o autor defende os métodos de análise da imagética quadrinística, que será explorada em estudos futuros sobre a relação literatura e Arte Sequencial (HQ), por ser um aprofundamento que não se pode estender nesse trabalho por questão de tempo e método. Cagnin (2014) propõe que a HQ é um fato paradidático à literatura e desenvolve um estudo abrangente sobre como desenvolver uma análise visual mais aprofundada da linguagem da Arte Sequencial.

O capítulo seguinte destina-se a apresentar a Sequência Didática desenvolvida no campo da pesquisa.

4. DOM CASMURRO: DO TEXTO LITERÁRIO À HQ

O presente capítulo tem o propósito de apresentar a Sequência Didática, tal como foi desenvolvida em sala de aula, daí o tom narrativo do discurso. O trabalho pedagógico destinou-se a uma série de 2ª ano, turma B, do ensino médio do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás/CEPAE-UFG. A Sequência Didática desenvolveu-se durante oito encontros, nos quais a proposta de atividade interdisciplinar entre literatura e artes visuais constituiu-se da aplicação prática do projeto de leitura envolvendo o romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, em duas versões adaptadas para HQ, uma por Ivan Jaf (roteiro) e Rodrigo Rosa (arte), e outra por Felipe Greco (roteiro) e Mario Cau (arte).

O objetivo da prática pedagógica de leitura foi desenvolver, tal como já se referiu neste trabalho, uma sequência de aulas que estimulasse a formação leitora, considerando o gênero Arte Sequencial como elemento importante nesse processo, ou seja, o acesso à leitura e à apreciação dirigida desse gênero expressivo, posteriormente à leitura do romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, em uma ação combinada que potencializasse a formação leitora do estudante da Educação Básica. Os estudantes que participaram da vivência didática proposta já haviam lido o referido romance, assim, o processo se tornou uma retomada da leitura literária a partir do contato com a mesma trama, mas formalizada em um gênero diferente, a Arte Sequencial.

Considera-se interessante o uso desse gênero das artes visuais em sala de aula, dado o apelo de sua linguagem, o que, conforme pretendemos comprovar, resultou como provocação ao interesse pela obra literária. Conforme se pretendeu afirmar no primeiro capítulo deste trabalho, pela citação de diversos teóricos e estudiosos do assunto, a prática de leitura literária se afigura como uma necessidade inquestionável para a formação humana. A proposta da Sequência Didática visou demonstrar possíveis atividades dinâmicas para estimular a formação leitora em sala de aula, usando a leitura de clássicos literários adaptados para o gênero HQ.

Todas as atividades foram documentadas por meio de anotações escritas do campo, durante os encontros, e também por registro fotográfico. Os dados da coleta de dados não

contemplados na exposição que segue figuram na forma de apêndices deste trabalho (plano da Sequência Didática; atividades de análise comparativa; questionários e roteiro de debates). É necessário destacar que o processo documental fotográfico não é mera ilustração, mas texto visual proposto no corpo desse trabalho. Ricardo Videll (2005, p. 235) afirma que

‘las estrategias investigación basadas en la imágenes, especialmente a partir de la posibilidad de la imagen digital, han tenido un desarrollo espectacular en todos los campos científicos’.⁵

Assim, o discurso visual é parte constitutiva deste trabalho, é registro importante da ação efetiva com os sujeitos participantes e suas produções no momento em que executavam a proposta elaborada pelo pesquisador.

Com a exposição narrativizada da Sequência Didática, esperamos conseguir demonstrar o alcance do projeto de leitura idealizado, a fim de contribuir com a prática pedagógica de outros professores da educação básica, sejam eles da área de literatura ou de artes visuais, interessados na formação de leitores literários e também sensibilizados para a apreciação das artes visuais.

Sequência Didática narrativizada

DIA 24/11/2014

Os estudantes foram deslocados de sua sala de aula convencional para a sala de aula de artes, onde há mesas para desenho artístico e cujo espaço é mais adequado para a projeção dos dois vídeos planejados para a aula (fig. 33).

⁵ “Estratégias baseadas em pesquisas de imagens, especialmente da possibilidade de imaginá-lo digital, têm tido desenvolvimento espetacular em todos os domínios científicos”. (Tradução para efeito deste trabalho)



Fig. 33 - Sala de aula de Artes do CEPAE-UFG

Em um primeiro momento, foram apresentadas as linhas gerais das ações didáticas e os objetivos almejados (fig.34). Não houve perguntas, todos entenderam bem a proposta.

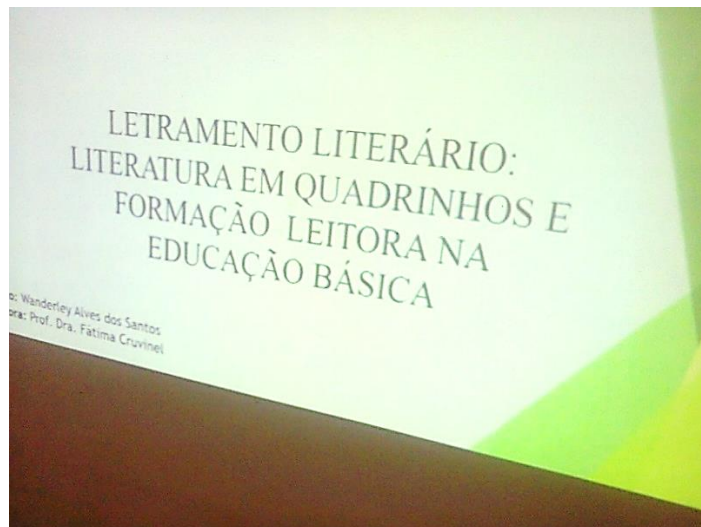


Fig. 34 – Slides de apresentação da proposta de trabalho

Em seguida, passou-se ao preenchimento do questionário “Perfil do aluno leitor” por todos. Um estudante perguntou se leitura de revista digital seria válida. Foi informado que era leitura, mas em um suporte diferente (fig. 35).



Fig. 35 - Estudante preenchendo questionário.

Depois, foi projetado o vídeo intitulado “O que é quadrinho”. Todos os alunos ficaram atentos, o que reafirma nossa compreensão de que a linguagem visual exerce sobre o jovem contemporâneo um forte poder de atração. A reação dos alunos foi marcada por riso em algumas cenas, o que certifica, sem dúvida, que o vídeo lhes interessou e mobilizou sua emoção.

Após a projeção do vídeo, o professor-pesquisador fez comentários sobre a linguagem dos quadrinhos, lembrando elementos básicos constitutivos dessa forma de expressão, numa retomada de conteúdos já desenvolvidos em aulas de séries anteriores, ministradas pelo mesmo professor. Posteriormente, foi projetado outro vídeo, cuja abordagem foi a relação entre literatura e quadrinhos. Trata-se este vídeo de uma entrevista veiculada no Programa “*Entrelinhas*”, com o jornalista Paulo Ramos, autor do livro *A leitura dos Quadrinhos*. Nesta entrevista, o foco recai sobre a importância dessa linguagem e o diálogo que ela estabelece com a literatura (fig. 36).



Fig. 36 – Paulo Ramos em entrevista no Programa Entrelinhas

Os estudantes se mantiveram atentos, o que demonstra seu interesse pelo tema. Ao final, foi destacada a relação com o primeiro vídeo, no qual foi mostrado como se construía uma história em quadrinhos, com o segundo, com destaque para a relação do gênero HQ com a literatura. O objetivo com a projeção dos vídeos foi o maior envolvimento dos sujeitos da pesquisa com o gênero Arte Sequencial.

Em seguida, o professor-pesquisador expôs, no quadro, esboços sobre o gênero, definindo alguns elementos básicos da história em quadrinhos, como *vinheta*, enquadramento, planos, balões, linguagem onomatopéica. A proposta era que os estudantes iniciassem a prática do desenho, sob orientação. Assim, de posse de papel para desenho A3 foi-lhes solicitado que desenhassem na perspectiva do desenho de quadrinhos. O professor-pesquisador desenhou um círculo e pediu que eles fizessem o mesmo na folha; daí por diante foram criando, juntos, um rosto, como se fosse um personagem de quadrinho (fig. 37).

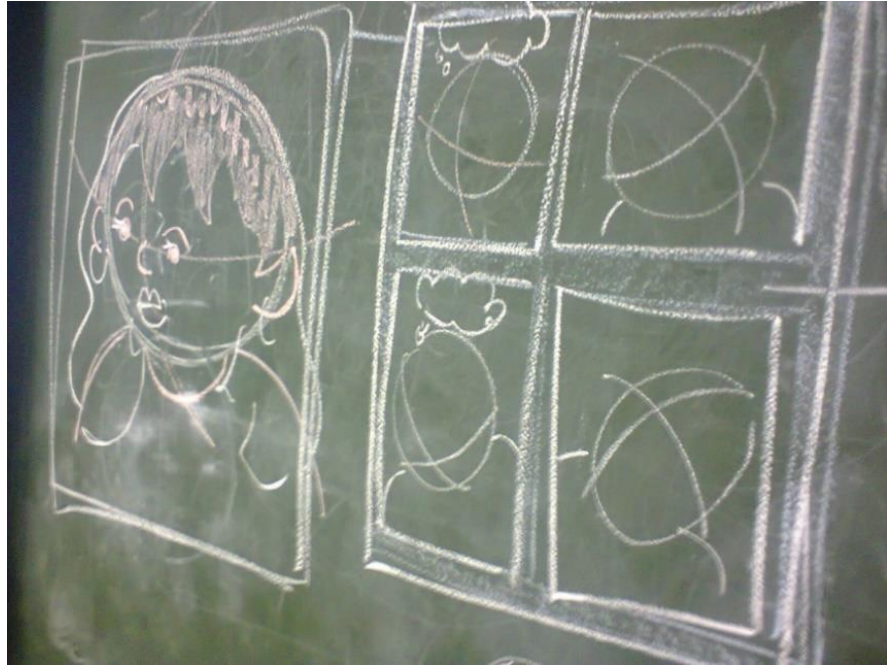


Fig. 37- Aula sobre a linguagem da Arte Sequencial (HQ)

O rosto foi colocado dentro de vinhetas e esboçado de diversos ângulos. Após esse exercício, pediu-se que os estudantes criassem uma fala para o personagem, na qual deveria conter suas impressões sobre a leitura do romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis (fig. 38). Reitera-se, aqui, a informação de que os alunos desta turma já tinham realizado a leitura dessa obra, por exigência da disciplina Língua Portuguesa.

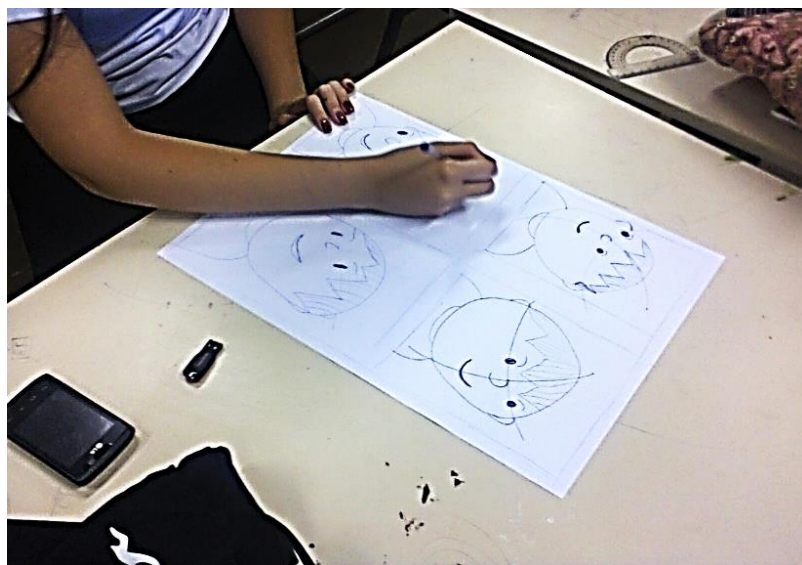


Fig. 38 - Estudantes praticando a linguagem de Arte Sequencial (HQ)

O resultado pode ser considerado bastante interessante, tanto pelo professor-pesquisador quanto pelos sujeitos da pesquisa. Na verdade, avaliamos que superou as expectativas iniciais, já que a atividade demandou uma retomada da prática de desenho artístico ministradas do ensino fundamental, portanto, já com certo distanciamento no tempo. Além disso, pode-se considerar a aula como muito proveitosa, uma vez que todos fizeram os trabalhos pedidos com evidente interesse. Um aluno lamentou o término da aula, reafirmando seu gosto pela atividade desenvolvida. O professor-pesquisador reforçou que todos tinham feito um excelente desenho artístico baseando-se na orientação inicial (fig. 39).

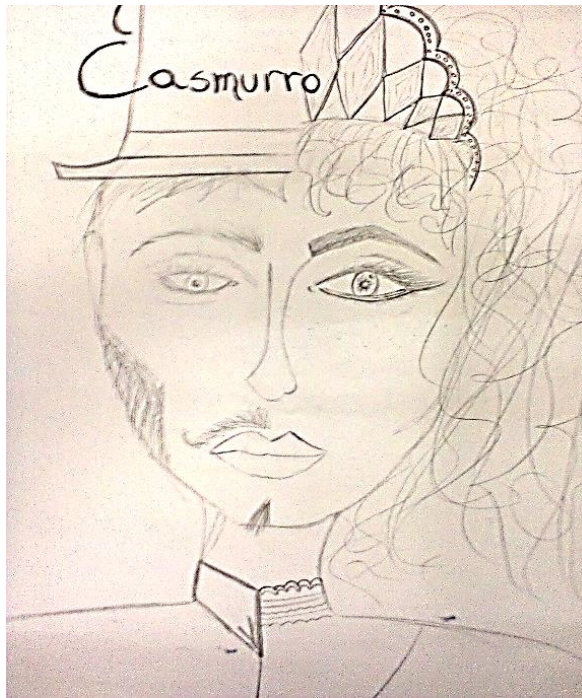


Fig. 39 - Impressão de aluno sobre a obra Dom Casmurro

DIA - 25/11/2014

O professor-pesquisador iniciou a aula perguntando aos estudantes quais memórias tinham da trama do romance *Dom Casmurro*. Foram feitas perguntas gerais e específicas e os estudantes foram respondendo às questões oralmente. Comentavam a cena que mais gostaram e a descreviam. Alguns alunos destacaram a cena da morte de Escobar e falaram de forma que demonstrava grande prazer pelo acontecido na narrativa. Outros comentaram que a narrativa foi muito lenta. Uma aluna afirmou ter gostado do livro mais para o final da narrativa,

entretanto, a cena do primeiro beijo entre os protagonistas Capitu e Bentinho teria sido a mais interessante do livro. Outros alunos, igualmente, destacaram como melhores as cenas iniciais, nas quais Capitu e Bentinho eram jovens e namoravam. Isso atesta inquestionavelmente o poder de atração, para o jovem leitor, de uma trama romanesca que focalize a relação amorosa entre adolescentes. Cumpre lembrar aqui o aspecto da identificação do leitor com as personagens da trama ficcional que envolve o receptor no ato da leitura.

Em seguida, a fim de ativar um pouco mais a memória do enredo machadiano, foi feita, de forma coletiva, a leitura do resumo⁶ de *Dom Casmurro*. Cada aluno leu dois parágrafos do resumo proposto, o que foi bastante interessante, pois todos queriam participar. Além de recordar o conteúdo lido nas aulas de literatura, essa retomada da história teve o propósito de posicionar algum aluno que não teria lido integralmente a obra.

Após a rememoração da narrativa, foi entregue aos alunos a versão do romance *Dom Casmurro* em HQ, do quadrinista Rodrigo Rosa (Editora Ática). A solicitação inicial do professor-pesquisador foi a de que buscassem a cena que comentaram como de maior impacto quando da leitura do romance. Durante a atividade, os alunos demonstraram grande interesse no processo. Depois dessa etapa foi distribuído um questionário sobre o interesse pelo gênero quadrinho, ao qual responderam com bastante interesse.

Uma intercorrência no processo merece destaque. A HQ do quadrinista Felipe Greco (Editora Devir) não chegou a tempo para essa aula em que os alunos seriam provocados a fazer a comparação entre os trabalhos dos diferentes autores. Para não alterar o roteiro, tampouco adiar o trabalho, foi necessário, assim, fotocopiar uma cena da versão dessa Editora Devir. Diante disso, o professor-pesquisador fez cópia de uma cena comum nas duas Artes Sequenciais (HQs) e distribuiu para que os estudantes percebessem a diferença entre as produções. Como havia só uma versão disponível da Editora Devir, ela ficou circulando pelo grupo ao mesmo tempo em que uma dupla folheava a versão da Editora Ática (figs. 40 e 41).

⁶ Esse resumo foi idealizado para se retomar conteúdos básicos da leitura feita pelos estudantes. Tendo um caráter de apoio e orientação. Uma estratégia para clarear a memória sobre os pontos principais da obra.

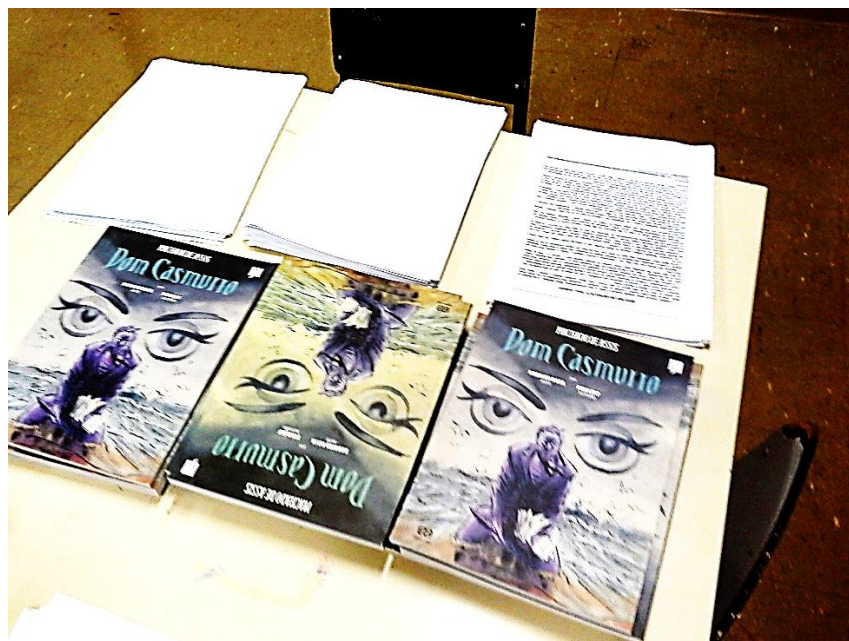


Fig. 40 - HQ de *Dom Casmurro* e material didático de apoio



Fig. 41- Exemplo de recorte didático para análise dos estudantes

O que foi alterado da sequência inicial é que foi o professor-pesquisador que teve que escolher a cena para análise e copiá-la para os estudantes.

Outra proposta foi a da observação das capas, a fim de uma análise comparativa. Diante das duas criações, os estudantes fizeram comparações e alguns comentaram que a

versão da Ática seria melhor. A proposta inicial de os estudantes escolherem a cena da versão da obra da Editora Devir teve de ser adiada para o final, onde seria retomada, ou seja, o livro estava atrasado e chegaria pelos Correios (Sedex) antes de se fechar a vivência da sequência. Foi feito, assim, um pequeno ajuste de percurso que não prejudicaria o objetivo geral da experimentação da análise comparativa de produção de HQs (figs. 42 a 44).



Fig. 42 - Estudantes fazendo análise



Fig. 43 - Estudantes fazendo análise

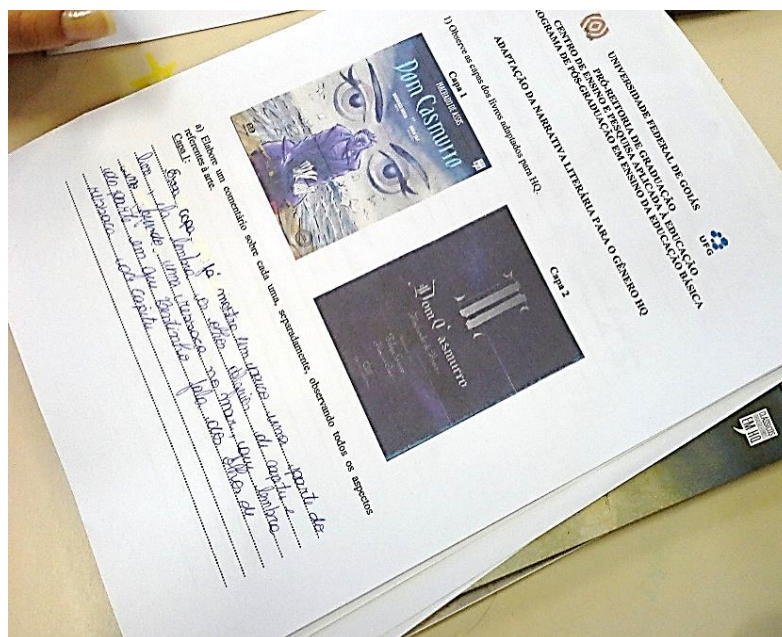


Fig. 44 - Estudantes fazendo análise das capas

Dos vinte respondentes, dois alunos consideraram a capa de Mario Cau mais atraente, em razão de apreciarem o estilo mangá de fazer quadrinhos. O projeto de Mario Cau resultou num trabalho de claro e escuro, sem cor, inclusive na capa, o que atraiu esses dois estudantes. Os demais declararam ser a capa de Rodrigo Rosa a mais agradável, por ser colorida e por apresentar uma versão dos olhos de Capitu, personagem principal do romance em questão. Essa dinâmica demonstra que essa atividade é interessante, pois leva o estudante a observar mais detidamente o projeto de HQ baseado em literatura e perceber como se pode ser bastante autoral, mesmo que o quadrinista esteja recriando outra, no caso, outro gênero, pertencente a outra linguagem, como a obra literária. A análise aparentemente informal abre para o estudante possibilidades de apreciação mais profunda sobre o objeto, o que certamente pode enriquecer seu desenvolvimento como sujeito leitor.

Ressalte-se, nesse ponto da narrativa, a dinamicidade própria da prática pedagógica em razão de intercorrências. Face à persistência no atraso da remessa dos exemplares da segunda HQ, coube ao professor-pesquisador rever a Sequência Didática idealizado no projeto inicial, do que resultou a proposta de acréscimo de uma atividade, a saber, um trabalho de produção criativa, com base na leitura do romance. Os alunos foram instados a elaborar uma versão criativa livre, baseada nas memórias e no resumo lido da obra. Indiferentes ao acidente de percurso, eles desenvolveram a tarefa com grande interesse, usando não só o desenho, mas também a colagem, proposta que agregou valor ao trabalho, na

medida em que ampliou as possibilidades de expressão pelas linguagens visuais (figs. 45 a 49).



Fig. 45 – Processo de colagem



Fig. 46 - Processo de colagem

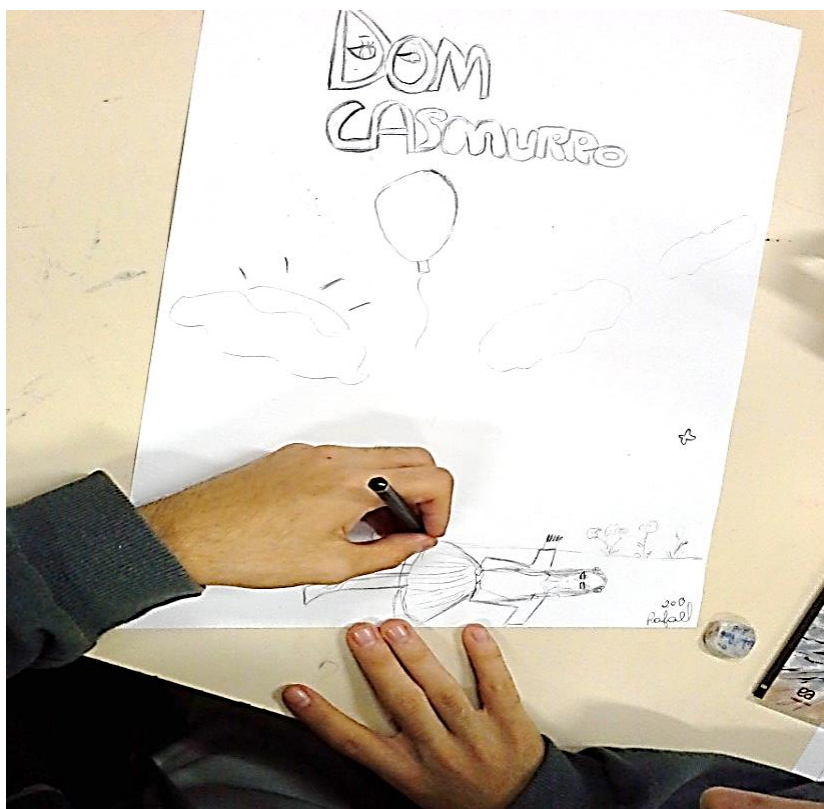


Fig. 47 – Estudante em processo de ilustração pelo desenho

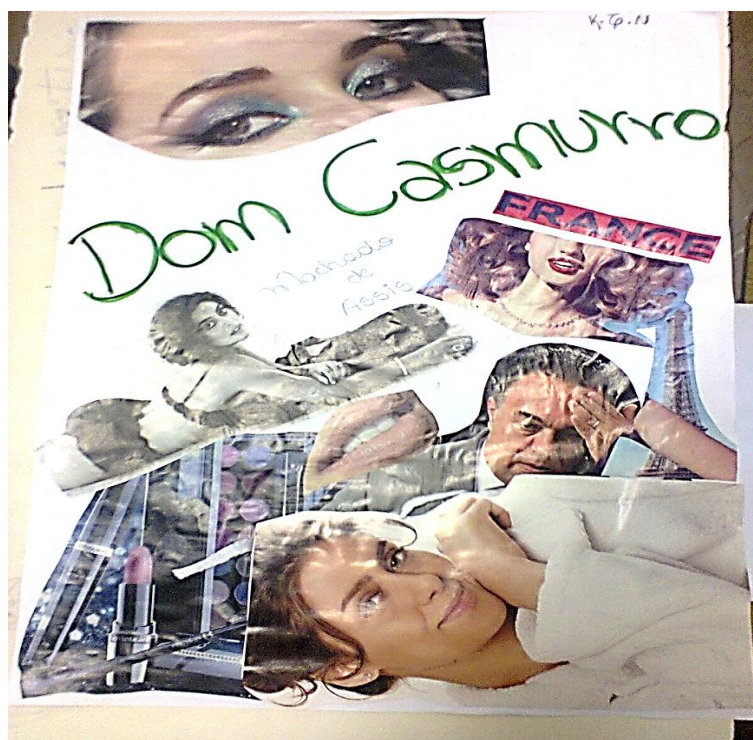


Fig. 48 – Resultado de colagem criativa

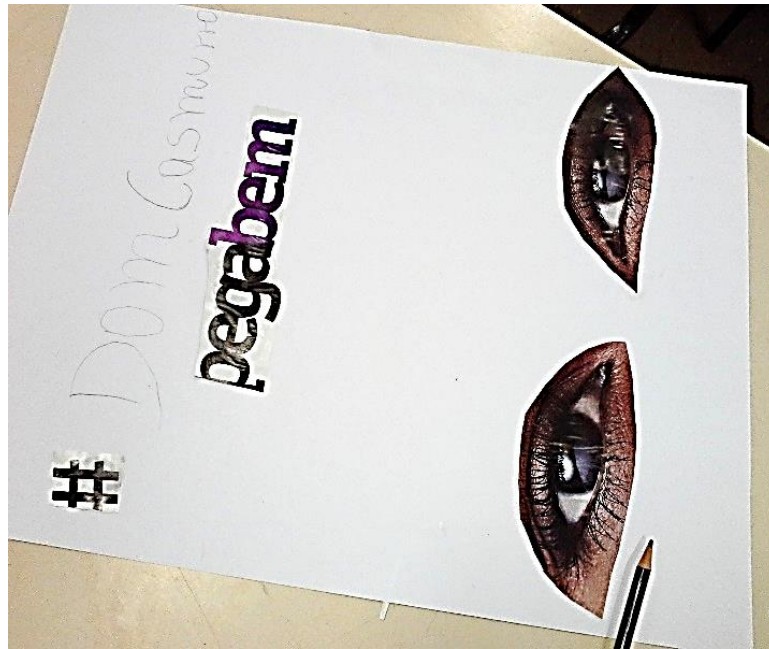


Fig. 49 – Resultado colagem

Dia 26/11/2014

Na sequência, com o intuito de promover com os sujeitos da pesquisa uma análise mais objetiva no que se refere aos traços dos desenhistas das duas HQs em análise, foi distribuída uma folha com imagens dos olhos da protagonista Capitu, feitas pelos artistas apresentados. O propósito foi o de realçar um dado da trama romanesca de Machado de Assis, por meio da observação mais detida da representação pictórica nas HQ em questão. Um dos traços físicos da personagem Capitu, com forte ressonância no narrador e, conseqüentemente, no leitor, são os olhos. É pela voz do ciumento Bentinho, narrador da história, que o leitor é levado a imaginar os olhos de Capitu, e alcançar a dimensão desse olhar. Os olhos de Capitu são descritos por Bentinho como “olhos de ressaca” (ASSIS, 2015, p. 32), no sentido de se assemelharem às ondas que podem nos tragar, depois de citar outra definição que ouvira do agregado: “olhos de cigana oblíqua e dissimulada” (ASSIS, 2015, p. 19).

Ora, os artistas que transmutaram o romance para a HQ são, antes, leitores, que criam a imagem mobilizados pela descrição do narrador, assim como qualquer leitor do livro em sua versão romanesca. O interesse da atividade proposta recaiu, desse modo, na comparação das duas recriações desse traço de Capitu tão realçado no romance machadiano (fig. 50).

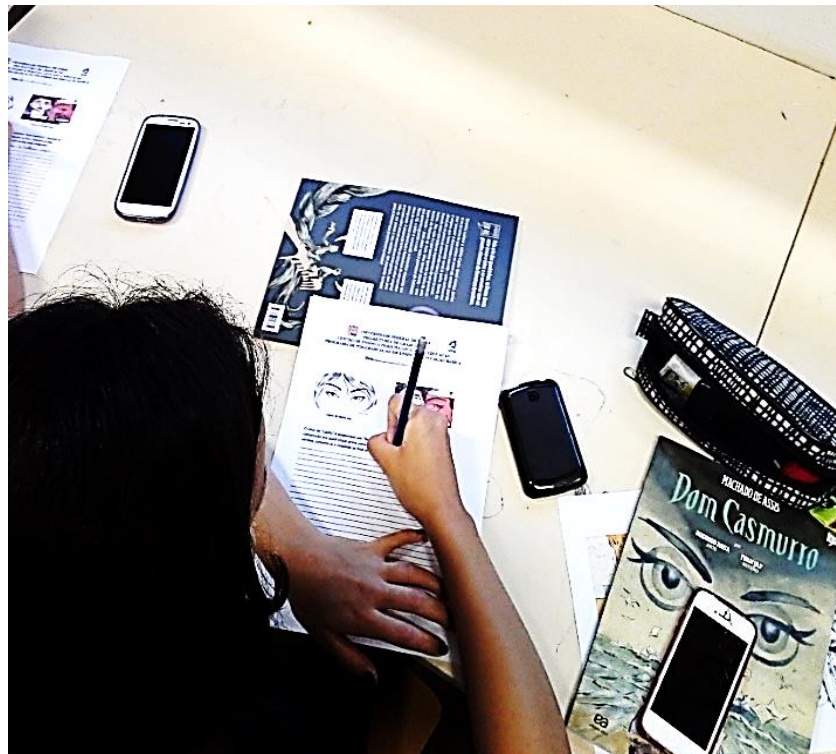


Fig. 50 – analisando a representação do olhar de Capitu em Mario Cau e Rodrigo Rosa

A atividade despertou, como foi observado em campo, e pelo próprio tom das respostas, o interesse dos estudantes sobre a capacidade criativa dos quadrinistas e sobre a importância do uso da cor, como recurso expressivo. Alguns estudantes comentaram que se pudessem juntar a expressividade do traço de um artista com a cor usada pelo outro, os olhos de Capitu se aproximariam do que eles haviam imaginado. Ou seja, no aspecto do traço, houve maior preferência pela representação de autoria de Mario Cau, mas houve destaque também para o elemento da cor na obra de autoria de Rodrigo Rosa.

O objetivo dessa atividade foi o de fazer os estudantes se deterem em detalhes visuais e compará-los com a leitura literária realizada, desta forma, estava-se voltando ao texto literário, por outro caminho, a saber, outro sistema sótico. Uma atividade informal, sem aprofundamentos teóricos para o estudante, mas, na verdade, trata-se de uma iniciação na análise intersemiótica. Não houve qualquer interesse em abordar teoricamente o processo; houve, sim, o objetivo de levar os alunos a observar e verbalizar as possibilidades de transmutação sótica entre uma linguagem e outra, sem perder-se do referencial da obra literária de base. Interessou reafirmar a HQ como uma outra obra artística, como uma possibilidade de diálogo dos quadrinistas com o texto recriado, de forma a levar os alunos a, igualmente, se aproximarem mais do romance de Machado de Assis.

Conforme projeto da Sequência Didática, foi pedido aos alunos que fizessem nova visita ao texto visual quadrinizado e respondessem, posteriormente, à questão: “Qual sua impressão, sua opinião sobre o quadrinho em literatura? A proposta era a de que atendessem à questão usando também a linguagem dos quadrinhos. Como a turma já tinha demonstrado excelente produção da primeira experiência com esboços, nesta etapa pediu-se uma melhor finalização dos desenhos.

Para a realização da atividade, foi distribuída uma folha formato A3 já com as vinhetas prontas, na qual os estudantes deveriam inserir seu personagem, balões e falas. Ademais, deveriam fazer um pequeno esboço e, em seguida, passá-lo a limpo, dando melhor qualidade ao trabalho final. Todos os alunos realizaram a proposta. A distribuição das vinhetas prontas foi necessária tendo em vista o tempo disponível para a atividade, pois para que os estudantes projetassem suas próprias vinhetas seria necessário mais tempo e materiais como régua para todos.

Os resultados foram intitulados “Literatura e quadrinhos: o caso de *Dom Casmurro*”, conforme fotos a seguir (figs. 51 a 59).

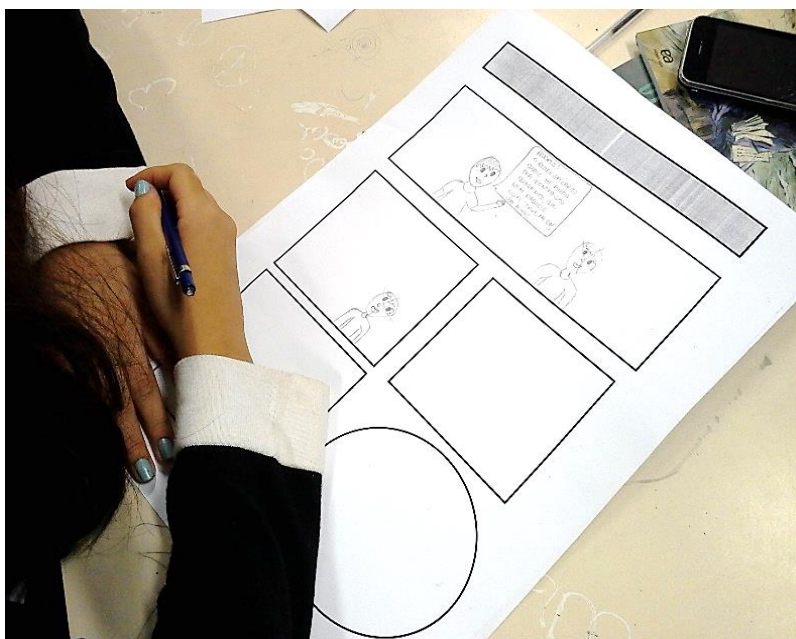


Fig. 51 - Estudante criando HQ

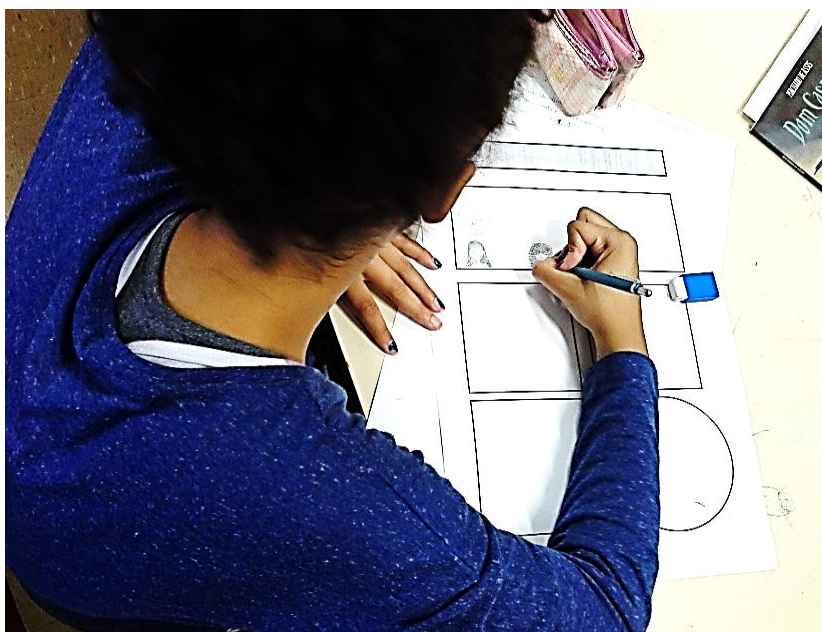


Fig. 52 - Estudante criando HQ

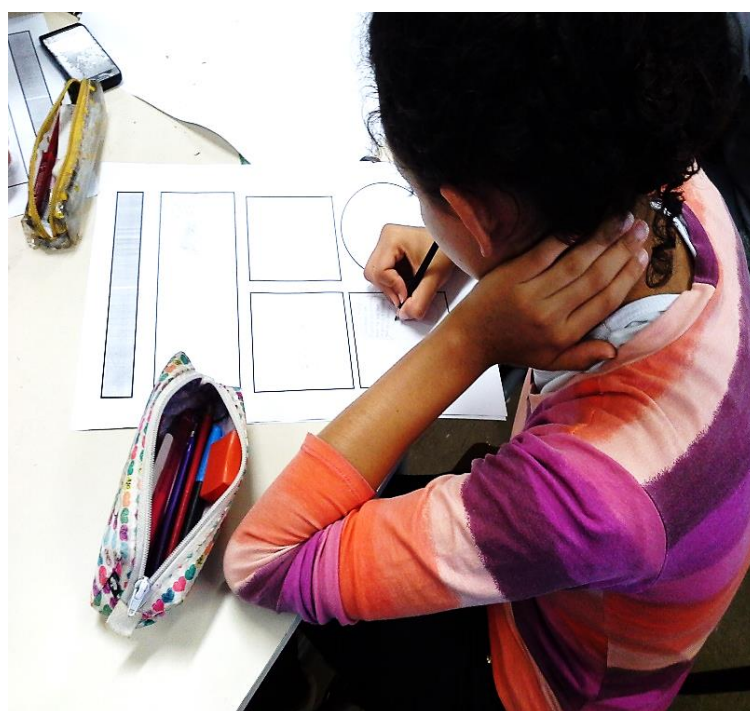


Fig. 53 - Estudante criando HQ

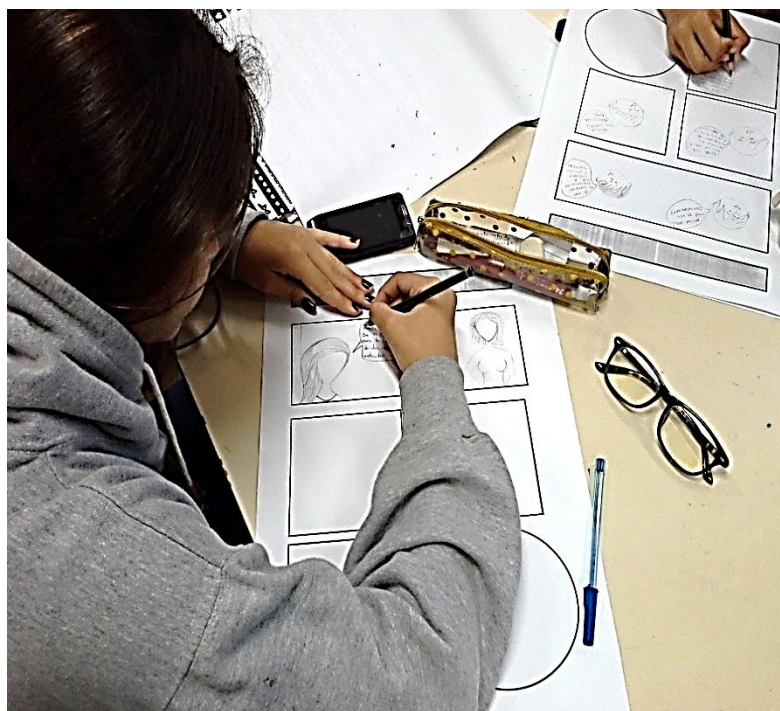


Fig. 54 - Estudante criando HQ

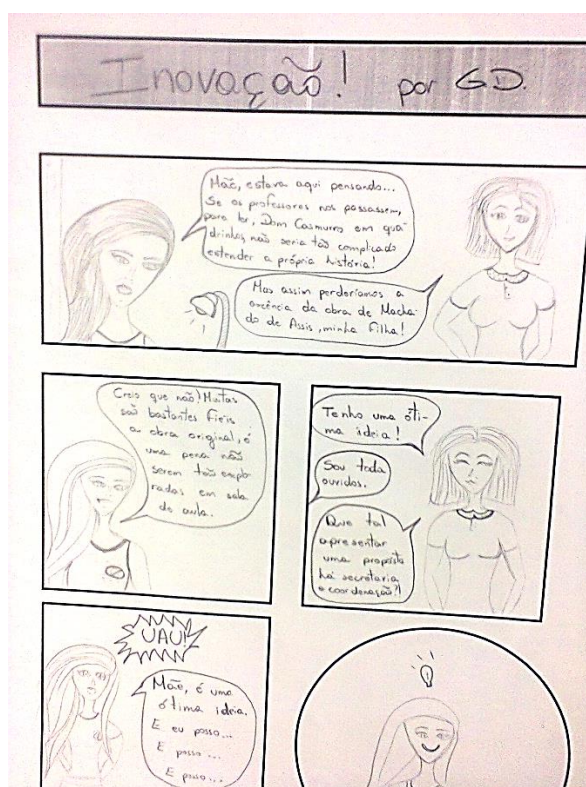


Fig. 55 - HQ didático de estudante

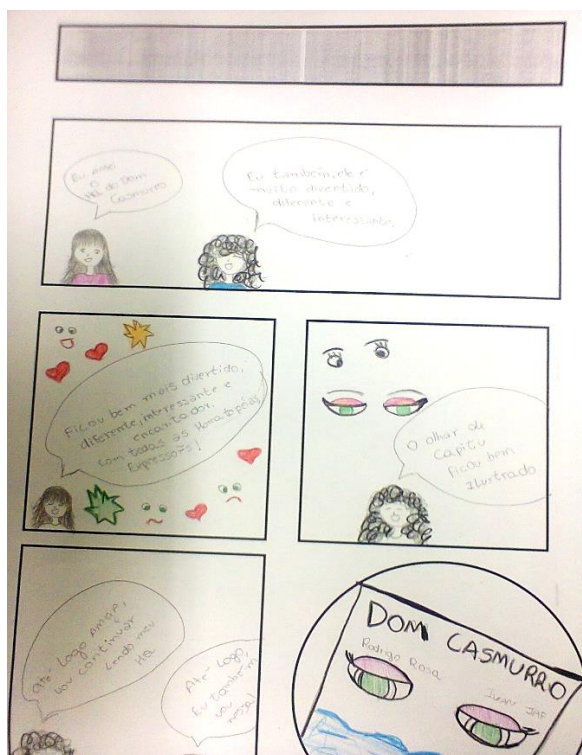


Fig. 56 - HQ didático de estudante

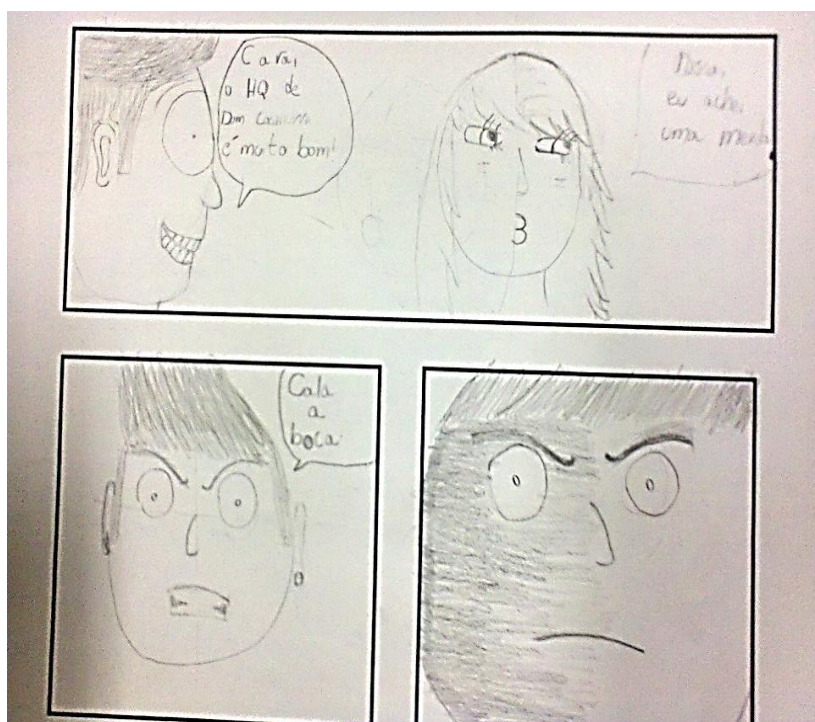


Fig. 57 - Opinião do estudante sobre HQ e literatura

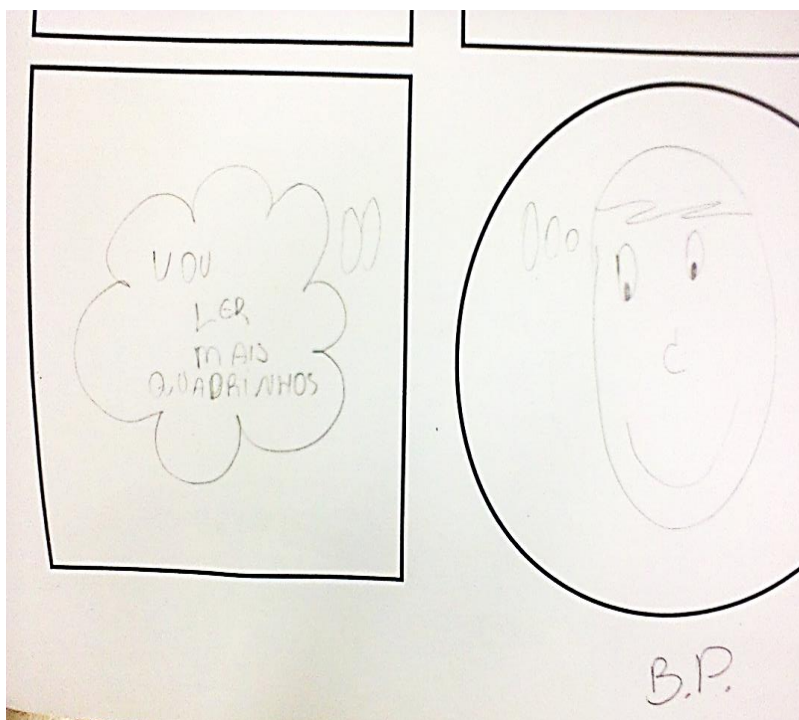


Fig. 58 - Opinião de estudante sobre HQ e literatura

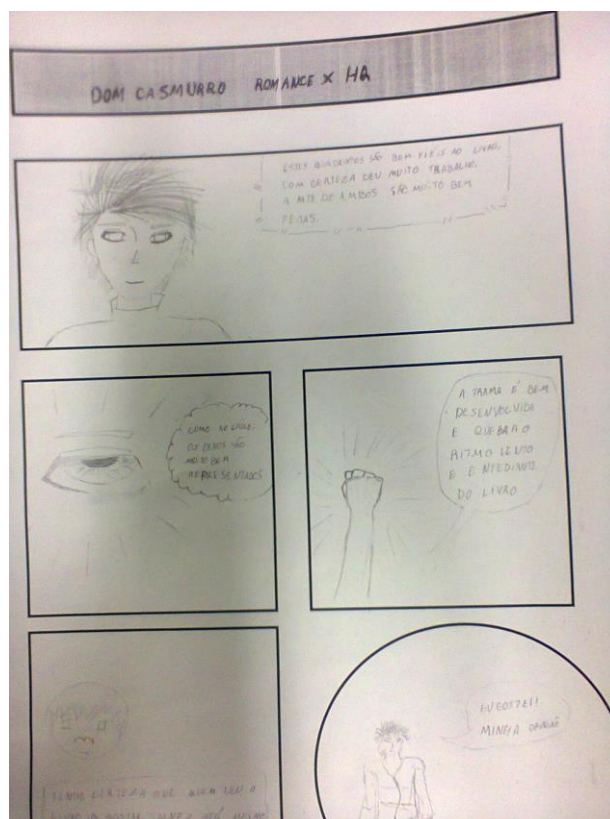


Figura 59 - Opinião de estudante sobre Hqs.

DIA 01/12/2014

Nesse dia foi montada uma exposição de alguns dos trabalhos realizados durante o processo de aplicação do projeto, de forma que a produção visual criada pelos alunos foi divulgada e comentada pelos colegas da turma, que disseram ter achado criativas as produções resultantes da prática leitora. Integraram a exposição as atividades resultantes da criação de uma página e de uma capa para a recriação do romance *Dom Casmurro*, bem como a referente à opinião sobre a experiência de leitura dos quadrinhos baseados em literatura (fig. 60).

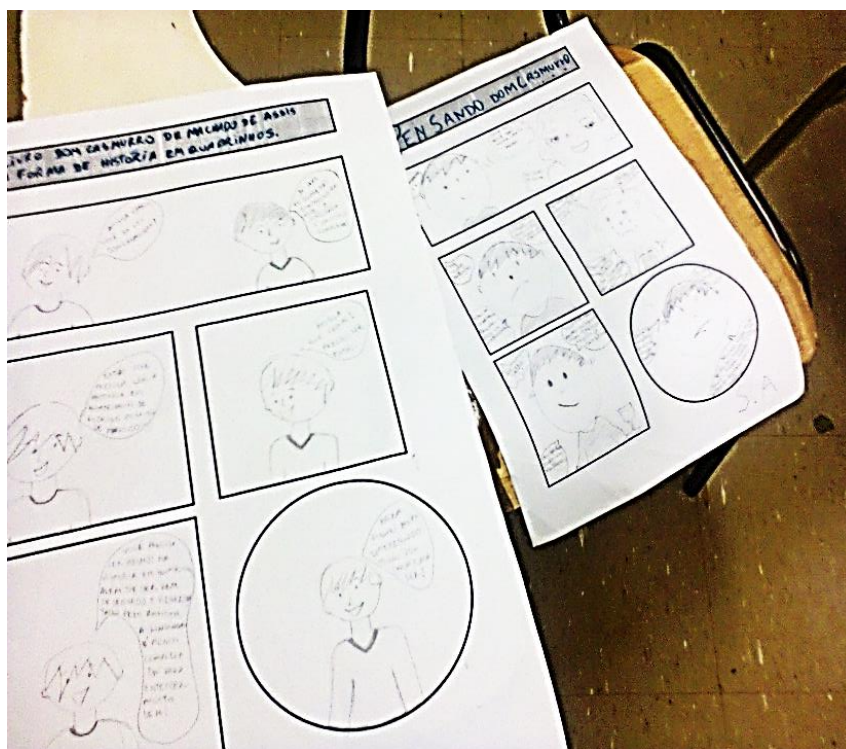


Fig. 60 - Exposição dos trabalhos dos estudantes

Nessa data, finalmente, os alunos teriam acesso aos exemplares da HQ *Dom Casmurro* da Editora Devir. O grupo presente em sala se mostrou bastante entusiasmado com a entrega dos livros; ao receberam um exemplar e o folhearam, buscando a cena que haviam escolhido HQ da editora Ática. Naquele momento estavam mais livres, pois na primeira vez que fizeram essa análise contávamos com apenas um exemplar da editora Devir, que foi de mão em mão, o que impediu que a apreciação se desse de forma mais particularizada e no tempo demandado por cada leitor.

Todos escolheram suas cenas e comentaram com bastante liberdade. Uma aluna observou que a cena da chegada do personagem Bentinho ao seminário, na visão dos dois autores, era bastante diferente: na versão da Editora Devir não havia balões; na da Editora Ática havia balões e diálogos entre os personagens (fig. 61). Essa foi uma observação importante, pois era objetivo do trabalho que os estudantes fizessem essas ponderações sobre a “transmutação de linguagens”, considerando a liberdade criativa dos autores.

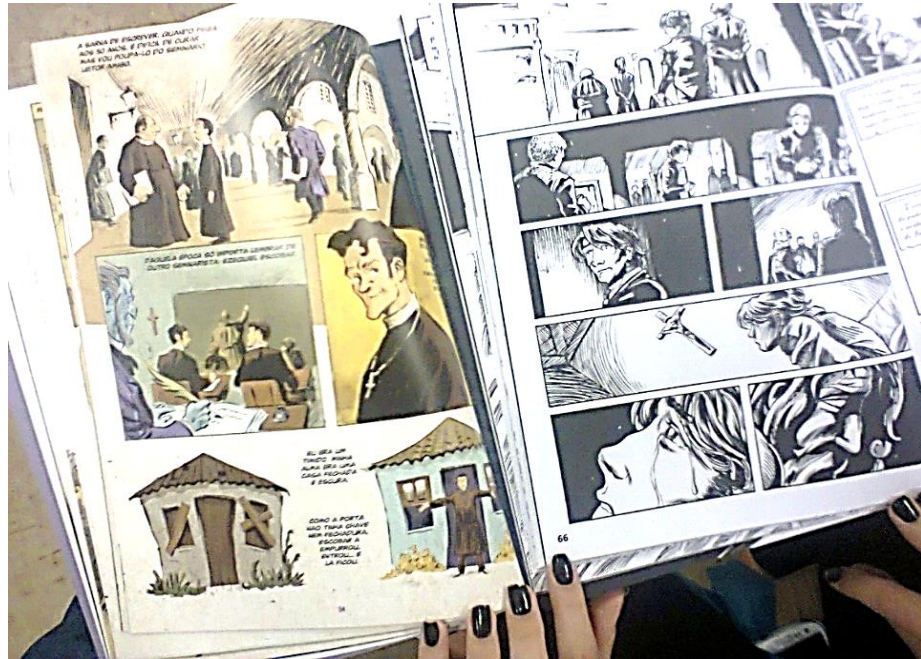


Fig. 61 - Aluno fazendo análise entre as composições de Mario Cau e Rogrigo Rosa

Uma estudante destacou que gostou muito mais da versão colorida, a saber, a da Ática. Outro aluno se contrapôs, afirmando que havia gostado mais da versão preto e branco da editora Devir. Outra estudante destacou o desenho da cena em que a personagem Capitu aparece penteando os cabelos, e mostra as diferenças compositivas visuais, entre os quadrinistas (fig. 62). Momento feliz, pois era esse objetivo: cativar o estudante para notar essas nuances compositivas, liberdade criativa dos artistas gráficos, porém, observando os resultados desses projetos visuais e seu efeito de sentido, comparados à obra literária machadiana. Pode-se observar que todos os alunos demonstravam bastante interesse na proposta de comparação entre as duas obras.



Fig. 62 – Estudante fazendo análise comparada do desenho de Mario Cau e Rodrigo Rosa

Depois desses comentários finais, gerais, cada um recebeu um exemplar a sua escolha (fig., 63). Alguns ficaram com a versão da Editora Devir, outros preferiram a versão colorida, da Editora Ática. A cor, conforme já foi comentado, foi um aspecto bastante observado pelos alunos leitores, que concluíram que se pudessem juntar a cor da HQ da Ática com o desenho de Mário Cau da Editora Devir seria o ideal.



Fig. 63 - Edições de Dom Casmurro utilizadas na Sequência Didática

OPNIÃO DOS ESTUDANTES SOBRE DOM CASMURRO EM QUADRINHOS

Os estudantes, após terem contato com a obra de Machado de Assis e, depois, a obra versada para História em Quadrinhos, tiveram as seguintes impressões depois de vivenciarem a sequência didática proposta:

Aluno 1: “Achei a leitura do quadrinho bem mais fácil, o quadrinho ficou mais moderno!”

Aluno 2: “Achei a leitura fácil, as imagens ajudam a gente ver a história melhor, muito bem elaborado, capa colorida, gostei!”

Aluno 3: “...a sim, principalmente a versão preto e branco, ele conseguiu, a versão em preto e branco, conseguiu traduzir mais a ideia de Machado de Assis que do outro que é da editora ática, colorido.”

Aluno 4: “Achei a versão da editora Devir mais fácil, para gente imaginar o que Machado de Assis havia descrito, foi bem melhor!”

Aluno 5: “O Ivan e o Rodrigo Rosa conseguiram transmitir bem, ficou mais fácil de entender devido a linguagem menos coloquial, mais informal que a do livro de Machado de Assis.”

Aluno 6: “Acho que foi bem próximo da realidade, a partir dos quadrinhos deu para ter uma absorção melhor da história porque ela traz um pouco mais de detalhe visual que apenas do livro com palavras. Achei fácil até para discernir se houve a traição de Capitu ou não!” É, claro que nós alunos não temos a mesma imaginação dos desenhistas, mas, as imagens deles superaram minhas expectativas.”

Aluno 7: “Eu achei que ficou bem próximo do que eu imaginava. Nessa versão do Rodrigo Rosa, na ilustração dele, eu achei que os olhos da Capitu ficaram bem próximo de uma atriz, eu achava que os olhos dela tinham haver com a descrição de Machado de Assis, para mim ficou bem próximo, parecida!”

Aluno 8: “Na minha opinião o autor conseguiu sim expressar, principalmente os olhos da Capitu, o artista Rodrigo Rosa, eu achei bem interessante como ele caracterizou o personagem, realmente é bem próximo do livro mesmo e como outro aluno falou o que o desenhista fez foi bem mais que nossa imaginação!”

Aluno 9: “Eu acho que dá a mesma força e além de escreverem bem e a imagem, acho que foi da mesma forma que todos imaginaram!”

Aluno 10: “Eu acho que os desenhistas conseguiram expressarem muito bem os olhos da Capitu, principalmente porque o usaram bem o recurso das cores e principalmente o olho, o mar dentro do olho foi uma sacada incrível do desenhista é o que traduz perfeitamente o que o escritor quis dizer... superou minha expectativa!”

Aluno 11: “Eu acredito que nos quadrinhos conseguimos perceber como os olhos realmente são, quando a gente vê retrato por outra pessoa, fica diferente é legal ficar percebendo essas diferenças, para mim os autores de HQ conseguiram sim passarem a ideia do Machado de Assis na literatura.”

Aluna 12: “Para mim foi mais fácil ler o HQ do que o romance, porque as imagens ajudam a estimular a imaginação pensar mais como seria aquela cena, o jeito que o autor colocou os traços ficou mais fácil de imaginar que o romance, porque no romance você tem que ficar parando e perguntando como isso como foi aquilo, no HQ isso é mais fácil você consegue ver como foi e você não precisa ficar buscando e torna a leitura mais fácil. Eu acredito que começar a ler o romance pelo HQ você estimule a ler o romance porque chama mais a atenção!”

Aluna 13: “O HQ é mais fácil porque você vê toda a história. No livro a linguagem é difícil e no HQ é uma interpretação do autor (roteirista/desenhista) e por isso pode perder alguma parte que pode ser considerada importante para o autor e, também, eu achei que não fica nenhuma prova que Capitu traiu o Bentinho, acho que o texto é bem fiel ao texto literário.

Aluno 14: “Gosteis da cena em que Capitu e Bentinho são crianças e no livro ilustrado por Rodrigo Rosa ele apresenta bem essa característica de infância, principalmente nos desenhos eles aparecem bem mais novinhos...e, sei lá, acho que viajei um pouco mais nas ilustrações dele!”

Aluno 15: “ Eu gostei muito que apresenta os olhos de ressaca da Capitu, acho que ele representa muito bem porque no livro de Machado de Assis ele fala desses olhos de ressaca e aqui ele conseguiu expressar direitinho o sentimento e o jeito que ela é, que se escreve. E o Rodrigo Rosa na arte dá para ver bastante!”

Ao final da vivência da sequência didática Literatura e História em Quadrinhos, é notada a influência dos artistas na compreensão dos estudantes sobre o romance de Machado de Assis, alguns ficaram bastante satisfeitos como foram retratados personagens, outros ficaram felizes de serem superados na imaginação. Outros ainda, conforme se pode ler acima, acreditam que a leitura do HQ pode estimular o estudante a ler a história original.

A proposta de leitura de quadrinhos numa sequência didática, leitura dirigida de HQ baseada em um texto literário, indica ser bastante interessante para os estudantes de Ensino Médio. A estratégia de acesso à proposta de diferentes desenhistas e roteiristas se mostrou bastante estimulante e didática para se aprofundar a leitura de *Dom Casmurro* de Machado de Assis. A proposta é o de estimular a formação leitora de forma diferenciada e interessante aos jovens leitores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na atualidade, a busca da ação educativa interdisciplinar é justificada na necessidade do enfrentamento da fragmentação científico-positivista, fundamento da grande maioria das práticas educativas no meio escolar. As áreas de ensino de arte e de literatura podem dialogar entre si e com diversas outras áreas, sem perder seu eixo específico, criando conexões ricas e importantes para o desenvolvimento do ser humano. Nesse sentido, esta pesquisa apresentou um projeto de leitura escolar integrando artes visuais e literatura, com vistas à provocação do interesse de jovens pela leitura, com ênfase no gênero literário.

Na sociedade contemporânea, marcada pela pluralidade de linguagens e pelo forte apelo dos novos meios e suportes, é necessário que a escola contemple diversas frentes para a formação de crianças e jovens na Educação Básica. E nesse rico e novo universo da comunicação contemporânea, há diversas e atraentes linguagens. Para a cultura visual, a imagem é argumento desafiando a academia, por isso a necessidade premente de dar atenção científica ao discurso visual. Tendo em vista essas considerações, a proposta da presente pesquisa foi trabalhar duas linguagens diferentes, mas que podem se completar, se integrar: Literatura e HQ.

A Arte Sequencial, como linguagem, tem suas características expressivas, a argumentação gráfico-visual, que se estabelece mediante a capacidade de pensar visualmente e organizar em quadros, ilustrações, em sequência dinâmica. Nela há o poder da síntese expressiva combinando a palavra escrita e a imagem. Os estudiosos da cultura visual, por outro lado, afirmam que se deve privilegiar a imaginação, ambiente livre e estimulador para a produção criativa, a fim de investir nas práticas culturais da infância. A ação didática proposta favorece, igualmente, o desenvolvimento da leitura na cultura visual contemporânea, que exige capacidade crítica do leitor.

Este trabalho de pesquisa ateu-se às questões orientadoras do processo, a saber: Quais as possibilidades didáticas existentes para se estimular a leitura literária na escola, por meio de ação educativa interdisciplinar de literatura e artes visuais? Como fazer isso de forma objetiva com estudantes do Ensino Médio? Depois de feitas algumas considerações com base em pressupostos teóricos do letramento literário, linguagem dos quadrinhos, ensino de artes, cultura visual e em algumas noções fundamentais de intersemiótica, elaborou-se uma

Sequência Didática que foi aplicada em uma turma de Ensino Médio, tendo em vista otimizar a ação pedagógica na formação leitora dos alunos.

A experimentação da referida Sequência Didática aplicada para a formação leitora de estudantes de Ensino Médio, respondeu às questões iniciais propostas: que tipo de dinâmica, com uso da HQ favoreceria a formação leitora em sala de aula? Como desenvolver uma ação efetiva, contemplando a interface estético-didática entre artes visuais e literatura? A proposta de ação para o educando do ensino médio foi desenhada e aplicada com a finalidade de promover e incentivar a leitura literária. Os alunos que se constituíram como sujeitos da pesquisa, mais precisamente da experiência didática, demonstraram, por meio dos dados colhidos no processo, depoimento dos estudantes registradas, que a proposta foi interessante. As perguntas feitas no início do processo, no questionário perfil do aluno, mostrou que tinham contato com a literatura em forma de HQ. Sendo o objetivo do questionário, também, obter-se uma visão geral desse universo de leitura dos estudantes. O acesso prévio, por parte dos estudantes, a leitura de HQs baseado em literatura, facilitaria o diálogo didático e a organização das aulas de linguagem de histórias em quadrinho num espaço formal.

E pela participação interessada e produção criativa realizada pelos referidos sujeitos da pesquisa acredita-se que a Sequência Didática proposta atingiu seu objetivo de estimular a leitura dos clássicos e despertar o interesse por um gênero diferenciado que se baseia nesses mesmos clássicos – as HQs.

A atividade desenvolvida, que teve como objeto a leitura do romance machadiano *Dom Casmurro* e de duas versões de HQ de mesmo título, foi denominada “Unidade de Comparação” de produção. Nesta dinâmica, os estudantes analisaram a composição das Arte Sequencial (HQ), baseados na leitura do original literário a que tiveram acesso, procurando observar aspectos de recriação das cenas e capítulos transpostos, pelos quadrinistas, para o gênero Arte Sequencial. O propósito com a relação entre as diferentes linguagens no processo de leitura, como foi dito na Introdução deste trabalho, foi o de promover uma maior aproximação do jovem leitor com o texto literário lido, mediante um movimento que pode ser compreendido como uma abordagem intersemiótica, considerando que a ação proposta contempla um processo de percepção da transmutação de linguagem ou tradução intersemiótica.

Como complemento à ação leitora, a Sequência Didática previu para o mesmo grupo de sujeitos de pesquisa uma atividade orientada de criação gráfica, mais especificamente, de desenho de imagens em que expusessem suas impressões pessoais sobre a leitura do romance *Dom Casmurro* e sobre a relação literatura e quadrinhos, ou seja, demonstrando sua percepção

do processo de criação pela literatura e recriação pela HQ, por meio do uso da linguagem básica da HQ. Alguns optaram por fazer colagens usando imagens recortadas de revistas. Essa atividade criativa pode igualmente ser considerada um exercício de transmutação sónica. Nesse processo, os alunos puderam experimentar o movimento da transposição de um gênero expressivo a outro, do que resultou, conforme os depoimentos, uma melhor compreensão do processo e uma maior aproximação das obras lidas, tanto do romance quanto da HQ.

Dessa perspectiva, pode-se considerar que a hipótese que norteou o projeto desta pesquisa foi confirmada. Um projeto de leitura que envolva a associação entre o texto literário e sua recriação pela HQ pode se configurar como ação importante no estímulo à formação leitora de estudantes do Ensino Médio, o que evidentemente pode ser profícuo para todas as séries da Educação Básica. Isso porque a literatura transmutada para a história em quadrinhos pode ser uma grande provocação a crianças e jovens tão afeitos às visualidades, já que sujeitos de uma época em que as imagens prevalecem nos discursos mais acessados, em que a própria imagem está ao alcance de um brevíssimo toque digital.

Como toda pesquisa que investiga objeto tão vivo quanto a formação humana na dimensão do ensino-aprendizagem no âmbito da educação básica, esta naturalmente inspira desdobramentos. Sobretudo porque os estudos sobre o objeto que se colocou no centro de minhas atenções como professor-pesquisador apenas se iniciaram. O desejo é que dessa experiência frutifiquem outras, por meio de oficinas que tematizem a relação entre HQ e literatura, a serem oferecidas a professores das duas áreas envolvidas. O primeiro passo para este projeto futuro é o que se propõe como “produto” desta pesquisa, uma revista didática em formato de HQ.

Por fim, reitera-se como motivação e justificativa da proposta o desejo de fazer valer o direito de acesso à literatura e às artes no meio escolar, um direito inalienável do ser humano cuja principal função não é outra senão humanizar. Essa concepção do estudioso, Antonio Candido, que permeou todo o movimento deste trabalho de pesquisa:

“...a luta pelos direitos humanos abrange a luta por um estado de coisas em que todos possam ter acesso aos diferentes níveis de cultura...Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável” (1995, p. 191).

Que essas palavras valham apenas como efeito de acabamento provisório de um estudo que terá continuidade.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, L. A.; LOBO, C. Machado de Assis – *O Alienista*. Adaptação de Clássicos do HQ. São Paulo: Ática, 2008.
- ASSIS, M. *Dom Casmurro*. Rio de Janeiro: Saraiva, 2010.
- BAGNO, M. *Sete erros aos quatro ventos: a variação linguística no ensino de português*. São Paulo: Parábola, 2013.
- BARBOSA, A. (org.). *Arte/educação contemporânea: consonâncias internacionais*. São Paulo: Cortez, 2005.
- BARBOSA, A. *Arte-educação: leitura no subsolo*. São Paulo: Cortez, 1997.
- BARBOSA, A. *Tópicos utópicos*. São Paulo: C/Arte, 1998.
- BARBOSA, A.; CUNHA, F. P. *A abordagem triangular no ensino das artes visuais e cultura visual*. São Paulo: Cortez, 2010.
- CAGNIN, A. L. *Os quadrinhos: linguagem e semiótica*. São Paulo: Criativo, 2015.
- CALVINO, I. Por que ler os clássicos. In: _____. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CAMPOS, A. J. M. *Abordagem intersemiótica da literatura na educação básica*. São José do Rio Preto: 2006, 244 f. Tese. Universidade Estadual Paulista-UNESP.
- CANDIDO, A. O Direito à Literatura. In: _____. *Vários Escritos*. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CAU, M.; GRECO, F. Machado de Assis – *Dom Casmurro*. Adaptação de Clássico do HQ. São Paulo: Devir, 2012.
- CIRNE, M. *Quadrinhos, sedução e paixão*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2009.
- CURADO, M. E. *Interfaces estéticas em Clarice Lispector*. Goiânia: Editora UFG, 2010.
- DONDIS, D. *Sintaxe da linguagem visual*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ECO, U. *Sobre os espelhos e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- ECO, U. *Tratado geral de semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- FERRAZ, M. H.; FUSARI, M. F. R. *Arte na educação escolar*. São Paulo: Cortez, 2010.
- GARCIA, S. *A novela gráfica*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

GUY-QUELLA, D. *A história em quadrinhos*. São Paulo: Loloyla, 1994.

IANNONE, L. R.; IANNONE, R. A. *O mundo das Histórias em Quadrinhos*. São Paulo: Moderna, 1994.

ISER, W. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. v. 2. São Paulo: Editora 34, 1996.

LLOSA, M. V. *Em defesa do romance*. Disponível em: <revistapiaui.estadao.com.br/edicao-37/questoes-literarias/em-defesa-do-romance>. Acesso em: 04 out. 2013.

JURADO, A. T.C. La intersemiótica: de concepto teórico a campo de estudio y reflexión académica in MARTINEZ. J. O. E. *Intersemiótica: la circulación del significado*. México: AMESVE, 2008.

HITÓRIA EM QUADRINHOS É LITERATURA? Entrevista com Paulo Ramos. Programa Entrelinhas, produção tv cultura. Vídeo. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=auCie_T6Mec> Acessado em: 20/10/2014.

MARTINS, I. A literatura no ensino médio: quais os desafios do professor. In: BUZEN, C.; MENDONÇA, M. *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 85-101.

MENDONÇA, J. M. P. *Traça, traço, quadro a quadro: a produção em quadrinhos no ensino da Arte*. Belo Horizonte: C/Arte, 2008.

MORAIN, E. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

NASCIMENTO, G. C. T. N. Clássicos da literatura em quadrinhos: uma análise do ponto de vista da tradução intersemiótica. *Revista cultura & tradução*. João Pessoa, v.3, n. 1, 2014 (247-259).

OUTHWAIRE, W.; BOTTOMORE, T. *Dicionário do pensamento social do século XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

PAULINO, G.; COSSON, R. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, R.; ROSING, T. (Org.). *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009.

PEIRCE, C. S. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

PIETROFORTE, A. V. *Análise do texto visual: a construção da imagem*. São Paulo: Contexto, 2008.

RAIMUNDO, M.; TOURINHO, I. *Cultura visual e infância: quando as imagens invadem a escola...* São Paulo: Editora da UFSM, 2010.

RAMOS, P. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2012.

ROSA, R.; IVAN, J. Machado de Assis – *Dom Casmurro*. Adaptação de Clássico do HQ. São Paulo: Ática, 2012.

- SAMAIN, E. *Como pensam as imagens*. São Paulo: Editora Unicamp, 2012.
- SANTAELLA, L. *O que é Semiótica*. Coleção primeiros passos. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SANTAELLA, L. *Semiótica Aplicada*. São Paulo: Cengage Learning, 2012.
- SCHAWARZ, R. *Duas Meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- SOARES, M. Práticas de letramento e implicações para a pesquisa e para políticas de alfabetização e letramento. In: MARINHO, Marildes; CARVALHO, Gilcinei Teodoro (Org.). *Cultura escrita e letramento*. Belo Horizonte: UFMG, 2010. p. 54-68.
- STREET, B. V. Os novos estudos sobre o letramento: histórico e perspectivas. In: MARINHO, M.; CARVALHO, G. T. (Org.). *Cultura escrita e letramento*. Belo Horizonte: UFMG, 2010. p. 33-53.
- TODOROV, T. *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro: Difel, 2009.
- TREVISAN, Z. A poesia na sala de aula. In: ROJO, R. (Org.). *A prática da linguagem em sala de aula*. Praticando os PCNs. São Paulo: Educ, 2000.
- VERGUEIRO, W. *As histórias em quadrinhos no limiar de novos tempos: em busca de sua legitimação como produto artístico e intelectualmente valorizado*. Goiânia, In: Revista Visualidade, vol.7 n.1 jan/jun 2009, p. 15-41. Faculdade de Artes Visuais – FAV. Programa de Mestrado em Cultura Visual.
- VIDEL, M. R. *Investigación en educación artística*. Espanha: Universidade de Granada, 2005.
- WALTY I.; VALESKA, O. Por uma leitura literária do mundo. In: MARINHO, M; CARVALHO, G. T. *Cultura escrita e letramento*. Belo Horizonte: UFMG, 2010. p. 391-401.
- WILL, W. *Quadrinho e Arte Sequencial*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ZENI, L. Literatura em quadrinhos. In: VERGUEIRO W; RAMOS, P. (Org.). *Quadrinhos na educação*. São Paulo: Contexto, 2009.

APÊNDICE



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO



CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

PESQUISA: Literatura e História em Quadrinhos na Educação Básica

MESTRANDO: Wanderley Alves dos Santos

ORIENTADORA: Profa. Dra. Maria de Fátima Cruvinel

SEQUÊNCIA DIDÁTICA: *Dom Casmurro*: do texto à HQ

SÉRIE: 2º Ano do Ensino Médio

TURMA: B

OBRAS:

- 1) *Dom Casmurro*, de Machado de Assis
- 2) *Dom Casmurro* (HQ), de Rodrigo Rosa (arte) e Ivan Jaf (roteiro)
- 3) *Dom Casmurro* (HQ), de Mário Cau (arte) e Felipe Greco (roteiro)

CRONOGRAMA DAS AULAS

1ª AULA - Dia 24/11

- Apresentação do projeto em slides, expondo os objetivos do projeto de pesquisa e a sequência de atividades a serem desenvolvidas.
- Aplicação das questões para levantamento do perfil dos alunos como leitores. (Ver Anexo 1)

2ª AULA - Dia 24/11

- Apresentação dos vídeos (O que é história em Quadrinho, vídeo aula, e o Programa de entrevista “*Entrelinhas*” sobre o tema HQ e literatura com o escritor e jornalista Paulo Ramos), que tratam da linguagem em quadrinho e do quadrinho adaptado de texto literário. O objetivo é discutir com os estudantes de Ensino Médio a transposição de linguagens – literatura e HQ –, observando a importância de se manter uma conexão básica entre os dois textos, sem que se perca a especificidade de cada um. Será dado destaque ao trabalho quadrinístico com o romance *Dom Casmurro*.

- Retomado, pelo professor, dos elementos constitutivos da linguagem dos HQs. Criação, pelos alunos, de uma ou mais cenas em quadrinhos sobre a impressão que tiveram da leitura do texto literário. O estudante comentará o que achou do texto literário “*Dom Casmurro*”. Expressará em forma de desenho, em forma de quadrinhos: usando texto, balões, onomatopeias, bonecos básicos.

O objetivo é que os estudantes, lembrando as aulas de quadrinhos oferecidas nas aulas do ensino fundamental,

3ª AULA - Dia 25/11

- Exposição oral, pelos alunos, da trama do romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis.
- Apresentação, pelo professor, do resumo da trama, a fim de complementar a exposição oral dos alunos. (Ver Anexo 2)

4ª AULA - Dia 25/11

- Distribuição, na turma, das duas HQs adaptadas (de forma que 50% da turma fiquem com uma adaptação e 50%, com a outra).

- Orientação aos alunos:

- 1) Folhear o exemplar da HQ, procurando a cena ou o capítulo que mais o impressionou, por ocasião da leitura do texto literário, observando se está de acordo com o que imaginou, ou se superou sua expectativa.

- 2) Elaborar, por escrito, uma opinião sobre a transposição do texto literário para o texto visual (abordando aspectos do texto (recorte das falas) e da arte (cor, forma, criatividade), referente à cena/capítulo escolhido. (Ver Anexo 3)
- 3) Analisar e comparar a expressividade visual entre as capas dos HQs.

5ª AULA - Dia 26/11

- Distribuição, na turma, das duas HQs adaptadas (de forma que elas sejam trocadas entre os alunos).
- Orientação aos alunos:

- 1) Folhear o novo exemplar da HQ, procurando a mesma cena ou capítulo;
- 2) Criar capa de livro baseado no texto literário *Dom Casmurro*;
- 3) Elaborar, por escrito, uma abordagem comparativa entre as duas HQs, observando aspectos do texto (recorte das falas) e da arte (cor, forma, criatividade), referente à cena/capítulo escolhido. (Ver Anexo 3)

5ª AULA - Dia 26/11

- Debate, separando a turma em dois grupos, em torno das duas adaptações, mediante questões previamente elaboradas (Ver Anexo 4)

6ª AULA - Dia 26/11

- Proposta de criação, pelos alunos, de uma sequência de quadrinhos (vinhetas) que expressem sua opinião sobre *Dom Casmurro* em quadrinhos, em formato A3. Observe-se que os alunos já tiveram orientação do professor de arte sobre a técnica de produção básica, será cobrada apenas a “ideia” (exercício de transposição para que os estudantes sintam como é difícil uma transposição para o gênero quadrinístico). Com essa tarefa criar-se-á uma capacidade de valoração do fazer artístico quadrinístico, considerando o desafio do desenhista em configurar ideias, emoções e cenas em forma de imagens a partir de textos literários.

7ª AULA - Dia 01/12

- Exposição e apreciação, pelos alunos, das produções.

8ª AULA - Dia 01/12

- Voltar ao texto visual da HQ editora Devir. Observações gerais de estilo.
- Abordagem do efeito da leitura das HQs na relação dos alunos com o romance machadiano. (Ver Anexo 5).
- Agradecimentos aos estudantes pela colaboração com a pesquisa e sorteio de alguns exemplares de HQs.

ANEXOS

ANEXO 1**PERFIL DO ALUNO COMO LEITOR**

1) Você gosta de ler?

a) Sim b) Não c) Um pouco

2) Você leu algum livro fora de obrigação da escola no último mês?

a) Sim b) Não

3) Em caso de resposta sim, lembra o título do livro?

_____.

4) Em caso de resposta b (não), quanto tempo faz que você leu o último livro por escolha sua?

_____.

5) Você gosta de assistir a filmes no cinema e/ou na televisão?

a) Sim b) Não

6) Que tipo de história lhe agrada? (Pode assinalar mais de um item, ou nenhum deles)

a) Comédia

b) Drama, amor

c) Aventura, ação

d) Suspense, mistério, ficção científica

7) Você frequenta a biblioteca da escola?

a) Sim b) Não c) Às vezes

8) Em caso de resposta b (não), por quê?

9) Você já foi a alguma livraria ou a outro ponto de comércio comprar livros para ler?

a) Sim b) Não

10) Se respondeu sim, eram livros pedidos pela escola?

a) Sim b) Não

11) Você tem livros em casa?

a) Sim b) Não

12) Se respondeu sim, que tipos de livros?

13) Já leu literatura em quadrinho?

a) Sim b) Não

14) Você lê revista informativa e/ou jornal?

a) Leio todo dia

b) Leio pelo menos uma vez por semana

c) Leio de vez em quando

d) Nunca leio

15) O que levaria você a frequentar mais a biblioteca da escola?

16) O que levaria você a ler mais?

17) Qual a sua expectativa para ler esta HQ que receber no projeto?

ANEXO 2

RESUMO DO ROMANCE *Dom Casmurro*

O romance inicia-se numa situação posterior a todos os seus acontecimentos. Bento Santiago, já um homem de idade, conta ao leitor como recebeu a alcunha de Dom Casmurro. A expressão fora inventada por um jovem poeta, que tentara ler para ele no trem alguns de seus versos. Como Bento cochilava durante a leitura, o rapaz ficou chateado e começou a chamá-lo daquela forma.

O narrador inicia então o projeto de rememorar sua existência, o que ele chama de "atar as duas pontas da vida". O leitor é apresentado à infância de Bentinho, quando ele vivia com a família num casarão da rua de Matacavalos.

O primeiro fato relevante narrado é também seu primeiro motivo de preocupação. Bentinho escuta uma conversa entre José Dias e dona Glória: ela pretende mandá-lo ao seminário no cumprimento de uma promessa feita pouco antes de seu nascimento. A mãe, que já havia perdido um filho, prometera que, se o segundo filho nascesse "varão", ela faria dele padre. Na conversa, dona Glória soubera da amizade estreita entre o menino e a filha de Pádua, Capitulina.

Bentinho fica furioso com José Dias, que o denunciara, e expõe a situação a Capitu. A menina ouve tudo com atenção e começa a arquitetar uma maneira de Bentinho escapar do seminário, mas todos os seus planos fracassam. O garoto segue para o seminário, mas, antes de partir, sela, com um beijo em Capitu, a promessa de que se casaria com ela.

No seminário, Bentinho conhece Ezequiel de Souza Escobar, que se torna seu melhor amigo. Em uma visita a sua família, Bentinho leva Escobar e Capitu o conhece.

Enquanto Bentinho estuda para se tornar padre, Capitu estreita relações com dona Glória, que passa a ver com bons olhos a relação do filho com a garota. Dona Glória ainda não sabe, contudo, como resolver o problema da promessa e pensa em consultar o papa. Escobar é quem encontra a solução: a mãe, em desespero, prometera a Deus um sacerdote que não precisava, necessariamente, ser Bentinho. Por isso, no lugar dele, um escravo é enviado ao seminário e ordena-se padre.

Bentinho vai estudar direito no Largo de São Francisco, em São Paulo. Quando conclui os estudos, torna-se o doutor Bento de Albuquerque Santiago. Ocorre então o casamento tão esperado entre Bento e Capitu. Escobar, por seu lado, casara-se com Sancha, uma antiga amiga de colégio de Capitu. Capitu e Bentinho formam um "duo afinadíssimo".

Essa felicidade, entretanto, começa a ser ameaçada com a demora do casal em ter um filho. Escobar e Sancha não encontram a mesma dificuldade: têm uma bela menina, a quem colocam o nome de Capitulina.

Depois de alguns anos, Capitu finalmente tem um filho, e o casal pode retribuir a homenagem que Escobar e Sancha lhe haviam prestado: o filho é batizado com o nome de Ezequiel.

Os casais passam a conviver intensamente. Bento vê uma semelhança terrível entre o pequeno Ezequiel e seu amigo Escobar, que, numa de suas aventuras na praia - o personagem era excelente nadador -, morreu afogado.

Bento enxerga no filho a figura do amigo falecido e fica convencido de que fora traído pela mulher. Resolve suicidar-se bebendo uma xícara de café envenenado. Quando Ezequiel entra em seu escritório, decide matar a criança, mas desiste no último momento. Diz ao garoto, então, que não é seu pai. Capitu escuta tudo e lamenta-se pelo ciúme de Bentinho, que, segundo ela, fora despertado pela casualidade da semelhança.

Após inúmeras discussões, o casal decide separar-se. Arruma-se uma viagem para a Europa com o intuito de encobrir a nova situação, que levantaria muita polêmica. O protagonista retorna sozinho ao Brasil e se torna, pouco a pouco, o amargo Dom Casmurro. Capitu morre no exterior e Ezequiel tenta reatar relações com ele, mas a semelhança extrema com Escobar faz com que Bento Santiago o rejeite novamente. O destino de Ezequiel é infeliz: ele morre de febre tifóide durante uma pesquisa arqueológica em Jerusalém.

Triste e nostálgico, o narrador constrói uma casa que imita sua casa de infância, na rua de Matacavalos. O próprio livro é também uma tentativa de recuperar o sentido de sua vida. No fim, o narrador parece menosprezar um pouco a própria criação. Convence-se de que o melhor a fazer agora é escrever outra obra sobre "a história dos subúrbios".

Referência:

Disponível em: <<http://guiadoestudante.abril.com.br/estudar/literatura/dom-casmurro-resumo-obra-machado-assis-698985.shtml>>. Acesso em 10 nov. 2014.

Capa2:

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

b) Qual das capas é mais atraente? Justifique.

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

2). Qual a cena (ou o capítulo) você escolheu do texto literário *Dom Casmurro*, de Machado de Assis?

.....

.....

.....

.....

3). Comente o que você achou da transposição feita pelo quadrinista. Lembre-se de observar aspectos do texto (recorte das falas) e da arte (cor, forma, criatividade).

.....

.....

[illegible]

3). Agora, você está de posse de uma outra versão da cena/capítulo. O que você achou em relação à primeira que você analisou?

[illegible]

4). De qual versão mais gostou ou qual lhe pareceu mais interessante? Por quê?

This image shows a full page of white paper with horizontal dashed lines, typical of primary school writing paper. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

Data:/...../.....

ANEXO 4

PROVOCAÇÃO AO DEBATE

- 1) Os desenhistas conseguiram transmitir a ideia de Machado de Assis, ou seja, o artista consegue a sutileza do texto literário no texto visual?
- 2) Uma das personagens femininas mais marcantes da literatura brasileira é Capitu. O Narrador, que é o próprio Bentinho, descreve-a enfatizando seus olhos. Ela teria olhos de “cigana oblíqua e dissimulada”; noutra passagem, ele usa a expressão “olhos de ressaca”. Os desenhistas conseguiram expressar os olhos de Capitu com a mesma força do texto de Machado de Assis?
- 3) Uma questão polêmica do romance é se Capitu teria traído Bentinho ou não. Nas HQs mantém-se a dúvida para o leitor ou os adaptadores direcionam a compreensão do leitor? Se sim, quais os aspectos da imagem comprovam isso?
- 4) Há alguma cena do romance não retratada nas adaptações e que você acha que fez falta?
- 5) Há alguma cena de uma das HQs que mereceria ser destacada pela força expressiva? Qual?
- 6) O que foi mais fácil, ler o romance ou as HQs?



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DA EDUCAÇÃO BÁSICA



PERFIL DO ALUNO COMO LEITOR

Data:...../...../.....

1) Você gosta de ler?

a) Sim b) Não c) Um pouco

2) Você leu algum livro fora de obrigação da escola no último mês?

a) Sim b) Não

3) Em caso de resposta sim, lembra o título do livro?

4) Em caso de resposta não, quanto tempo faz que você leu o último livro por escolha sua?

5) Você gosta de assistir a filmes no cinema e/ou na televisão?

a) Sim b) Não

6) Que tipo de história lhe agrada? (Pode assinalar mais de um item, ou nenhum deles)

- a) Comédia
- b) Drama, amor
- c) Aventura, ação
- d) Suspense, mistério, ficção científica

7) Você frequenta a biblioteca da escola?

a) Sim b) Não c) Às vezes

8) Em caso de resposta b (não), por quê?

9) Você já foi a alguma livraria ou a outro ponto de comércio comprar livros para ler?

a) Sim b) Não

10) Se respondeu sim, eram livros pedidos pela escola?

a) Sim b) Não

11) Você tem livros em casa?

a) Sim b) Não

12) Se respondeu sim, que tipos de livros?

13) Já leu literatura em quadrinho?

a) Sim b) Não

14) Você lê revista informativa e/ou jornal?

- a) Leio todo dia
- b) Leio pelo menos uma vez por semana
- c) Leio de vez em quando
- d) Nunca leio

15) O que levaria você a frequentar mais a biblioteca da escola?

16) O que levaria você a ler mais?

17) Qual a sua expectativa para ler a HQ que receberá no projeto?

ANEXO 5**EFEITOS DAS LEITURAS NA FORMAÇÃO DOS LEITORES**

1) Em que medida a leitura das HQs o fez retomar o romance?

.....

.....

.....

.....

.....

.....

.....

7) De qual experiência você gostou mais? Justifique.

.....

.....

.....

.....

.....



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO BÁSICA



LITERATURA E HISTÓRIA EM QUADRINHOS NO ENSINO MÉDIO

A LINGUAGEM DA HQ

LITERATURA NO ENSINO MÉDIO

NESTA REVISTA DIDÁTICA APRESENTAREMOS, POR MEIO DE UMA NARRATIVA VISUAL, UMA PROPOSTA DE PRÁTICA INTERDISCIPLINAR DE LEITURA, ENVOLVENDO LITERATURA E ARTES VISUAIS. TRATA-SE DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA CRIADA PARA ABORDAR, EM SALA DE AULA, A OBRA DOM CASMURRO, DE MACHADO DE ASSIS, E DUAS HQS QUE RECRIAM ESSE ROMANCE. O OBJETIVO COM ESSA PROPOSTA É A FORMAÇÃO LEITORA DO ESTUDANTE DO ENSINO MÉDIO.



FORMAÇÃO LEITORA

Criação: Wanderley A. dos Santos

A SEGUIR VEREMOS COMO SE DESENVOLVEU A SEQUÊNCIA DIDÁTICA ENVOLVENDO LITERATURA E HISTÓRIA EM QUADRINHOS (HQ), TENDO EM VISTA A PROVOCAÇÃO DO INTERESSE DO ESTUDANTE NO ENSINO MÉDIO PARA A LITERATURA.

A ATIVIDADE FOI REALIZADA NO CENTRO DE ENSINO E PESQUISA APLICADA À EDUCAÇÃO - CEPAE-UEG.

A NARRATIVA VISUAL AQUI ESTÁ DESENHADA EM 7 MOMENTOS, A SABER:

- 1) ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO PEDAGÓGICO
- 2) APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA
- 3) DISCUSSÃO SOBRE A OBRA LITERÁRIA LIDA
- 4) RETOMADA DE NOÇÕES DE LINGUAGEM DA HQ
- 5) ANÁLISE COMPARADA DAS PRODUÇÕES DA HQ E LITERATURA
- 6) EXPRESSÃO CRIATIVA EM HQ PELO ESTUDANTE SOBRE O TEMA VISTO E EXPOSIÇÃO DOS TRABALHOS
- 7) AVALIAÇÃO DO PROCESSO.





OBSERVE QUE NO CEPAE HÁ UMA SALA DE AULA DESTINADA AO ESTUDO DAS ARTES VISUAIS E VAI SER UTILIZADA PARA A APLICAÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA PROPOSTA, MAS SE NÃO HOUVER UM ESPAÇO COMO ESSE EM SUA ESCOLA, UMA SALA DE AULA COMUM SERVE BEM.

COM TODOS OS MATERIAIS DIDÁTICOS DEVIDAMENTE ORGANIZADOS E DISPONÍVEIS, O PROFESSOR APRESENTA A PROPOSTA DE TRABALHO, EXPONDO SOBRE O OBJETO A SER ESTUDADO, OU SEJA, A RECRIAÇÃO DO TEXTO LITERÁRIO PELA E HQ, E DISCORRENDO SOBRE OS OBJETIVOS DA PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA.



COMO
SERÁ QUE
VAI SER?

**ETAPA 1:
PROFESSOR
APRESENTA A
PROPOSTA DE
TRABALHO**

O PROFESSOR FAZ UMA BREVE RETOMADA DO ROMANCE LIDO E RECRIADO PELAS HQS, LEVANDO OS ALUNOS A RELEMBRAREM A TRAMA, ASPECTOS DO CONFLITO, DO TIPO DE NARRADOR, DA CONSTITUIÇÃO DOS PERSONAGENS, DA SITUAÇÃO DO ENREDO NO ESPAÇO E NO TEMPO, E DO DESFECHO DA HISTÓRIA.

**A ESCOLA DEVE TER
RECURSOS
AUDIO-VISUAIS
BÁSICOS...**

**USE RECURSOS
AUDIO-VISUAIS PARA
FALAR DO TEMA
LITERATURA E HQ.**



ETAPA 2 :
APRENDENDO SOBRE
A LINGUAGEM DOS
HQS. COMO SE FAZ
UMA HQ?



O PROFESSOR APRESENTA AS TÉCNICAS BÁSICAS DE CRIAÇÃO DE HQ, PARA QUE OS ESTUDANTES PROCUREM SE EXPRESSAR USANDO O CONHECIMENTO ADQUIRIDO.

O OBJETIVO AQUI É MOSTRAR AOS ALUNOS COMO FUNCIONA A CRIAÇÃO DE UMA HQ E O QUANTO É COMPLEXO ELABORAR UMA VERSÃO DA LITERATURA PARA ESSA LINGUAGEM.



DEPOIS DESSA ETAPA, SE APRESENTAM AS RECRIAÇÕES DA OBRA LITERÁRIA ESCOLHIDA. É IMPORTANTE TER DUAS VERSÕES PARA QUE OS ESTUDANTES POSSAM COMPARAR OS ESTILOS DOS AUTORES.

ETAPA 3 :
NESSE PONTO SE
APRESENTAM AOS
ESTUDANTES AS
OBRAS PARA QUE
ELES VEJAM, AS HQS
BASEADAS EM
LITERATURA.

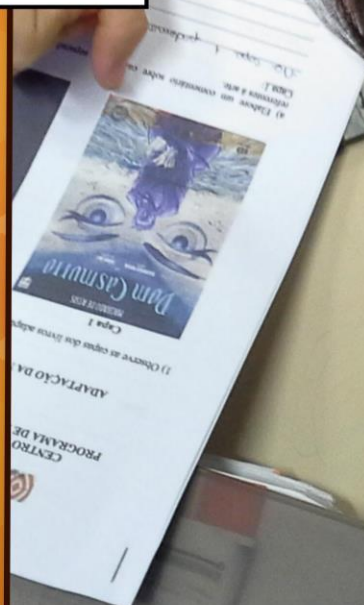
OBRAS DO GÊNERO HQ ESCOLHIDAS: DOM CASMURRO, SENDO UMA DE AUTORIA DE IVAN JAF (ROTEIRO) E RODRIGO ROSA (ARTE), DA EDITORA ÁTICA, E OUTRA DE FELIPE GRECO (ROTEIRO) E MÁRIO CAU (ARTE), DA EDITORA DEVIR.



PROPOSTA DE ABORDAGEM,
MEDIANTE MATERIAL DE APOIO
DIDÁTICO NA FORMA DE PROPOSTA
ESCRITA:

1) ANÁLISE DAS CAPAS DAS HQS,
OBSERVANDO AS DIFERENÇAS NO
ASPECTO DO ESTILO, USO OU NÃO
DA COR, JOGO COM O
CLARO-ESCURO, DESTAQUE OU NÃO
CENAS E DETALHES. OS
ESTUDANTES SÃO ESTIMULADOS A
FALAR SOBRE A QUESTÃO
APONTANDO DIFERENÇAS E
SEMELHANÇAS.

QUE COISA
DIFERENTE...



ETAPA 4 :

NESSA ETAPA OS ESTUDANTES IRÃO COMPARAR AGORA ALGUM CAPÍTULO QUE MAIS GOSTARAM DA OBRA LITERÁRIA LIDA. OBSERVE QUE JÁ DEVERÃO TER LIDO A OBRA ESCOLHIDA



VERIFICAR, NA SEQUÊNCIA DA TRAMA, AS CENAS ESCOLHIDAS PELOS QUADRINISTAS, A FIM DE OBSERVAR O QUE NA TRAMA ROMANESCA MARCOU OS AUTORES, PRINCIPALMENTE OS ROTEIRISTAS, E COMO OS DESENHISTAS RECRIAM ESSAS CENAS ESCOLHIDAS.



NESSA ETAPA, OS ALUNOS OBSERVAM A LINGUAGEM VISUAL DOS AUTORES, O QUE PRESSUPÕE O TRABALHO DE COMPARAÇÃO DAS INTERPRETAÇÕES DOS RECRIADORES. O PROFESSOR DEVERÁ FAZER PERGUNTAS SOBRE O QUE ELES ESTÃO VENDO DE DIFERENTE NAS COMPOSIÇÕES, NAS VERSÕES EM HQ. NESSE MOMENTO, TAMBÉM ENTRA EM CENA A INTERPRETAÇÃO DOS PRÓPRIOS ALUNOS, QUE AO LEREM O ROMANCE CRIARAM IGUALMENTE UMA IMAGEM DAS CENAS LIDAS.



ETAPA 5 :

DEPOIS QUE OS ESTUDANTES FALAREM DAS DIFERENÇAS QUE PERCEBERAM, DEVERÃO COLOCAR SUA OPINIÃO EM FORMA DE HQ...OLHA O DESAFIO PARA ELES...

PARA FACILITAR O MOMENTO...SERIA INTERESSANTE TRAZER AS VINHETAS, OU QUADROS PRONTOS FOTOCOPIADOS...JÁ QUE ELES, OS ESTUDANTES, NÃO PRECISAM SER ENTENDIDOS EM HQ, MAS, TEREM NOÇÕES GERAIS AQUI ESTÁ UM EXEMPLO DE VINHETA IMPRESSA.



AH...PODE PEDIR QUE FAÇAM COLAGEM, TAMBÉM, SOBRE O TEMA, UMA VERSÃO VISUAL. IMAGENS COM BALÃO, IMAGENS COLADAS POR ELES...DIVERSIFICA A TÉCNICA DE EXPRESSÃO VISUAL BASEADA NA LINGUAGEM DE HQ.



ETAPA 6 :
DEPOIS QUE TODOS DERAM
SUA OPINIÃO EM FORMA DE
HQ... TENTANDO USAR A
LINGUAGEM DOS QUADRINHOS
PARA DIZER ALGUMA COISA
SOBRE A VIVÊNCIA E AS OBRAS
VISTAS É HORA DE EXPOR OS
TRABALHOS CRIATIVOS
FEITOS.

A EXPOSIÇÃO PODE SER NO QUADRO NEGRO, NAS PAREDES DA
SALA, OU USANDOS AS CARTEIRAS MESMO DA SALA DE AULA. OS
ESTUDANTES VERÃO OS TRABALHOS DOS COLEGAS E O SEU
MESMO, PODENDO COMENTAR O PROCESSO COM OS COLEGAS E
SE DIVERTIR COM AS IMAGENS CONSEGUIDAS...
AQUI NESTA PAGINA PODE-SE VER UMA EXEMPLO DESSA AÇÃO...



ETAPA 7 :
O PROFESSOR AVALIA O
PROCESSO, PROCURANDO
VER ONDE PODE MELHORAR,
NAS ETAPAS VIVENCIADAS. E
QUAIS CONTRIBUIÇÕES
DERAM OS ESTUDANTES.



COM O OBJETIVO DE AVALIAR A PROPOSTA DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA, ALGUMAS PERGUNTAS
PODEM SER LANÇADAS AOS ALUNOS:

- A) O QUE ACHARAM DA PROPOSTA DESENVOLVIDA?
- B) APÓS A APLICAÇÃO DO PROJETO, HOVE UMA MAIOR APROXIMAÇÃO DA OBRA LITERÁRIA LIDA?
- C) QUAL SUA PREFERÊNCIA QUANTO AO GÊNERO DE TEXTO ENTRE OS LIDOS?
- D) COMO FOI A EXPERIÊNCIA DE SE EXPRESSAR PELA LINGUAGEM DA HQ?
- E) FICARAM MOTIVADOS A LER MAIS HQS BASEADAS EM LITERATURA?

DICAS DE WILL EISNER

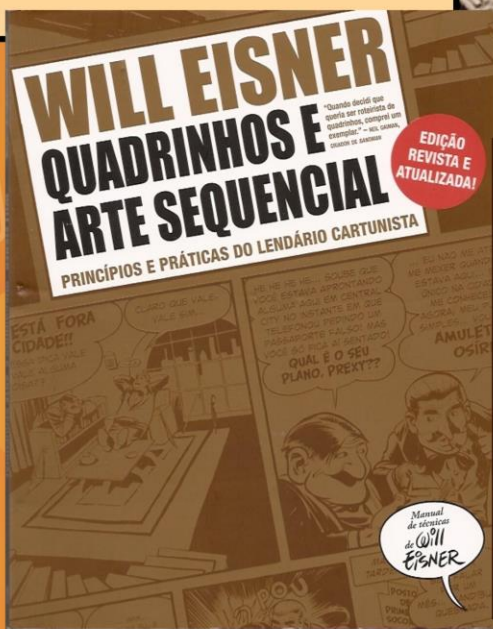
A SEGUIR ALGUMAS "DICAS" DE WILL EISNER SOBRE COMO ELABORAR UMA HISTÓRIA EM QUADRINHOS COM SEUS PRINCIPAIS ASPECTOS. EISNER É CONSIDERADO O MESTRE DA NARRATIVA EM HQ NA HISTÓRIA DA ARTES VISUAIS.

PARA TORNAR MAIS DIDÁTICO AINDA, O AUTOR PROPÕE UMA SEQUÊNCIA VISUAL, QUE É O RESUMO DESSE PROCESSO DE CRIAÇÃO, ROTEIRO DA HISTÓRIA FINAL. NA IMAGEM ABAIXO (FIG. 12, SE PODE VER A TRANSMUTAÇÃO DO TEXTO EM IMAGEM VISUAL, DENTRO DE UMA PERSPECTIVA HÍBRIDA, TEXTO E IMAGEM, CRIANDO UMA TERCEIRA REALIDADE: ARTE SEQUENCIAL (HQ). PARA SE CONSTRUIR UMA NARRATIVA VISUAL GRÁFICA, EISNER ORIENTA QUE SE DEVE TER ATENÇÃO AOS ENQUADRAMENTOS, CRIANDO UM RITMO VISUAL QUE AGRADE AO LEITOR E PROPORCIONE UMA RICA NARRATIVA. ESSA IMAGEM DO PROCESSO É BASTANTE ELUCIDATIVA SOBRE COMO SE DÁ A DINÂMICA DE TRANSMUTAÇÃO DO ROTEIRO PARA A SEQUÊNCIA GRÁFICA. HÁ A NECESSIDADE DE SE CAPTAR A PARTIR DO ROTEIRO O ESTILO DO ESCRITOR, TRANSFORMÁ-LO NUMA OUTRA LINGUAGEM, MISTO DE VISUAL E VERBAL.

A GRANDE CONTRIBUIÇÃO DIDÁTICA DE EISNER ESTÁ NO SEU LIVRO QUE ABORDA A COMPOSIÇÃO ORIENTADA DE ARTE SEQUENCIAL, AQUI NESTE TRABALHO SINÔNIMO DE HQ. A PRIMEIRA COISA PARA SE INICIAR A CRIAÇÃO DE UMA ARTE SEQUENCIAL (HQ) É O ROTEIRO, A HISTÓRIA ESCRITA, DE FORMA QUE SE POSSA IR CONSTRUINDO A TRANSMUTAÇÃO TEXTUAL PARA VISUAL



TUDO COMEÇA COM O ROTEIRO DAS CENAS A SEREM MONTADAS, DESENHADAS, EXPLICA EISNER.



QUADRINHO 1

NARRATIVA: Enquanto isso...

ESPÍRITO: "Escute aqui, Dolan, a cidade está infestada com os bandidos de Granch. Você tem que fazer alguma coisa."

DOLAN: "O quê? Eles não fizeram nada!"

CENA: É noite, depois do expediente, no gabinete de Dolan. A única luz vem da lâmpada na escrivaninha de Dolan. O Espírito está olhando pela janela — para a cidade. Trata-se de um gabinete de um comissário de polícia de uma grande cidade.

QUADRINHO 2

ESPÍRITO: "ainda!!"

CENA: O Espírito, pensativo, ainda olhando pela janela.



DEPOIS, DEVE-SE FICAR ATENTO DE COMO FAZER UM ENQUADRAMENTO QUE ATENDA A CADA CENA ELABORADA NO ROTEIRO, ASSIM O ENQUADRAMENTO VARIA DE ACORDO COM A NECESSIDADE DA HISTÓRIA, COMO SE PODE VER NOS EXEMPLOS ABAIXO:



FIGURA INTEIRA



MÉDIA



CLOSE-UP



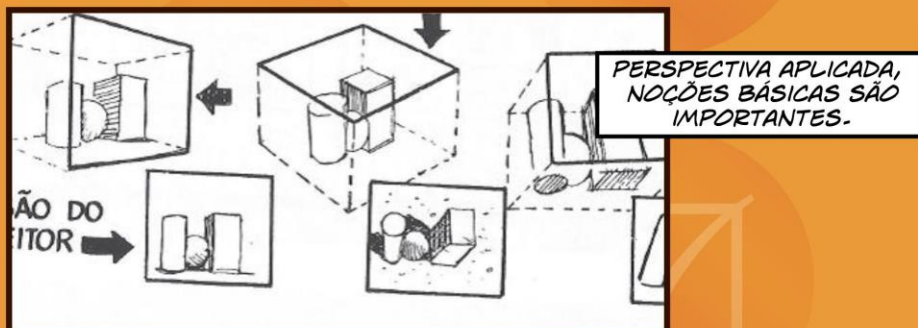
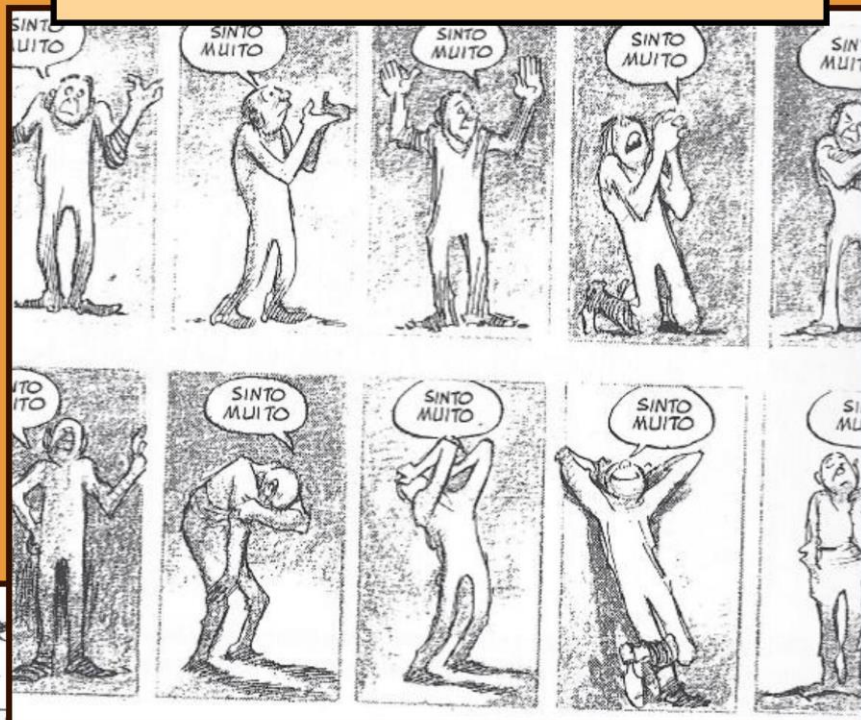
A cabeça gorda (B) sugere um corpo gordo.



AQUI NOTA-SE UM EXEMPLO DE COMO USAR OS REQUADROS DE FORMA MAIS EXPRESSIVA NA HQ.



NA SEQUÊNCIA DOS QUADROS, "DICAS" DE USO DA FORMA HUMANA E EXPRESSÕES E MOVIMENTOS CORPORAIS DAS FIGURAS. E, TAMBÉM, EISNER MOSTRA A IMPORTÂNCIA DO USO DA PERSPECTIVA ARTÍSTICA E DOS BALÕES NAS CENAS.



OS ENQUADRAMENTOS EXPRESSIVOS DÃO RITMO ÀS NARRATIVAS VISUAIS.



Durante
todo o dia
a chuva
despenhou
sem piedade
sobre o
Bronx

Os esgotos transbordaram
e as águas invadiram
as calçadas.



USO EXPRESSIVO DAS LETRAS, QUE SE APRESENTAM INTEGRADAS À CENA, DENOTANDO EMOÇÃO COM TEXTO ESCRITO E IMAGEM.

SÃO PEQUENAS "DICAS" VISUAIS DE WILL EISNER, MOSTRADAS NESSES QUADROS, QUE PODEM ABRIR AO INTERESSADO NOVOS CAMINHOS DE EXPRESSÃO VISUAL EM HQ. COM UM POUCO DE PESQUISA, FICARÁ BEM MAIS RICO O TRABALHO DO PROFESSOR. VEJA O LIVRO:

EISNER, W. **QUADRINHO E ARTE SEQUENCIAL**. SÃO PAULO: MARTINS FONTES, 2001.

OBSERVAÇÃO: A SEQUÊNCIA DIDÁTICA PROPOSTA AQUI PODE SER AMPLIADA PARA DIVERSOS NÍVEIS DE EXPLORAÇÃO EXPRESSIVA, ENTRE LITERATURA E HQ, PORÉM, ISSO FICA A CARGO DE VOCÊ, PROFESSOR. AQUI FOI APRESENTADO UM EXEMPLO DE COMO PODE SER DESENVOLVIDA ESTA INTER-RELAÇÃO DISCIPLINAR ENTRE LITERATURA E ARTES VISUAIS.

COLEGA PROFESSOR, ESPERO QUE ESTA PROPOSTA O INSPIRE A ELABORAR A SUA SEQUÊNCIA DIDÁTICA.

UM ABRAÇO!





A arte interpreta o mundo e dá forma ao
informe, de modo que, ao sermos educados
pela arte, descobrimos facetas ignoradas dos
objetos e dos seres que nos cercam.

Tzevan Todorov